

Coelho Neto

O
Paraiso



2
77730

COELHO NETO

O Paraiso



2
77730

Obras de GUERRA JUNQUEIRO

*A selhica do Padre Eterno, 1 v.
A vitória da França.
Baptismo do Amor.
Pátria, 1 vol.
Fim do Patrim.
O Crime.
A Lágrima.
Oração à Luz.
Oração ao Pão.
Poesias dispersas.
Prozas dispersas.
Horas de combate.
O Caminho do Céu*

NO PRELO

O Prometeu.

P. MANUEL BERNARDES

NOVA FLORESTA

ou Silva de vários apotegmas e ditos sentenciosos, espirituais e morais. Nova edição em 5 volumes com um estudo preambular sobre o autor por José Pereira de Sampaio (Bruno).



2052

Obras de EÇA DE QUEIROZ

O Crime do Padre Amaro, 1 v.
O Primo Bazilio, 1 vol.
O Mandarim, 1 vol.
Os Maias, 2 vol.
A Relíquia, 1 vol.
Correspondencia de Fradique
Mendes, 1 vol.
A Ilustre casa de Ramires, 1 v.
A Cidade e as Serras, 1 vol.
Prosas Barbaras, 1 vol.
Contos, 1 vol.
Cartas de Inglaterra, 1 vol.
Cartas familiares, 1 vol.
Eccos de Paris, 1 vol.
Notas contemporaneas, 1 vol.
Ultimas paginas (manuscriptos ineditos), 1 vol.
As minas de Salomão (tradução), 1 vol.

NOVAS OBRAS PÓSTUMAS :

A Capital, 1-vol.
Conde de Abranhos, 1 vol.
Tragedia da Rua das Flores, 1 vol.
Paginas esquecidas, 1 vol.
Correspondencia, 1 vol.
Notas de Viagem, 1 vol.
Alves & C.^a



O PARAISO





COELHO NETTO

COELHO NETTO

85536 R

O PARAISO

EXCELSA FANTASIA

SEGUNDA EDIÇÃO DEFINITIVA



PORTO

Livraria Chardron, de Lello & Irmão, L.da
editores — Rua das Carmelitas, 144

Hillaud e Bertrand — Lisboa-Paris

—
1926

Obras de COELHO NETTO

- | | |
|--------------------------------|----------------------------|
| Serião. | O Morto. |
| A Bico de Penna. | Rei Negro. |
| Agua de Juventa. | Capital Federal. |
| Romanceiro. | A Conquista. |
| Theatro, vol. I (O Relicário, | Tormenta. |
| Os Raios X, O Diabo no | Tréva. |
| corpo). | Banzo. |
| Theatro, vol. II (As Estações, | Turbilhão. |
| Ao Luar, Ironia, A Mu- | O meu dia. |
| lher, Fim de Raça). | As Sete Dóres de Nossa Se- |
| Theatro, vol. IV (Quebranto, | nhora. |
| comédia em 3 actos, e o | Balladilhas. |
| salnete Nuvem). | Pastoral |
| Theatro, vol. V (O dinheiro, | Vida Mundana. |
| Bonança, e o Intruso). | Patinho torto. |
| Fabulario. | As quintas. |
| Jardim das Oliveiras. | Scenas e perfis. |
| Esphinge | O Paraíso. |
| Inverno em Flôr. | |
| Apologos, contos para crian- | NO PRÉLO |
| ças. | Feira livre. |
| Miragem. | Immortalidade. |
| Mysterios do Natal, contos | Bazar. |
| para crianças. | Theatro lyrico. |



A propriedade litteraria e artistica está garantida em todos os países que adheriram á convenção de Berns — (Em Portugal pela lei de 18 de março de 1911 — No Brasil pela lei n.º 2577 de 17 de janeiro de 1912).

ARTES GRÁFICAS — PORTO



I

O CENTRO

Feliciano Themistocles Sardinha, neto de fer-rador e filho de tamanqueiro, teria continuado a tradição calcante dos seus maiores, apurando-a ao tambo, diante da tripéça, com a sola e a sovela, o biségre e a bucha, se a mãe, zarelho feixe d'ossos ligado a nervos, não o houvesse subtraído ao meio achavascado das falcas e das maravalhas, matriculando-o em uma escola publica da vizinhança, com recommendação ao mestre, caôlho mal enca-rado, para que «puxasse por elle, cascando-lhe sem pena quando fôsse preciso.»

O pequeno, que era sorumbático, avesso a brin-quedos, sempre encorujado pelos cantos, escarfun-

chando as ventas com o fura-bolos, revelou-se na aula impermeavel aos numeros. Aos sabbados a mãe esperava-o com cataplasmas de linhaça, porque era certo tornar da escola de mãos inchadas e fôfas como rabanadas, com o que muito rejubilava a escanifrada matrona achando que o mestre ... «aquillo é que era um homem!»

O tamanqueiro olhava d'esguelha, casmurro, e, emborcando no trabalho, convinha, de si consigo que «para o amanho da vida não havia como um officio. Isso de livros ... cumbersas ...! As mãos fê-las Deus para o trabalho e não para palmatorias. Que se aviessem lá com as caraminholas dos livros e o deixassem em paz.»

Feliciano esteve, por vezes, para arripiar carreira e, se a energica matrona não o fôsse afuroar nos socavões, onde se alapardava, encolhido, levando-o ao mestre pelas orelhas e com ameaça de o pôr a pannos de arnica, se o soubesse apandilhado com vadios, que gazeavam nas praias chapinhando na onda ou escavacando tatuhys na areia, teria succedido ao pai no tambo e na fôrma.

Em tres annos de cafúa e bolos conseguiu elle chegar á feira do Simão de Nantua e ás contas de dividir. Nessas alturas morreu-lhe a mãe.

Pai e filho vestiram-se de luto e o tamanqueiro, para consolar-se, desde que regressou do cemiterio até a missa do setimo dia, não fez mais que be-

ber e bramar lastimas, distillando em lagrimas um decimo de Cartaxo.

Mas a vida retomou o seu curso normal voltando o viuvo aos tamancos e Feliciano aos livros. Já o estudante frequentava o barbeiro e certas casas de cantarola e mangalaxa, que tresandavam a ar-ruda e a defumações, quando prestou exame de portugûes na Instrucção Publica.

Estrondou em Camões. Insistiu no anno seguinte : tiro ! O vernaculo, para o infeliz, era como mina de polvora : era elle chegar-se-lhe e logo retumbava a explosão com estilhaços de solecismos.

O tamanqueiro pasmava de que lhe reprovasssem o filho na lingua que todos os do seu sangue falavam desde que se entendiam e era de burros para baixo aos examinadores e pescoções e pontapés nos aprendizes.

Na terceira investida, com uma colla em sanfona e varias cartas de recommendação, Feliciano escafedeu-se a quatro dos Lusiadas, albardado com um simplesmente. Houve bródio na officina e o tamanqueiro, orgulhoso do filho, acarrou-se com vinho tinto e canna.

Mas a morte rondava o bom homem. Sentindo-se, uma noite, amollengado, bebeu um arrobe de paraty queimado em mascavinho, e deitou-se sob uma montanha de lans.

Como ás dez horas da manhan seguinte não dêsse

acordo de si, elle que, ás cinco, já andava pela officina, aos berros, tresandando a agua-ardente, o contra-mestre foi vê-lo. Achou-o immovel debaixo das cobertas. Sacudiu-o, chamou-o, apalpou-o. Estourára.

Feliciano, já maior, entrou na posse da herança. Vendeu a tamancaria e, com tres casas na Cidade Nova, uns terrenos de horta em Catumby, e algumas apolices, aprumou-se na vida. Tomou commodo em uma casa de pensão da rua de S. José, em frente á igreja do Parto, e, á noite, para espairecer, visitava os *sebos* da vizinhança.

Foi um delles, o velho Serafim, quem lhe incutiua nalma, com poinha e traças, o gosto dos alfarrabios. Feliciano tornou-se bibliophilo e o seu maior prazer era passar os dias a um canto da livraria, sentado numa pilha de bacamartes, examinando cadeixos, batendo-os, esgaravatando-os e apartando os mais curiosos para que o caixeiro lh'os levasse á casa, á noite. E era elle quem, verdadeiramente, fazia a limpeza da livraria, com lucro para o Serafim, que lhe impingia todos os rebutalhos.

Aos vinte e cinco annos prestou concurso na Secretaria do Imperio e, como possuia boa letra e certo conselheiro, «camoneano» acirrado, com quem se acamaradara na polilha do alfarrabista, interessou-se por elle, foi nomeado.

Desde o dia em que, pela primeira vez, esfregou

as mangas de alpaca na mesa burocratica copiando, com a sua retorcida calligraphia, minutas officiaes, serio como um juiz, com os oculos de ouro scintillando, despertou a attenção dos collegas que o acharam um « typão ».

Um amanuense fez-lhe a caricatura e o segundo official Sebrão, egyptologo, entendido em mummies e em hieroglyphos, descobrindo-lhe no carão magro traços do canino Anubis, todo o functionalismo passou a designa-lo por tal nome.

O proprio ministro chamando-o, um dia, á sua presença, tratou-o cerimoniosamente de « Sr. Anubis », com o que não se surpreendeu Feliciano, que até levemente sorriu, desvanecido, retirando-se do gabinete com ar impante e o coração alvoroçado, como se houvesse recebido elogio ao seu merito consideravel.

Hoje, chefe de secção, Feliciano é tido em alta conta pelos collegas que o respeitam e admiram, posto que um bacharel dicaz ande sempre a anotar-lhe os erros de orthographia, cochichando maledicencias que o desabonariam como varão virtuoso, se a compostura da sua presença, a ponderação da sua palavra não fôsem desmentidos formaes aos aleives do invejoso pasquino.

Os velhos defendem-no :

« Erros de orthographia . . . Quem os não commette ? O que elle é é um distrahido. Estuda de

mais. Se tivesse nascido na Allemanha seria uma celebridade universal; como nasceu no Brasil é uma besta!»

O proprio Feliciano, justificando as suas distrações frequentes, por vezes ridiculas e até compromettedoras, disse-me, um dia, com a sua palavra calma e reveladora, que sempre parece vir carregada de sciencia, tão lenta e ponderada lhe discorre dos labios :

« Que não sahe de casa sem levar dois ou tres dictames para os ir digerindo vagarosamente pelo caminho. »

Para conhecê-lo bem não ha como procurá-lo em casa, onde vive de *robe de chambre* e chinellas, mergulhado entre substanciosos livros que encobrem as altas e encardidas paredes da sala e entulham o corredor e o socavão. Não ha mobilia na grande sala, que uma lampada pensativa alumia sem fulgor, abrindo claridade apenas bastante para que se não confundam as letras dos livros nem se perca de vista o tecto, onde, á maneira d'atomos, parecem esvoaçar ideias. Ha apenas uma mesa pequena, redonda, pousada em tres pés escarranchados em garras, que é o altar do oraculo.

Os amigos que procuram esse divino espirito, alimentado no berço por abelhas descendentes, talvez, das que estillaram o mel com que foi temperado o estylo de Platão, sentam-se profanamen-

te sobre *in-folios*, repousam os pés em brochuras, caminham por um erudito tapete de monographias e, ás vezes, quando uma lufada reboja pelas janelas, folhas soltas levantam-se e esvoaçam e a gente tem de andar aos pulos, apanhando-as no ar, para que não fiquem truncados repositórios maravilhosos de sciencia.

De uma feita, com um pé de vento, foram parar á rua os *Versos de ouro* de Pythagoras e outras folhas avulsas. É verdade que, como o anel de Polycrates, tornaram a seu dono, porque o carvoeiro visinho agachou-se sollicitamente, apanhando na sargeta as preciosidades. Mas quando Feliciano recebeu o maço das mãos denegridas do homem, amargo sorriso franziu-lhe os labios e eu logo percebi desgosto na physionomia benigna do mestre, e como, com indiferença, elle abandonasse o salvado sobre uma rima de livros, precipitei-me zelosamente para enxugar e limpar o precioso escripto e apenas vi, amarfanhados e gotejantes, varios rões de roupa e uma velhissima folhinha de Ayer. O vento levara para longe o que valia, deixando o inutil.

Elle nem um suspiro teve, limitando-se a dizer, com estoicismo :

— « Não te incommodes : eram coisas velhas e muito sabidas ».

Muito sabidas ! Isso queria dizer que Feliciano

nada perdera, porque tinha tudo armazenado. Da sua memoria nenhum vento varrerá, por certo, os versos esotericos do grande iniciado.

Podem voar todas as paginas, podem vir abaixo as muralhas encadernadas, a traça voraz pôde roer todas as brochuras, Sardinha fez o mais perfeito seguro guardando no cerebro, largamente abastecido, toda a sciencia complexa e vária da sua bibliotheca, onde estão representados, sem falha de um só, todos os ramos dos conhecimentos humanos; onde ha de tudo, promiscuamente, desde Homero e os poetas cyclopicos da India, accumuladores de glockas, até folhetos anonymos, que elle traz muito vigiados, porque nas horas obtusas da digestão, para espairecer o espirito obsidiado pela duvida com que sempre sahe das brenhas da philosophia, alonga-se na rede, apanha, ao acaso, uma brochura leve, ás vezes um poeta obscuro, de rimario chilro, alguma monographia sobre agricultura ou um manual de cozinha e lê, anotando á margem conselhos como os de Hesiodo a Perses ou accrescentando, com o gosto de Savarin, uma receita appetitosa para regalos sybariticos.

Vive com sobriedade espartana: almoça frugalmente ovos e leite, janta um caldo, uma fêbra de carne e uma salada; não bebe e o seu leito é duro e sem lan.

Acompanham-no tres gatos felpudos, que dor

mem sobre os *in-folios* e afiam as unhas nas lombadas dos livros, e uma alleman.

Dessa criatura disse-me Feliciano a historia, justamente no dia em que tive a ventura de conhecer-lhe o lar. Encontramo-nos na rua do Ouvidor, á tarde, e fomos juntos á coalhada. Á mesa, diante das tigellas, elle falou-me :

— Vai você conhecer o meu tugurio. Em livros ha ali alguma coisa ; além dos livros umas gravuras, o manuscripto de um poema chinês, dádiva de um amigo que viajou todo o Oriente, e uma senhora alleman, viuva de um naturalista, que morreu de febre no Amazonas. É typo inteiriço de virtude e sabedoria. Uma Minerva !

Um dia li no *Jornal do Commercio* que uma senhora estrangeira, sem compromissos, viuva, de educação primorosa, offerecia-se para tomar conta da casa de um viuvo. Não sou viuvo, mas é como se fôsse : o celibatario é viuvo de nascença. Mas sempre me pareceu que eu tinha alguma lacuna na vida e logo que li o annuncio vi claro no meu destino : o que me faltava era aquella senhora. Fui direito ao endereço, encontrei a dona das iniciaes, conversamos e, no dia seguinte, a minha casa tinha alegria e ordem : Eva surgira para consolo de Adão.

Sorriu ; logo, porém, reassumindo a gravidade, explicou :

— Isto é um modo de dizer, porque vivemos

como irmãos : ella, num quarto ; eu, noutro. Você vai vê-la e ouvi-la. E' o que se chama uma mulher. No original é Wilhelmina, que eu traduzi em Guilhermina. É loura, ainda moça.

Anoitecia quando chegamos á casa veneravel. Entramos para a sala, onde deixamos os chapéus, passando logo ao gabinete de trabalho e foi ahi, no santuario dos livros, que me appareceu a virtuosa senhora.

Era alta, loura, de olhos claros. Vestia, fresca e graciosamente, de cassa, com flôres estampadas a vermelho. Vê-la e lembrar-me de certa casa na rua do Lavradio, com cortinas ás janellas, cadeiras com pannos de crochet, quadros lubricos e um lampião de kerozene sobre a mesa de jacarandá, ao centro da sala, em cujo fundo havia uma porta, abrindo sobre um leito, foi tudo como um relampago.

Nessa casa vivia uma russa, muito da minha amizade, e essa russa não era outra senão a mesma alleman, viuva do naturalista fallecido nos alagadiços dos seringaes.

E o aperto de mão, rijo e cáldo, e o olhar longo e risonho com que ella me fitou convenceram-me de que eu acertara e de que o mestre recolhera no seu lar austero, não a Minerva immaculada e rispida, mas a Venus generosa e facil. Emfim... talvez se houvesse regenerado, renegando o vicio como renegara a patria.

Tive, porém, prova segura do contrario no momento em que o mestre, pedindo-me licença, foi ao quarto buscar cigarros. A alleman, ou melhor : Sonia, levantou-se de golpe, tremula, como suffocada, relanceou o olhar pasmado em volta e, d'arremesso, disse-me em rosto, com alvoroço alegre :

— Você !

E eu, como se, num beijo, lhe assoprasse o nome, respondi com emoção :

— Sonia !

E ficamos frente a frente, olhando-nos, sorrindo-nos ; e ella trincou ferozmente o beijo com um sôrvo chuchurreado, torceu as mãos, dobrando os olhos como em desmaio e eu já me decidia a ampará-la quando o mestre tossiu apparecendo logo em seguida a louvar o conforto :

— Deixem lá ! Não ha como as chinellas quando se tem um callo. Você desculpe-me.

— Oh ! á vontade. Eu tambem, em casa, é como ando.

E foi assim que entrei na intimidade daquelle lar. Mas a verdade é que se deve a Guilhermina a conservação do sabio e da bibliotheca porque, se ella tempera o caldo e lardeia a vitella, vianda com que se fortalece, de preferencia, o meu inestimavel amigo, se substitue os amarellentos lençóis de madapolão grosso e forte, panno proprio para forrar o grabato de um pensador, nos claros dias quentes

escancara as janellas para que o sol invada a sala e preserve do mofo o grande e magnifico emporio de sabedoria.

Na vida publica, Feliciano trata-a com deferencia e soberania, de *senhora*; privadamente, quando dilata a alma no seu *robe de chambre*, não sei se prevalece o mesmo appellativo respeitoso. Verdade é que Wilhelmina manda e desmanda na casa e com tão alto despotismo que, certa vez, num memoravel domingo, faltando lenha, valeu-se de um glossario antigo e, lentamente, folha a folha, ateou com ellas labaredas magnificas que tostaram uma odorante *omelette* e fizeram ferver agua para o café. Todas estas informações e outras mais intimas e curiosas, tive-as eu d'ella propria, num dia em que, deliciosamente e durante quatro horas, que me pareceram minutos, revivemos o passado de que andavamos saudosos.

Enfado da vida ramerrameira, com a monotonia tediosa das horas, a subordinação do espirito aos sentidos, todos os aborrecimentos da enfadonha existencia material, Feliciano enveredou pelos estudos tenebrosos.

Leu, com avidez e fé, a *Demonomania*, de Bodin; *O mundo encantado*, de Balthasar Becker; *Os tres livros da apparição*, de Loys Lavater; as obras de Crespit; as *Controversias e pesquisas magicas*, de Delrio; os *Prestigios*, de Wier; a obra clas-

sica de Frederico Hoffmann : *De diaboli potentia in corpora* e fez-se demonista.

Citava, com familiaridade, os nomes de Lilith, principe dos succubos ; de Amy, primeiro presidente da côrte infernal ; de Androalphus que, algumas vezes, ás sextas-feiras, lhe apparecia sob a fórma de pavão ; de Minoson, patrono dos jogadores ; de Valufar, de Succor-Bénoth, o demonio do ciume, chefe dos eunuchos do serralho de Belzebuth ; de Rimmon, de Nysbrock e de outros, e dizia, naturalmente :

« Estive hontem, á noite, com Nergal ou Melcora », como se dissesse : « Passei meia hora com Fulano ou Sicrano no *Munchen*, bebendo chópes ».

Sabia de cór as litánias do Diabo, conhecia todos os processos e formulas de invocações e esconjuros e mostrava aos intimos, com acatamento devoto, um pacto escripto com sangue das suas veias, onde havia um chamusco que elle affirmava, com mysterio, ser a rubrica authentica do Grande Adversario.

Longos mezes andou elle em contubernio com infernaes até que uma hepatite grave o prostrou com muita ansia e bile.

Guilhermina, que vivia apavorada, procurando pretextos para convencê-lo a abandonar o Demo, espalmando a mão besuntada em banhas e linimentos sobre o ventre impanzinado e empedernido do

mestre, enquanto o envernizava sedativamente, ia-lhe dizendo, em dôce algaravia, que pensasse bem e visse que tudo aquillo era resultado do commercio que elle mantinha com o Maldito e, com muita palavra e quatro ou cinco potes de unguentos, conseguiu arredar do tumulto e do inferno o illuminado socio de Belzebuth.

Quando elle sahiu do quarto, escanifrado e livido, nem restos encontrou dos terriveis *in-folios*: haviam tido sorte igual á que tiveram os grandes livros de cavallaria da bibliotheca de D. Quixote.

Todavia, para que os demonios despeitados, principalmente succubos e ephialtas, não lhe perturbassem o somno, foi necessario que, apezar da incredulidade atheista, elle fôsse ao Castello pedir exorcismo a um barbadinho e lhe entornasse no largo peito toda a lamuria do seu arrependimento.

Seguindo duplo regimen, purificador e tonico — banhos salgados e seis rosarios por noite — restabeleceu-se voltando aos seus amados philosophos e ás altas especulações. Mas a mania do sobrenatural persistiu-lhe nalma como fica no corpo o laivo de uma queimadura.

Temendo, porém, reatar relações com Belphegor e outros da mesma caterva, applicou-se ao estudo do espiritismo, apezar do seu lastro philosophico ser todo de solidas verdades materialistas.

Aprofundando-se na materia, derreado sobre a

obra primaz de Allan Kardec, em pouco tempo tornou-se o mais convencido espirita, senão do mundo, ao menos da cidade, ou da rua da Harmonia.

Todas as noites, invariavelmente, depois do chá com torradas, de chinellas e *robe de chambre*, caminhava com solemnidade, direito á sala, seguido de Guilhermina.

Entre os livros e os gatos, elle e ella (repito-lhe as proprias palavras) sentados diante da mesa de tres pés — a tripode — o busto a prumo, teão, os olhos fitos, projectando fluidos, as mãos agadanhadas aranhicamente sobre os dedos curvos, faziam uma prece intima e invocavam.

Immediatamente os espiritos, que já esperavam a chamada, irrompiam com fragorosa balburdia derrubando livros, escancarando portas, arrastando cadeiras, quebrando copos e moringues; outras vezes miando como gatos, chiando á maneira de arganazes, grunhindo e fossando nas pernas de Guilhermina, como porcos. O mestre, porém, dominava-os, chamando-os á ordem com a sua voz imperativa, só, desamparado de Guilhermina, que adormecia profundamente, com a cabeça entre os braços enrodilhados na mesa.

Elle mantinha-se, vigilo, imperterrito, attento, resistindo ao somno e a outras intimações da materia fragil, e só quando os gallos cantavam nos poeiros despedia os seus hospedes de além tumulo,

esfregava as pernas entorpecidas e, depois de confortativa visita ao guarda-comidas, recolhia-se ao quarto com muita verdade nalma e estrondosos bocejos.

Governando numerosos espiritos, que attendiam, com obediencia de servos, ao seu primeiro appello, Feliciano, de accordo com Guilhermina, resolveu fundar um centro modesto de investigações psychicas e, effectivamente, sem delongas, furtando um dia ao Governo, deixou-se ficar em casa á fresca, escrevendo a varios homens de varias categorias.

Para dar ao convite o necessario cunho esoterico não declarou os motivos da reunião, redigindo-o assim :

« Ill.^{mo} Sr . . . Conto com V. S.^a em nossa casa em a noite de 7 do corrente para assumpto de alcance transcendental, cuja solução, se Deus com ella nos quizer amercear, abalará a Sciencia, garantindo-nos lugar no ról dos bemfeitores da Humanidade e o titulo de — bandeirantes do Além. »

A sessão inaugural foi num sabbado.

Apezar das folhinhas annunciaram lua cheia a noite foi negra e de chuva.

Feliciano, com a austera sobre-casaca do serviço publico e a alleman muito arrufada em saias

de gômma, com uma dhalia sanguinea na cabelleira fulva; receberam na grande sala; excepcionalmente illuminada a dois bicos de gaz. Um d'elles, colmado por alparluz florido, concentrava a claridade despejandô-a em pyramide rutilante sobre as paginas doudas que o mestre meditava e sobre as tiras do papel official que tinha a ventura de ser a estrada branca por onde a sua pena, mais erudita do que uma universidade, ia deixando as luminosas riscas de tinta rôxa.

Nessa noite, de duradoura lembrança, a sala perdeu a costumeira severidade. Ornavam-na seis cadeiras de verga e amplo sofá onde, folgadoamente, poderiam sentar-se quatro ou cinco socios dos mais anafados e commodistâs.

A mesa, chamada « altar do oraculo », espanhada, envernizada, reluzia e só nessa noite verifiquei que era peça artistica de valor e muita antiguidade.

Sobre o fundo negro havia um barco dourado fugindo, a velas anchas, em mar de compridas vagas que, em verdade, e sem intenção de amesquinhar o artista de obra tão delicada, mais pareciam linguas de fogo e, maior que o barco, maior que as casas, quasi de todo o tamanho da taboa do precioso movel, uma ave feroz, de olhos minacissimos, abria desmedidas azas e a cãuda, encachhada em leque e oculada de discos escarlates, encobria grande parte do céu, que era todo de ouro,

No alto, porém, como se o artista, em ligeiro traço symbolista, houvesse querido significar a mesquinhez do homem diante da natureza, um chim triste, de cocoras, com o longo rabicho pendente, olhava estupidamente o Além.

Até as nove e meia da noite dos trinta convidados, apenas sete compareceram (sendo eu um desses) e, como começassem a fechar as vendas, Feliciano abriu a sessão, com mysterio, declarando o numero mais que sufficiente para o que tinha em vista. E a sua voz, mais dôce que um fio de mel, expoz os fins elevados da associação, que se installava sob tão magnificos auspicios.

Do muito que disse Feliciano no seu discurso, ou plataforma espiritual, ficaram-me alguns conceitos dos que mais impressionaram o auditorio :

«Meus amigos, o tempo é curto e rapido. O segredo da longevidade está na sabedoria. Quem estuda transpõe seculos. Á noite, em vez de perdermos horas em prazeres ephemeros, meditemos. No dia em que conseguirmos a grande victoria moral sobre os costumes, chantando o pavilhão glorioso da Psychica em todos os lares, substituindo, na familia, os divertimentos inuteis, como a dança, os jogos de prendas, por pequenas sessões de espiritismo pratico, partindo gradativamente da invocação de almas de crianças, para senhoras e menores, até a de espiritos poderosos, para adultos ; quando,

em vez de mesas de bisca, solo, voltarete, vispora, poker, jogos duas vezes perniciosos pelo que nelles se perde de tempo e dinheiro, só existirem mesas inspiradas ; quando as cartas cederem o lugar ao *medium*, o Universo terá attingido o maximo de perfeição e o homem, só espiritalidade, rivalisará com a propria Essencia Perenne.

Os vivos são cada vez mais governados pelos mortos. Ninguem hoje contesta este axioma dos positivistas. E que sabemos nós da morte ? nada. Pois indaguemos.

O ponto principal de todos os conhecimentos é o de interrogação. Façamos um circulo especulativo, penetremos os arcanos até hoje vedados, unamo-nos, esforcemo-nos porque póde muito bem ser que nos haja sido reservada a gloria de dizermos aos nossos irmãos em Christo a palavra suprema sobre a vida.

A chave do mysterio está commigo ! declamou solemne : Irmãos, unamo-nos pela Verdade e, conjugando as nossas forças espirituaes procuremos levantar o véu que esconde o rosto de Isis. »

Alguem sussurrou soturnamente :

— Amen !

Um dos presentes, homem de barba densa e ventre farto, estirou as pernas gordas e, derreando a cabeça, com a mão direita afagou a papada que lhe espocava do collarinho, com a esquerda poz-se a

sacudir os berloques da corrente, sem dar grande importancia ás palavras de Feliciano. Um magro, porém, calvo, de olhos miudos e trefegos, applaudiu com frenezi e, assomado, arrancando do bolso do collete, que se lhe engelhava no ventre, um bolo de papeluchos amarfanhados, atirou-o, com gana, ao altar do oraculo, clamando : « Que era de urgente necessidade uma instituição d'aquella natureza. Promettia todo o seu apoio ao *Centro*, mas queria saber se elle era infenso ao jogo dos *book-makers*. » Feliciano acenou que sim, por moral.

— Nesse caso contem commigo ! bramiu. Estou farto de pagar o pato. Olhem p'ra isto ; e o dedo hirto, nodoso, indicava o bolo de papeluchos : É todos os dias a mesma coisa. É um perder que não acaba mais. Já que a policia não providencia, façamos nós um grupo de resistencia contra o jogo.

E ergueu-se, arregalando os olhos, a mão estendida sobre a mesa, como um conjurado :

— Acabemos com a immoralidade !

Ninguém o acompanhou. O espanto parecia haver tolhido todas as linguas, paralyzado todos os braços. Foi Feliciano quem atalhou a furia do puritano com a sua palavra fria :

— Parece que não me entendeste, meu caro amigo.

— Como não ? Pois não queres dar um golpe forte e decisivo na jogatina ?

— Não, filho de Deus ; quero simplesmente fundar um centro de investigações psychicas.

Barroso (que assim se chamava o magro), ficou boquiaberto, d'olhos arregalados, mudo. Por fim, estendendo a mão, recolheu o maço de pãpeluchos e, dando de hombros, sentou-se murmurando :

— Pois eu pensei . . . e era uma idéa : um exercito de salvação nacional.

E, como Feliciano reproduzisse alguns trechos selectos do eloquente discurso que pronunciará, Barroso fechou os olhos e ficou torturando as mãos engelhadas e brancas, de grandes unhas rapaces.

Não havendo mais oradores que quizessem usar da palavra, Feliciano annunciou que ia correr o escrutinio para a eleição da mesa.

Guilhermina ergueu-se com estrepitoso farfalho de saias, espalhando na sala um bom cheiro de sandalo, e, alva, loura e graciosa como a propria deusa justa e digna do suffragio, foi de homem a homem, com uma cestinha de arame dourado, que Feliciano lhe dera, pelo Natal, com amendoas, recebeu as cédulas e, derramando-as na mesa, o mestre apurou honestamente : nove — os sete convidados, mais elle e Guilhermina, que também votou.

E a mesa ficou assim constituida : — *Presidente*, Feliciano Themistocles Sardinha ; *vice-presi-*

dente, Guilhermina von Guntzholtz ; 1.º *secretario*, Simão Canuto (o homem da barba densa); 2.º *secretario*, Vasques Porfirio ; *thesoureiro*, Manuel d'Anunciação ; *orador*, Miguel Barroso ; 1.º *medium*, Thomé Vitreiro ; *medium* supplente, o criado de Deus que escreve estas linhas. E para que não ficasse desclassificado um só dos presentes Tiburcio Lamenha foi eleito fiscal, cargo de terriveis responsabilidades, que exigia grande faro psychico para distinguir, entre os espiritos invocados, os de boa procedencia dos que vinham da Treva para perturbar os trabalhos. Para não provocar protestos e discussões, Lamenha, encolhendo os hombros, resignou-se.

Houve então uma scena solemne : Feliciano, levantando-se, estreitou nos braços todos os consocios, Guilhermina inclusivè, dando-lhes o beijo da fraternidade. O episodio foi commovedor, mas curto, porque a alleman, comprehendendo o olhar d'esguelha do mestre, ergueu-se como uma prophetisa e, quando esperavamos que dos seus labios, vermelhos e humidos, cahissem palavras oraculares, ouvimos, com alvoroço, o convite para a ceia :

— Vamos comer alguma coisa, irmãos. Emquanto andarmos neste val de lagrimas, escravidados á materia, havemos de pagar-lhe o tributo do pão e da carne.

— Bem caro nestes duros tempos! suspirou Canuto, já mastigando apperitivamente.

— Mas bem bom, deixem lá! commentou Vitreiro, d'olhos risonhos.

E, augurando victorias ao *Centro*, passamos vagarosamente á sala de jantar. Á mesa houve um só brinde, gravibundo e conciso: Á Alma Universal! Foi o mestre que o proferiu em tom hieratico, levantando á altura da fronte a taça de champagne.

E tal foi a cerimonia do lançamento e benção da pedra fundamental de uma das mais portentosas fundações do seculo: *O Centro Carioca de investigações psychicas*.

II

A REVELAÇÃO PSYCHICA

Não tendo eu comparecido á primeira sessão preparatoria do Centro e sabendo que Feliciano commentara-me a falta com resentidas palavras, resolvi procurá-lo na Secretaria para justificar-me. Fui. Não o achei e o director disse-me haver delle recebido communicação de que se achava doente, com o figado empedernido. Era o seu mal.

Tomei um tilbury e mandei tocar para a rua da Harmonia. Eram duas horas da tarde. O sol fais-cava nas pedras e a rua, deserta e calada, parecia dormir á sesta.

Ao parar diante da casa abriu-se, de chofre, uma janella, como se alguém estivesse á espreita por

traz das rexas verdes e Guilhermina appareceu ri-sonha, com os cabellos soltos esvoaçando.

O coração aldrabou-me no peito.

Paguei ao cocheiro e, na calçada, de chapéu na mão, respeitoso, pedi noticias do mestre. Mas o aceno rapido de cabeça, accentuado com malicioso esguelhar d'olhos, com que Guilhermina me mostrou discretamente a porta, lembrou-me a casa da rua do Lavradio e as horas inesqueciveis que ali passei com aquella mulher ao collo, bebericando e beijocando, enquanto o canario trinava e, na visinhança, uma serra rilhava áspera. Entrei.

O mestre não estava. Fôra a um leilão de livros raros.

Ella recebeu-me sorrindo, com estouvamento árdego e, logo, fechando a porta da sala, enrodi-lhou os braços no meu pescoço, envolvendo-me nos cabellos que cheiravam a soalheira.

— Esperavas alguém ? perguntei.

E ella, falando-me em rosto, languida, arru-lhou :

— O padeiro.

Estivemos presos num beijo longo que nos des-vairou. Os gatos vieram rondar-nos, corcoveando, a esfregarem-se-nos pelas pernas com resbunos acariciadores. Guilhermina enxotou-os. Sentamo-nos no sofá.

Eu ardia ; ella respirava aos offêgos, balançan-

do-nervosamente a perna cruzada; e eu via-lhe a ponta da sandalia vermelha, um pouco do pé gor-do e adivinhava o resto. Abri a cigarreira. Tirei um cigarro, Guilhermina outro e foi ella que riscou o phosphoro.

— Então você...?

— Mas escuta, Guilhermina: você na rua do Lavradio era russa?

— Sim, e mais magra. E apalpou-se macia-mente. Mas que importa a nacionalidade? era a mulher que sou. Naquelle tempo as russas estavam em moda.

— E agora aqui com o mestre... Como foi isto? Elle contou-me a historia de uma alleman, viuva de um naturalista, morto de febres no Amazonas, offerecendo-se, pelo *Jornal do Commercio*, para cuidar da casa de um senhor viuvo.

Guilhermina encarou-me pasmada e, como entreabrisse a boca, o fumo do cigarro fluia-lhe por entre os labios como de uma caçoula.

— Viuva?! Bôbo! murmurou em voz balofa.

Encolhendo os hombros, descahiu no sofá, abrindo crucialmente os braços no recosto e, levantando as pernas, poz-se a bater com os pés. Uma das sandalias cahiu. Levantei-a, calcei-a beijando um pedacinho da perna que meus olhos gulosamente contemplavam como um annuncio de nudez,

Dobrando a cabeça, d'olhos no tecto, a gorja a pino, arfando, repetiu d'olhos em alvo, ironica :

— Viuva! E casquinou. Já naquelle tempo elle ia lá em casa, disse baforando o fumo para o tecto.

— Na rua do Lavradio ?!

Ella affirmou de cabeça, accrescentando :

— Tinha pensão : duas vezes por semana. E cascalhou cynica. Quando me mudei para a rua da Lampadosa elle continuou com pontualidade, e sempre levando livros. Eram dois nesse tempo : elle e um velhinho, que me fatigava. Esse desappareceu devendo-me uma quinzena. Morreu, de certo. Muito aborrecido, sempre acatharrado e exigente como elle só. Nessa casa estive á morte e teria ido para a Misericordia se não fôsse cá o homem. Nada me faltou. Tive os melhores medicos, enfermeira, dieta e, quando melhorei, elle mandou-me para Minas, onde passei tres mezes e puz este corpanzil. Á volta elle foi esperar-me á estação, trouxe-me para esta casa e aqui estou. A vida é enjoada, mas tenho tudo e, quem sabe lá ! O diabo é . . .

Olhou-me amollecida e, chegando-se a mim, tomou-me a cabeça nas mãos, collou-me os labios na boca resmungando voluptuosamente. Foi horrivel e decisivo.

Quando sahimos do extase, exhaustos, eu insisti com ella para que me fôsse vêr na pensão, conhecer a minha vida, illuminar a minha cella de

solitario, aquecer o meu travesseiro frio com o sol dos seus cabellos. Ella recusou com o dedinho roseo, ponderando :

— Não, meu velho. Nada de maluquices. Tenho quebrado muito a cabeça. Comi o pão que o diabo amassou. Sei o que custa a vida ! Demais a mais, elle é teu amigo e, para mim, verdade, verdade : tem sido um pai. Aqui, muito bem. Fóra d'aqui, nada.

— Tens razão, concordei.

— Pois é. Não estamos tão bem ?

— Sim . . . mas . . .

— Qual mas . . . Aqui estamos em casa, á vontade. Até em noites de sessão, se quizeres. Dizem que velho não dorme . . . Pois sim ! Esse é uma pedra !

— E tu és a sepultura . . .

— Sepultura ! Eu ? ! Sepultura, porque ?

Inclinei-me a seu hombro e sussurrei-lhe ao ouvido uma malicia. Ella encostou-se a mim, languida, dengosa e, com um resmungo de gata, poz-se a puxar-me, a sacudir-me o beigo.

— E é assim mesmo, disse : pedra de sepultura. Que se ha-de fazer ? Mas é como te digo. Aqui, muito bem. E se fôr preciso que elle durma até de manhan, isso dorme. Ora se dorme ! Passei um anno no Cairo e seis mezes em Constantinopla e aprendi segredos de serralho que não falham. Não ha perigo. Fica por minha conta. Quando vens ?

— Sabbado, para a sessão.

— Pois sim. Espero-te.

Á despedida, no corredor escuro, ella atracou-se-me ao pescoço bambaleando-se voluptuosamente e, rosto a rosto, olhando-me nos olhos, perguntou amollengada :

— Ainda escreves nos jornaes ?

— De vez em quando, com pseudonymo.

— Que é isso ?

— Pseudonymo ? Pseudonymo é assim uma especie de sobretudo que a gente veste sobre o verdadeiro nome. Nas mulheres é capa. Tu, por exemplo : na rua do Lavradio eras Sonia. Qual será dos dois o verdadeiro ?

— Nenhum ! disse ella a rir apertando-me com frenesi, de labios abicados com a sofreguidão com que os implumes pedem cibo.

Beijei-a, beijo frio, beijo d'enfaro, e fui-me.

Foi na tempestuosa noite de 13 de Outubro que se realisou a primeira sessão ordinaria do Centro. Chovia a cantaros, a chamma do gaz ruflava espichando-se como a lingua de fogo de um maçarico. Eramos cinco em volta da mesá : o mestre, Guilhermina, Vasques Porfirio, Annunciação e eu, *medium*. Faltaram : Simão Canuto, Thomé Vitreiro e Lamenha. A meu lado, uma pilha de meias

folhas de papel, algumas com a marca da Secretaria, e uma duzia de lapis apontados.

Feliciano, muito chegado, a bem dizer : jungido á vice-presidente, relanceava os olhos fulgurantes pela sala, arrastava-os pelo soalho, mettia-os debaixo da mesa em afurão ciumento, para fiscalisar os pés inquietos de Porfirio, com reccio de contactos com os de Guilhermina ; levantava-os ao tecto, olhando, examinando e pareciam estirar-se-lhe das pupillas dois raios, como os que projectam os holophotes.

Accommodados todos, Annunciação pediu licença para acabar o cigarro e Guilhermina poz-se a coçar voluptuosamente o braço gordo. Eu, preparado para receber o mysterioso influxo do Além, espalmei a mão sobre a folha de papel, previamente numerada, e Feliciano disse com solemni-dade :

— Irmão Porfirio, toma conta do canivete para ires apontando os lapis á medida que o *medium* os fôr gastando. Annunciação, ficas encarregado do papel. É preciso que retires as folhas com presteza, substituindo-as immediatamente, para que se não perca palavra.

Voltou-se, então, para Guilhermina e, fitando-a, illuminando-a com os dois fôcos que incendiavam as grossas lentes dos austeros oculos de ouro, ficou immovel, á esperá da inspiração do Alto e nós to-

dos (eu com certa idéa a florir no cerebro) de olhos em fogo, encarávamo-lo.

Elle sorriu, tocou delicadamente o hombro da convertida, e disse-lhe :

— Irman, dispenso-te para que nos arranjes um chá com torradas. Sempre conforta. Que dizem vocês ?

Entreolhamo-nos e concordamos :

— Sim, é uma idéa.

Guilhermina obedeceu e, afastando as cadeiras, ficamos mais á vontade no circulo.

Fóra, na rua pacata, havia rumores de cachoeira, o vento ululava ; bátegas d'agua, atirando-se ás janellas, mandavam-nos uma garôa fina ao rosto e, triste, monótona, uma goteira estillava do tecto, a espaços, tinindo numa bacia de ferro, que a alleman solicita puzera no meio da sala para que a agua, esparralhando-se, não inutilisasse alguma pagina preciosa, das muitas dispersas pelo chão.

Feliciano falou solemne no silencio :

— Irmãos, concentremo-nos e invoquemos o espirito de Simão Carangolla, que foi na terra thesouro de virtudes excellentes. Elle é quem nos ha-de abrir a porta do Mysterio. Invoquemo-lo.

Fincaram-se todos os cotovellos na mesa, e todas as fronte, amparadas pelas mãos, inclinaram-se em recolhimento. E fez-se silencio lugubre. Estavamos assim estatelados quando ouvimos leve silvo.

Não era o vento que, esse, uivava com furia ; não era, tão pouco, voz de insecto ; e crescia, fragorava.

Subito a cabeça de Annunciação tombou, como se invisivel foice a houvesse decepado, e um sorvo estrangulado estortegou-se-lhe na garganta.

— Annunciação ! bradamos todos, pondo-nos de pé, á uma.

— Que sentes ? ! indagou o mestre, sacudindo-o pelos hombros.

Annunciação esgazeou em volta um olhar pasmado, bocejou escancelladamente e disse meneando com a cabeça :

— Decididamente á noite sou mesmo um bolas. Não posso ! Não está em mim. Invoquem vocês. Eu vou ali para o sofá fumar um cigarro.

Voltaram-se todos para elle e não sei como o desgraçado resistiu ao famoso olhar do sabio que, no dizer de Guilhermina, substituiu, com vantagem, o vasculho e o pó da Persia. Com os insectos era coisa de um relance : peor que pyrethro — mosquitos e moscas cahiam aos enxames ; as aranhas dependuravam-se das teias e seccavam ; baratas e centopêas espocavam e, nas camas, não havia sevandija que perdurasse.

Com a lagartixa, porém, já se fazia necessaria mais energia. O mestre cruzava napoleonicamente os braços, fitava com olhar sobreceinho o anima-

lejo e o misero punha-se logo a papejar, descollava-se do tecto ou da parede e batia no chão d'estalo, fulminado.

Annunciação, entretanto, mais duro, resistiu e bocejou de novo, derreando a cabeça.

Porfirio, inclinando-se sobre o mestre, como Judas, na *reia* do Leonardo, sussurrou :

— Está-me parecendo que Simão Carangolla baixou sobre elle. Aquillo não é somno natural.

Feliciano ergueu-se com os olhos esbrasidos e, imperativo, estendendo o braço e espalmando a mão acima da calva rutila de Annunciação, intimou :

— Simão Carangolla, se és tu que nos visitas, fala !

Annunciação encarou-o hebetado e, dando de hombros, estirou as pernas, dizendo com desgosto e certeza :

— Qual Carangolla ! O que eu tenho não é espirito, é somno. Á noite é assim. Se fôsse espirito eu diria, palavra de honra.

E a palavra de honra sahiu-lhe da boca muito aberta aos trambolhões num bocejo d'estrondo.

— Tens certeza ? insistiu o mestre.

— Ora se tenho ! E, com lastima : Nunca fui homem á noite, desde pequeno. Foi por isto que deixei os estudos. É uma calamidade !

— Então vamos nós.

E Feliciano pediu, de novo, que nos concentrassemos; e de novo concentramo-nos. Eu, de lapis em punho, braço em curva, esperava a intervenção do invocado.

Tremores, por vezes, agitavam-me o braço em vibrações electricas, o lapis dançava, coriscava no papel e a voz surda de Feliciano reclamou:

— Attenção!

Os olhos ardiam-me. Da mesa subiam anéis de fogo que se distendiam em encyclias, apagando-se. As palpebras pesavam-me, de chumbo. O rythmo do somno de Annunciação, em roncos, era regular como o de um pendulo. Fôra o temporal troava. Isso mesmo serenou em estiada e fiquei immovel, entorpecido como se me houvessem amarrado áquella cadeira psychica.

Mas Guilhermina appareceu annunciando o chá. Houve um surdo esfrolar que eu logo imaginei ser a debandada precipite dos espiritos que nos cercavam. Tornamos todos á realidade e, precedidos pelo mestre, passamos á sala de jantar. Eu fui o ultimo.

Guilhermina, como bôa dona de casa, ficara á minha espera, e quando cruzei com ella no corredor, senti-lhe a mão e ouvi-lhe a voz que me disse em sussurro:

« Não tomes chá ».

A ceia foi farta e repetida. Ao regressarmos á sala o relógio batia meia noite.

— Estamos na hora, declarou Feliciano.

Retomamos os nossos lugares e as attitudes hieraticas. Eu, de lapis em punho, pensava em Guilhermina e a sua recommendação, que eu observara, soava-me aos ouvidos como o tic-tac de um relógio : « Não tomes chá ».

O silencio era de impressionar. Mas um estrondo, como se algum movel houvesse desabado, atroou rispido. Levantei, de golpe, a cabeça.

Annunciação tombara no sofá e roncava. Porfirie deitara a cabeça sobre a resma, e dormia. Dormiam todos. O proprio mestre, derreado, com os braços flaccidamente abandonados, gargarejava um somno cheio.

Circumvaguei um olhar estarrecido. O silencio era completo, apenas, por traz de uma das estantes, rascava continuo e trépido ruido, como de rato a roer, acompanhado pelo resbuno de um dos gatos, que dormia enrodilhado em uma columna formada com os volumes do Larousse.

Mas no corredor sombrio um vulto, mais alvo do que o luar, assomou vagarosamente. Senti encoscorar-se-me a pelle em arripio, os cabellos puzeram-se-me hispidos na cabeça, espetados como palitos em paliteiro e a voz travou-se-me na garganta. E a visão aproximava-se, cada vez mais branca e já o meu braço erguia-se, os dedos crispados iam agadanhavar o pescoço de Braz Porfirio quan-

do, com emoção venusta, reconheci Guilhermina; Era ella ! Ainda que eu a esperasse, confesso que a sua apparição foi terrivel.

O que primeiro senti, sustando-me de todo o folego, foi como um murro no estomago. Quiz levantar-me ao aceno que ella me fazia da sombra do corredor, mas as pernas tremiam-me, frouxas : todo eu era um junco. Firmando as mãos á mesa soergui-me, olhando cautelosamente os companheiros adormecidos, mas os estalos seccos dos meus artelhos, depois dos joelhos, dos dedos das mãos, como se todo o meu esqueleto se desarticulasse, estrepitavam alarmantes.

A muito custo, recuando a cadeira, sahi da roda e, pé ante pé, com ranger crepitante dos borzeguins, que eram novos, cheguei ao balcão de Julieta, no caso a porta que abria sobre o corredor caliginoso.

Guilhermina conduziu-me pela mão . . . e etc.

A nossa cotovia foi um gallo da vizinhança. Ouvindo-o sobresaltei-me, puz-me de pé apavorado ; mas Guilhermina tranquillizou-me :

— Não ha perigo. Estão dormindo a somno solto. Elle, então, que tomou tres chicanas, só acordará lá para as onze.

— Mas é assim, Guilhermina ?

— No Cairo e em Constantinopla é assim . . . até mais ! Mas eu tenho meio de os despertar, socega.

— És feiticeira, meu amor ?

Ella sorriu e, puxando-me o beijo, poz-lhe na borda um beijo, que tiniu como moeda em mealhinho. Logo, porém, sahindo para a sala de jantar, segredou-me :

— Olha aqui.

Agachou-se diante do armario, abriu-o e, dentre toalhas e guardanapos, desentranhou um pacote e deu-mo.

— Que é isto ?

E ella, atafulhando com os linhos na prateleira do movel, explicou :

— É uma coisa que ficou aqui do Leocadio, que tambem se dizia espirita, coitado.

— Mas que vou eu fazer disto ?

— Não tinhas de escrever ?

— Sim, as communicações do espirito de um tal Carangolla.

— Pois então ? Isto é um escripto. Leocadio preparou-o para uma sessão, que não se realisou. Leva, põe em cima da mesa e, quando elles acordarem, impinge-o como teu.

— Mas isto é uma mentira, uma mystificação absurda. Como pôde um homem, em tão poucas horas, escrever quasi uma resma de almasso, Guilherme ? Não vês que é impossivel ?

— Não ha impossiveis para os espiritos.

— Nem para quem ama ! accrescenteí baboso.

— O que é preciso é que os impressiones, entendes ? que os domines, que te imponhas, (principalmente a elle) como um ente privilegiado. Se tal conseguires viveremos num céu aberto.

— E esse Leocadio, quem é ?

— Um rapaz de talento, de grande talento ! exaltou Guilhermina. Morreu. Ninguém sabe, ao certo, de que : uns dizem que de gripe ; outros affirmam que foi suicidio. Pobre coitado ! Foi tudo nesta casa. Quando cá o homenzinho andava com a mania do diabo, mania que lhe ia custando a vida, até dinheiro o Leocadio lhe arrancou, só porque, á meia-noite de uma sexta-feira de lua nova, andaram os dois ahi pelo quintal fazendo coisas com uma gallinha preta, sapos, terra de cemiterio e não sei que mais. O que havia de melhor á mesa era para o Leocadio e o velho estava a dar passos para mettê-lo na Secretaria quando, por imprudencia . . . E Guilhermina suspirou. Justamente na vespera da sessão em que elle devia communicar com o espirito não sei de quem, estando tudo preparado, como vês, houve aqui o diabo e Leocadio teve de fugir em mangas de camisa. No dia seguinte o velho mandou-lhe o paletó, o collete e o chapéu e ameaçou-o com um revolver se elle ousasse apparecer aqui á porta.

Guilhermina baixou os olhos pudicos e o seu collo farto arfou em onda de angustia.

Desconfiado, interpellei-a ciumento :

— Guilhermina, tu ... ! ?

E ella, em voz lacrimosa, murmurou :

— Adoro a poesia ! É o meu fraco. E elle era poeta. Morreu ... acabou-se ! Ciume de defunto ... Não vás tão longe com o espiritismo. A morte resgata todas as culpas. Reza-lhe por alma, que é o que eu faço todas as noites, e apanha o pacote. Não sei que é, nunca vi, mas deve ser poesia, que era a unica coisa que o coitado sabia fazer.

Hesitei tolhido. Em verdade repugnava-me colaborar em tão deslavada burla, demais a mais á custa de um morto. Mas Guilhermina, sempre irreverente, varreu-me da consciencia o escrúpulo remorso.

— Ora deixa-te de luxos ! Pois que melhor para uma sessão espirita do que a obra de um defunto ?

— Guilhermina, ponderei com gravidade, ha muita coisa na terra e no céu a que não chega a nossa van philosophia.

— Historias, homem ! O que ha é este mundo e o que nelle se come e bebe, etc ; o mais, endróminas. Toma o pacote.

— Não, deixa-o ahi por enquanto. Tenho uma idéa.

— Qual idéa ! Tu o que tens é medo.

— Não. Ouve-me. Não sei que ha nesse embrulho ; tu tambem não sabes. Leocadio era poeta.

Toda a cautela é pouca com gente de tal raça. Tanto pôde haver ahí uma obra prima como uma troça. Sei lá! Vamos, por segurança, fazer o seguinte: Eu encho de garatujas a papelada que lá está — e tu podes ajudar-me — e, quando os homens acordarem, apresento-lhes os gatafunhos, dizendo ser tachygraphia e offereço-me para mandar interpretar-los. Elles accitam, eu levo commigo o corpo de delicto e o pacote, leio a obra do finado e, se fôr coisa digna, dou-a na sessão proxima, como traslado vulgar da garabulha espirita. É mais natural e mais prudente, não te parece?

— Pois sim, concordou Guilhermina guardando, de novo, o pacote entre toalhas e guardanapos e, pé ante pé, reentramos na sala.

Os homens dormiam profundamente em attitudões desconjuntadas. Sentamo-nos á mesa e puzemo-nos a rabiscar as folhas de almasso aos riscos, sigmas e gregotins.

Terminada a tarefa Guilhermina accendeu uma cigarrilha escura e, bojando as bochechas, soprou um abaforada em cheio ao rosto do mestre. O fumo envolveu-o, mas espalhando-se, diffundindo-se, veio até mim. Era estitico e ardia no nariz pruinado; queimava os olhos aguando-os em lagrimas. Espirrei. O mestre tambem espirrou. Annunciação, idem e todos começaram e agitar-se como espicacados.

Interroguei Guilhermina e ella, sempre a bufar fumaradas, mostrou-me, em dois dedos, o cigarro que crepitava, cochichando-me :

— Eu não te disse ? Vão acordar já.

— É do Cairo ?

« Que sim ! » affirmou de cabeça, risonha. Effectivamente o mestre abriu os olhos assonorentados, esfregou-os com frenesi.

Eu, então, ajuntando as folhas garabulhadas por mim e pela expedita mulher, quedei extático, como alumbrado sob prestigio de forças sobrenaturaes.

O mestre foi o primeiro a reentrar em si. Levantou-se tonto, airado, cambaleando como ébrio, mas apoiando-se á cadeira, firmou-se, olhando em volta, e vendo os companheiros aos cabeceios e bocejos : Braz fungando, esmoncando-se estrondosamente, Annunciação a tossir e a gasnitar pigarros, chamou-os com autoridade, alvorando-lhes os espiritos.

Então vieram todos a mim, cercaram-me e o mestre, inclinando-se ao meu hombro, examinou a papelada. Tomou uma folha, levantou-a diante dos olhos, examinando-a á luz e, franzindo o sobrolho, sem conseguir destrinçar o autographo, confessou desolado — que não percebia patavina. Os mais, ajuntando-se com elle, procuravam attentamente decifrar o arcano, quando Porfirio, que trabalha na Camara, disse com firmeza :

— Isso é tachygraphia. Conheço.

E todos concordaram com elle, admirando-lhe a sagacidade.

Nesse tempo os joelhos de Guilhermina começaram a chamar-me para que eu entrasse em mim. Então estremeci e, amollecendo, tombei de flanco como corpo morto, e foi ella que me amparou nos braços, que me esfregou a fronte e as temporas, que me assoprou nos olhos chamando-me tres vezes por meu nome de baptismo : Joaquim ! Joaquim ! Joaquim ! E espertei.

Grande scena ! Que actores ali perdia o Theatro Nacional !

O que então houve não sei como o conte. O mestre levantou-me e, passando o braço pelo meu hombro, conduziu-me carinhosamente para o sofá, onde me sentou, enquanto Guilhermina corria a buscar um cópo d'agua. Vendo-me desassombrado, Feliciano interrogou-me meigo :

— Então, meu velho ? Sorri combalido. Deves estar cansado, não ? Olha que escreveste . . . !

— Quasi uma resma ! compulsou d'olho Porfirio.

— Quasi uma resma ! concordou Annunciação.

E eu disse :

— Não sei. Não tenho consciencia de nada. Senti um somno que me subia dos pés. Os pés adormeceram, depois as pernas. Quando a hypnose me chegou aos braços comecei a escrever . . . Está ahi.

— É extraordinario ! exclamou Annunciação aparvalhado.

— E nós, que tambem dormimos, hein ? disse Porfirio. E que somno !

— Estão vocês enganados ! Não foi somno, declarou Feliciano : foi a aura que se desprende de nós.

— E que diabo é aura ? perguntou Annunciação intrigado.

— Aura ? Pois não sabes ?

— Não.

O mestre sorriu, ajustou os oculos e explicou :

— Aura é o principio mesmo da vida, a força immanente que nos sustenta, o oleo eterno que alimenta a intelligencia e no qual a alma fluctúa accesa como a griseta no azeite da lamparina, entendes ?

Os adeptos ouviam-no embasbacados. E elle continuou :

— Quando se produz o phenomeno da « inspiração », se o espirito, que se encarna no « medium », é de primeira ordem, attrahe a si todos os outros espiritos circumstantes, quero dizer : todas as nossas auras deixaram-nos para cercar o nosso grande amigo que era o vértice, o ponto de intercessão em que se encontravam o absoluto e o relativo ; a vida e a morte. Vazios das nossas almas ficamos reduzidos á materia inerte, e materia sem alma é somno

ou morte. Dormimos, como podíamos ter morrido, comprehêdes ?

— É admiravel ! exclamou Anunciação.

— Pois é isto. Do que podemos estar certos, pelos phenomenos que acabamos de observar, é que esta communicação não é de Simão Carangolla, mas da lavra de um espirito de primeirissima ordem. O diabo é estar assim nesses caracteres.

— Por isso, não, mestre, adiantei. Tenho um amigo tachygrapho.

— No Senado e na Camara é o que não falta, disse Porfirio, e supimpas ! Olhe que apanhar aquellos discursos, limpá-los, traduzi-los não é coisa ahi para qualquer.

— Não, deixem por minha conta, insisti, firme no plano que gisara. O meu amigo é habilissimo !

O mestre, que me ouvia enlevado, levou-me para um canto e perguntou :

— Confias ? É pessoa de respeito ? Olha que isto . . . Você mesmo não sabe o que está ali !

— Confio como em mim proprio.

— Bem. Pois fala-lhe. Elle que ponha preço. O que quero é trabalho limpo ; limpo e fiel. E péde urgencia. Mais mil réis, menos mil réis não importa.

— Descance, mestre. Que horas são ? Feliciano consultou o relógio. Eram quatro e meia da manhã. Affirmei solemne :

— Pois hoje mesmo o mestre terá a resposta. Hoje mesmo. E se me dá licença . . .

— Quê ! Sahir a esta hora, demais a mais com chuva ! ? Nunca ! Não consinto ! A casa é pobre, mas, d'hoje em diante, tens nella talher e cama. E, paternalmente : Estás no que é teu, meu filho. Podes dormir até tarde. Ninguém te incommodará. Aqui não ha crianças e os gatos são mansos.

Guilhermina sorria triumphante e, ajuntando as folhas da resma, acamou-as, embrulhou-as, passando-as com barbante.

A um canto, já encapotados, os meus companheiros, muito juntos, sussurrando, pareciam conspiradores em conventiculo. Ouvi o louvor de Anunciação.

— Sim, senhores ! « Medium » e tanto ! dos bons !

E Feliciano accrescentou fechando o punho e meneando-o em murro :

— E de pulso ! Olhem que ha ali obra de trinta ou quarenta cadernos.

Aproximando-me da mesa para apanhar a caixa de phosphoros, Guilhermina roçou por mim, segregando-me :

— Que te disse eu ?

Effectivamente ella dissera. Fiquei.

O quarto era pequeno e alegre, com um papel que o enchia de flores. Por uma janella, acortinada

de cassa, entrava o ar do jardim. Aceio hollandês, segundo Ramalho. O mestre, depois de mostrar-me tudo, despediu-se.

— Fica á vontade. E, já com a mão na maçaneta da porta : Que costuma você tomar de manhan : chá, leite, chocolate, café ou mingau ?

— Café, mestre.

— Muito bem. Á vontade. Estás em tua casa. Os gallos começavam a amiudar.

Despertei com um beijo. Eram onze horas. O mestre sahira para a Secretaria e Guilhermina era minha.

III

A SESSÃO MAGNA

A languida manhan levou-me as forças. Nem o demorado banho morno, nem a canja com que me regalei e toda uma garrafa de Collares e ainda dois calices de Madeira R conseguiram restaurar-me e, ás duas da tarde, deixando aquella casa, consumido como Tannhauser quando logrou safar-se da montanha venusta, quem me visse arrastando amolentados passos, a escancorar bocejos, parando de instante a instante, arriado com a carga de um kilo (sem contar o guarda-chuva) se tanto pesava o pacote do Leocadio, tomaria a minha lassidão por uma dessas fraquezas em que a vida, de todo gasta, bruxulêa e extingue-se.

Chegando á pensão, na ladeira da Gloria, abri

de par em par as janellas do quarto. A aragem enfunou as cortinas e, um momento, fumando, estive a olhar a paizagem da qual, quanto mais a vejo, mais se enamoram meus olhos, com a sua verdadeira, o seu casario, longe o mar e, ainda mais longe, os montes como bordados no céu a sêda frouxa e ouro. Mas o meu corpo estava todo macerado, as pernas tremiam-me e, nos ouvidos, era como se eu tivesse um bando de bezouros zoando. Deitei-me.

Acordei ao desmaiar da tarde. A chuva estiarra e o flammejo do crepusculo descia até os montes ennevoando-os de ouro. O mar tremeluzia em escamas fulgidas. Brando, ao longe, soava um sino lento. Bocejei. Lembrou-me, então, o pacote do Leocadio.

Tomei-o na mesa de cabeceira, desembrolhei-o e logo se me abriu aos olhos o titulo em letras floridas, a vermelho : *O Paraíso*.

Que seria ? romance, drama, poema ou satyra ? Começava a escurecer. Aves triçsavam em vôo erradio. Andorinhas ou morcegos ? Recolhimento ou sahida ? Estirei-me de pernas cruzadas, accendi a lampada, tomei a primeira folha dactylographada e comecei a leitura.

Passava de meia noite quando a conclui maravilhado. Não consegui pregar olho com os pensamentos que me aturdiavam. Que fazer ? Como apresentar a obra ? Dá-la por minha ou attribui-la

ao seu verdadeiro autor? E se Leocadio a houvesse lido a alguém que viesse á imprensa denunciar a espoliação? Do tumulto tinha eu certeza de que não sahiria palavra. Ora!... Acontecesse o que acontecesse! *Alea jacta est!* exclamei decidido. E apaguei a lampada. O luar invadiu-me o quarto. Um estálo ríspido estrepitou no silencio como se algum movel se houvesse fendido. E se fôsse o espirito do autor? Rezei um Padre Nosso para indemnizá-lo e fiquei á espera do somno. Escrupulos! Todos nós vivemos á custa dos mortos — o que chamamos civilisação, cultura, progresso, todos os bens da vida não são mais que heranças que melhoramos, accrescentando, ou que dissipamos estouvadamente. Com tal argumento subtil aquietou-se-me a consciencia e adormeci. Ao acordar, de manhan, o meu primeiro cuidado foi telegraphar ao mestre e fi-lo nestes termos:

« Sr. Feliciano Sardinha. — Rua da Harmonia. Falei tachygrapho pede vinte dias seiscentos mil réis. Titulo comunicação *O paraíso*. Responda urgencia. Saudações. » Á tarde veio a resposta:

« Sim. Se fizer em dez dias pago oitocentos. Abraços. Viva Republica. »

É escusado dizer que correspondi ao desejo do homem generoso. Dois dias depois, outro telegramma chamando-me á Secretaria. Fui e recebi a importancia do ajuste e elogios á actividade do tachy-

grapho, meu amigo. E combinamos que seria no proximo domingo, á noite, a leitura da communição superior.

Feliciano exultou e, ao despedir-se de mim junto ao reposteiro da sala, disse-me, com apertó de mão rijo e prazenteiro :

— Olhe, vá cedo : ás tres horas, para jantar. Tenho lá um pato . . .

E soprou um assobio de gosto, sacudindo-me a mão com enthusiasmo. Desci as escadas lépido e cantarolando.

Paguei a pensão em atrazo, dei um tanto ao alfaiate, sorti-me de lenços e de gravatas e não esqueci Guilhermina, para quem comprei um perfume caro, em estojo ; e ainda fiquei com o bastante para passar o resto do mez regaladamente.

No domingo da leitura fui o ultimo a chegar á rua da Harmonia, com o pacote. Estava o plenário completo : o mestre, de sobrecasaca ; Guilhermina, de fustão branco, com uma rosa espetada no peito, como se fôsse o seu pequenino e ardente coração exposto, e com os espinhos do ciume.

A minha entrada foi sensacional e quando entreguei a Feliciano o precioso rolo houve um murmurio de veneração.

— Cá o temos ! exclamou o mestre.

E, correndo um olhar interrogativo em volta, exclamou :

— Que haverá aqui dentro ! ?

Um murmurio passou na sala como o do vento em folhagens. O mestre depositou o rolo na mesa, que estava coberta com um panno vermelho, consultou o relógio e fez um aceno d'olhos a Guilhermina.

— Quando quizer, disse ella.

Abrindo largamente os braços, como para cingir a todos na sua hospitaleira amizade, o mestre falou :

— Pois meus senhores, a tarde está linda e temos um pato de forno temperado aqui pela senhora. Vamos comê-lo debaixo do tamarindeiro.

— Nem só de espirito vive o homem, sentenciou Porfirio.

— E o proprio Jesus, lá está nos Evangelhos, comeu do pão e comeu da carne, accrescentou Barroso.

O relógio da sala de jantar, pequenino e travesso, relógio que parece marcar o tempo a rir, tiniu cinco horas.

Feliciano rompeu a marcha. Toda a casa recendia a guisados. Descemos ao jardim que o mestre, na sua modestia, chamava quintal.

Tudo eram flores : pelos canteiros, nos alegretes, em vasos. Havia samambaias derramadas em chuva de ouro, palmeiras em leque e outras plantas. Todas as roseiras tinham etiquetas, com os

nomes em latim e, ao centro do jardim, senhorial e cheio de vagens, o tamarindeiro offerecia o diversorio dos seus ramos largos, debaixo dos quaes a mesa opipara alvejava com rebrilhos de crystaes e pratas.

As garrafas perfilavam-se na banquetta das avenças e das begonias, junto ao muro coberto de hera, e em uma mezinha de ferro, da Brahma, uma toalha de renda cobria pratos e compoteiras.

Um negro, continuo da Secretaria, muito pernostico, fazia o serviço da mesa como se despachasse o expediente.

Sentamo-nos. Guilhermina occupou a cabeceira. Uma cigarra chiou nos ramos e o continuo começou a servir a sopa. Porfirio sorveu a primeira colherada e, d'olho arregalado, sacudindo a cabeça, cumprimentou Guilhermina.

— Digna de uma ode, minha senhora !

— *Deus nobis hæc otia fecit!* commentou Lamenha.

E Guilhermina sorriu. Os primeiros pratos, que foram seis, arrancaram louvores. Á hora do pato (já alguns, empachados, haviam desabotoado o collete) todos recusaram com pena: só Annunção teve animo de aceitar a titella e um pouco de geléa.

Foi um festim romano. Quando o continuo servia o café a lua appareceu enorme no céu e um can-

to d'ave triste vibrou melancolicamente na arvore convival.

— O rouxinol ! annunciou Lamenha aboborado em lyrismo.

— Qual rouxinol ! Onde viu você rouxinol no Brasil ? bramiu Barroso.

E Lamenha com ingenuidade :

— Nos poetas, homem. Pois onde havia de ser ?

— Ora . . . os poetas. Isso é sabiá. Sabiá da matta . . .

— Gaturamo emendou o mestre. É um gaturamo. Lá está elle na sua gaiolazinha.

— Ou isso : gaturamo ou sabiá. Rouxinol é que não é. Ê por estas e outras que o estrangeiro não nos liga. Não temos patriotismo.

E pediu cognac. Vitreiro engulhava soluços de enfarte e Canuto, que se levantara, esgueirou-se escabriadamente para o fundo do jardim e desapareceu num chalet.

A noite descia pallida e cheirando a magnolia. O mestre fez um signal a Guilhermina, que se levantou graciosa.

— Começa a esfriar, meus amigos, disse elle olhando o céu. Linda noite.

E entramos.

Ao chegarmos á sala, com ansia de transcendencias, tivemos de resignar-nos á supplica abafada de Annunciação, que arquejava empan-turrado. Rolando os olhos atirou-se ao sofá, desabotoando o collete para não estourar. De quando em quando inchavam-lhe as bochechas e elle bufava entourido, abanando-se com folhetos que apanhava ao acaso.

— Não, meus amigos, tenham paciencia : assim não vai. Vocês não imaginam como estou. Foi demais, palavra de honra ! Uma leitura logo em cima de jantar como o de hoje é d'escachar. Não tenho cabeça. Deixem, pelo menos, começar a digestão dos primeiros pratos, senão posso ter alguma coisa.

Sou sanguíneo como um touro e tenho mais medo de ataques de cabeça do que do diabo. Meu pai morreu d'uma salada de pepinos e tive um tio que se foi com um bolo inglês á cabeceira, mas já comido. Soube-se que era bolo inglês pelo papel e por uns restos que lhe encontraram esfarelados na barba. Cautela e caldo de gallinha . . . Não quero graças . . . e dois proveitos não cabem em um sacco. Vamos devagar.

Eu, quando mastigo, vou rezando o meu acto de contricção e, sempre que me chamam para a mesa, tenho vontade de pedir confessor. É uma des-

graça ! Hoje, então, comi como um alarve. Eu já era bom garfo, mas depois que me dediquei a estes estudos psychicos tenho até vergonha. Inchou as bochechas, alisou redondamente o ventre e espocou um arroto na palma da mão em concha.

Logo, porém, abrindo a physionomia em sorriso, encarou o mestre, sempre tranquillo, exclamando maravilhado, com um geito d'olhos para Guilhermina :

— Mas que cozinheira ! Sim, senhor ! Assim vale a pena.

Um gramophone rinchavelhava na visinhança com falsetes e rascas e toda a rua gosava a doçura e a belleza tranquilla da noite luminosa. As janelas estavam apinhadas de moças ; outras iam e vinham em grupos gárrulos pela calçada, rindo alto. Crianças corriam, saltavam cantarolando.

Lamenha, sempre romantico, fumava á janela, encarado na lua. Canuto, sentado a um canto, com um album de Paris nos joelhos, ia lentamente repassando os boulevards, os monumentos da grande cidade.

Mas o mestre movia-se impaciente, desensoffrido, esfregando as mãos, coçando a caluga, frenetico. Por fim, resolutto, poz-se a arranjar as cadeiras em volta da mesa, convidando :

— Vamos, meus senhores. E, mostrando o pacote : Olhem que isto é obra. Temos aqui leitura

para umas cinco ou seis horas. E são quasi sete. Se não começamos já, meus amigos, entramos pela madrugada.

— Menos essa ! exclamou Annunciação alarmado. Amanhan é segunda-feira, dia de trabalho. Contem commigo, quando muito, até ás onze e meia. A essa hora, haja o que houver, dou o fóra. Perder noites não é commigo.

— Então começemos. Estou ás ordens, offereci-me.

— Pois começemos.

E o mestre, em soffrega, atabalhoada azáfama, derrubando livros, pisando gatos, que miavam e bufavam eriçados, foi indicando lugares aos iniciados. Eu, apezar da sua ordem : que me collocasse entre Canuto e Porfirio, sentei-me entre Guilhermina e Lamenha.

Annunciação trocou a sua cadeira, estreita e dura, por uma poltrona de vime, larga e acolchoada, com uma almofadinha de sêda para a cabeça. Barroso ainda ficou encostado a uma das estantes aproveitando, com delicia, a ponta do charuto. E o mestre, fechando a janella, chegou-se á mesa, desamarrou o rolo, que se desdobrou de chofre, com elasticidade de móla, ficando em fórmula de telha, pelo que elle o enrolou ao inverso, apertando-o, e alisou-o, acamou-o, pondo-o de todo-plano.

Taes cuidados ia-os elle realisando machinal-

mente, distrahido. Sentia-se que o seu alto espirito estava sendo trabalhado por pensamento grave. E assim era porque, relanceando o grupo com o seu olhar fulminante, perorou em voz baixa, pausada e como em sigillo :

— Meus amigos, o assumpto que nos espera é dos que se abordam com contricção ou com a alma de joelhos, como disse o poeta. Pelo que nos annuncia o titulo superior desta communicação — e espalmou a mão larga sobre a maçagada — vamos ter a ventura de conhecer mysterios divinos, de penetrar sublimes arcanos. Se ao moribundo a Igreja assiste com o viatico, que é o passaporte para o Ceu, nós, que vamos para o mesmo destino, devemos, penso eu, purificar-nos com uma oração, não só para que appareçamos bem diante de Deus, como o sacerdote quando officia, como para que possamos reagir contra demonios, espiritos obsessores, todas as adversias que hão de tentar impedir-nos a passagem na estrada do Infinito. Os que approvam a minha proposta queiram ficar sentados.

Só Barroso votou contra, não porque discordasse, mas para aproveitar a ponta do charuto.

— Oremos ! ordenou, então, o mestre e, sentando-se, dobrou-se sobre a mesa, mergulhando a cabeça entre os braços e, de mãos enclavinhas, ficou immovel, estatelado em ascese.

Fez-se respeitoso silencio e, apesar do meu sce-

pticismo, foi tal a impressão que me causou a attitude humildemente devota daquelle homem superior, que a minha duvida oscillou abalada e eu começava a acreditar, a ter fé, quando senti a caricia do joelho de Guilhermina, depois toda a sua perna carnuda collando-se voluptuosamente á minha e o seu pé sorrateiro procurando o meu.

Lentamente, como quem busca surprender um culpado, fui torcendo a cabeça, virando os olhos e vi, com espanto, que Guilhermina rezava.

Concluida a prece, o mestre persignou-se e, correndo um olhar pelos adeptos, verificou a ausencia de Miguel Barroso. Procurou-o na sala e, descobrindo-o junto á estante, com a ponta do charuto a arder-lhe na barba ruiva, como o fogo na sarça do Sinai, chamou-o severo :

— Então, Barroso ?

— Vão começando. Estou aqui aproveitando o charuto.

Mas Feliciano insistiu :

— Não . . . tem paciencia. Isto é sério. É preciso que venhas fechar o circulo. Os nossos corações devem unir-se, como as contas de um rosario, para formar a corrente. Deixa o charuto, que é vicio.

— Pois não seja essa a duvida. Aqui estou.

E sentou-se. O mestre, então, chamou a si o rolo e, lentamente, voltou-lhe a primeira pagina e,

diante do titulo, em largas e floridas letras, a vermelho, deteve-se contemplando-as maravilhado.

Subito arripio fulgurou-me ao longo da espinha dando-me a sensação, fremente e gelida, de que toda a medulla se me havia fundido escorrendo em carapinhada. Os pés esfervilhavam-me, como se eu os tivesse pousados em formigueiro. Todo eu era fluído em vibração. Seria o espirito de Leocadio que investia do Aélm em defesa do que deixara na terra entre os homens, que o não haviam comprehendido, a ponto de elle haver soffrido fome, ter tiritado ao frio, perdido sempre na multidão anonyma, a bajular mediocres para obter um almoço e ouvir pacientemente, e louvando, baboseiras as mais soezes, elle, o maravilhoso mystico da raça predestinada de Dante e Langland, Milton e Swedenborg ? Não ! Não era.

Se os mortos protestassem contra acções vis o mundo seria mais tumultuoso do que a Camara dos Deputados quando, em começo de novo quatriennio, o patriotismo honesto atira a fumaça dos thuribulos ao rosto do novo Presidente e apedreja com as brasas o que deixou o Cattete.

Nunca, que me conste, houve defunto que se levantasse para chamar a contas falsificadores de testamentos, juizes concussionarios, parentes e amigos sem escrupulos.

Os que se vão desta para melhor não levam

lembranças nem saudades do que aqui deixaram e tanto como os corpos se lhes desfazem na cova convertendo-se em humus, resurgindo em materia organica para novas existências, assim as almas dispersam-se no Ether diffundindo-se em calor e a vida perpetua-se na perennidade das transformações, em fertilidade e em energia e luz, fertilidade que é o pão e todas as mais germinações do outomno, energia e luz que são a claridade dos dias sempre novos e, mais que a claridade, a idéa, que brilha e vence, o Pensamento que impulsiona, o Enthusiasmo que impelle e a Razão que pondera e equilibra. Toda a vida vem da morte.

— Lamenha, disse o mestre interrompendo o meu devaneio, ficas encarregado de redigir a acta desta sessão magna. E agora, meus senhores, atenção. Vou começar a leitura. Persignou-se : Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.

Endireitou os oculos, correu um olhar pelos circumstantes e, solememente começou :

O PARAISO

Nel ciel che più della sua luce prende
Fu'lo, e vidi cose che ridire
Nè sa, nè può qual di lassù discende.

DANTE. — *Paradiso.*

IV

VIDA E MORTE

Homem fui, como tu : carne, osso e instinctos.
Nasci de um beijo, como o fruto nasce da flôr.

Minha mãe, formosissima, era baixa, delgada, alva e loura e foi nos seus olhos que vi, pela primeira vez, a côr do céu. Cresci-lhe no regaço, muito agarrado ao seu collo e o meu maior prazer era estar perto della, senti-la, ouvi-la. Quando ella tocava piano eu sentava me num tamborete ou no pellego junto ao sofá e ficava enlevado na agilidade das suas pequeninas mãos. Certas musicas davam-me vontade de chorar, faziam-me ter pena de mãe como se fôsem queixas do seu coração.

Com ella, brincando, aprendi as primeiras letras, noções de desenho e musica ; com ella come-

cei a amar enternecidamente a natureza e a vida. A sua bondade era meiga tanto com os pobres, fôsem velhinhos ou crianças, como com os animaes e as plantas ; e assim como distribuia esmolas não consentia que eu perseguisse as borboletas, que apedrejassem os ninhos e, para defender as arvores, dizia-me que, se eu lhes arrancasse um galho ou lhes escoriasse o tronco soffreriam como eu soffrera quando me operaram de um tumor na perna.

Meu pai era um homenzarrão severo, de poucas palavras. Raras vezes o vi sorrir e nunca me beijou. Quando se dirigia a mim era sempre com voz aspera, e carrancudo. Mamãi falava-lhe com timidez de serva e, enquanto elle estava em casa, não se ouvia uma voz, até os canarios emmudeciam nas gaiolas.

Às vezes mamãi estava escrevendo na sua escrevaninha quando lhe sentia os passos na escada. Logo, atrapalhadamente, escondia o papel e disfarçava, arranjando a penteadora ou fazendo outra qualquer coisa. Uma noite a coitada agarrou-se commigo aos beijos e, apertando-me nos braços, ajoelhou-se diante do oratorio, em pranto, falando a Nossa Senhora das Dôres como a pessoa viva. Adormeci.

[Quando acordei, de manhan, a casa estava em alvoroço, cheia de gente. Os criados corriam açodados . . . Dois medicos subiram ao quarto de

mamãi e um delles, velho, de grandes barbas brancas, em mangas de camisa, dava ordens apressadas. A ama, uma portuguesa, vestiu-me, sahiu comigo e ia parando pela rua a cochichar com outras, com acenos desolados e suspiros de lastima.

Ao regressarmos vi dois carros á nossa porta e, em casa, mais gente : senhoras de preto, muito compungidas e em um dos bancos do jardim dois homens conversando como se disputassem. Foi Eufemia, uma negrinha do vizinho, que me disse que mamãi morrera, por haver bebido veneno. Não vi o enterro.

Mudamo-nos para Santa Thereza, um casarão bolorento, entre arvores sombrias. Veiu, então, morar connosco, uma irman de papai, tia Mariana — senhora de ares austeros, alta, magra, sempre de preto, e triste. Soffria de asthma. Não era meiga como mamãi, mas tinha mais cuidados comigo, não consentindo que eu brincasse perto d'agua, que mexesse na terra e examinava-me as unhas, penteava-me os cabellos, contando-me historias de fadas. Foi ella que me ensinou a rezar.

Quando papai me acompanhou ao collegio do Caraça, em Minas, á hora da despedida, tia Mariana deu-me uma santinha de ouro em um trancelim que ella mesma me passou ao pescoço. E foi essa a santa da minha devoção. Concluindo o meu curso de preparatorios parti para S. Paulo e formei-me.

Cinco annos felizes, os melhores da minha vida.

Papai foi sempre para mim uma especie de patrão. Ao chegar ao Rio com a carta de bacharel, elle levou-me para a sua companhia, deu-me interesse no seu rendoso escriptorio e iniciou-me no Foro. Já, então, queixava-se do mal que o levou depois de longos mezes de soffrimento.

Só, porque minha tia fallecera quando eu ainda estudava em Minas, com uma fortuna regular, casei-me com uma criatura simples, que me impressionára pelo andar senhoril e delicado, em alor de ave ensaiando vôo. Deu-me um filho, que viveu dois mezes. Um anno depois foi-se serenamente leve, alada como vivera.

Estive para contrahir segundas nupcias com a filha de um medico, menina muito conversavel, com quem dançara no Cassino. As nossas relações estreitavam-se quando, além duma carta anonyma, tive sciencia de certas estroinices num pique-nique com officiaes de marinha estrangeira, que me puzeram de sobreaviso e, francamente, a belleza, a magnificencia das fórmias de tal criatura seriam preocupações tremendamente incommodas na minha vida quieta.

Posto que me não sentisse compromettido, como já se boquejava na sociedade sobre o meu proximo casamento com a doudivanas, improvisei uma viagem á Europa e, durante dois annos, fui deixando,

por cidades e desertos, as lembranças que tinha daquella que o meu coração cubiçosamente desejara.

Estava no Cairo quando soube do seu casamento. Então regressei.

Encontrei-a no Lyrico e ella apresentou-me ao marido, um lorpa, importador de cebolas.

O homem abriu-se em amabilidades e na visita que fiz ao seu camarote, de onde assisti a um dos actos da *Gioconda*, instou commigo para que fôsse jantar no domingo em seu palacete.

Fui, amiudei a frequencia, sempre solicitada e, uma noite, no terraço, enquanto o palerma solava em roda de parceiros do seu molde, eu e ella, soprando as cinzas do passado, reavivamos as chamas em que arderamos no Cassino, e tão altas foram ellas e tão flagrantes que não explico como, em tão intensa luz, em que todos viam, só áquelle balordo passassem despercebidos os nossos delirios.

Mas sempre que eu me desprendia dos braços dessa mulher admiravel beijava devotamente a santa de ouro que me dera tia Marianna pensando, com estarecimento: «E se eu me tivesse casado com ella, Virgem Santa! Quem seria o outro?»

Envelheci quietamente, célibe, numa casa pequena, entre flores, livros e bugigangas, com uma governante inglesa que o meu amigo Olegario appellidara Miss Camphora.

Era rigida e tão exigente em coisas de moral que, uma vez, fui encontrá-la no jardim, escavacando furiosamente um canteiro para arrancar, com as mais finas raizes, uma planta que o jardineiro lhe dissera ser — fêto macho.

Essa puritana foi a maremba da minha vida, a columna austera da honra da minha casa e o regimen do meu estomago. No meu testamento contemplei-a com dez apolices e um sobrado.

Aos cincoenta e quatro annos da minha idade, (era em Junho, pelo S. João), sahindo de uma casa, na Lapa, por volta da madrugada, estremeci num arripio e espirrei. Na manhan seguinte senti-me amorrinhado, sem appetite para as torradas e aborreci o cigarro. Deixei-me ficar na cama. Chuviscava. Pedi um livro. Miss mandou-me pelo copeiro um romance de Dickens. Comecei a ler, mas senti um estylete atravessar-me o peito, e tossi. Á noite, febre.

Miss preparou-me um *punch* quente e ordenou ao copeiro que me applicasse ao peito e ás costas folhas de Rigollot. Passei a noite mal, agitado, delirando. Escrevi a Olegario chamando-o. Partira para S. Paulo. Á tarde, cuspilhando sangue, mandei o copeiro prevenir Miss Camphora. A inglesa alarmou-se e foi a vez primeira que a vi atarantada.

Veiu um medico da visinhança ; vieram outros,

de grandes nomes caros. Queimaram-me a causticos, sugaram-me com ventosas. Tudo em vão.

Falleci ás quatro da manhan quando os gallos amiudavam. E foi a minha libertação.

A primeira impressão que tive foi de desafogo, como se me houvesse evadido de um carcere aliando algemas e grilhões.

Que sensação agradável de allivio e de frescura ! Como me tornei leve no ar puro e fino ! Estava livre, emfim ! fluctuando no espaço em fluido e gosava voluptuosamente como o viajante que, depois de todo um dia de exhaustiva jornada, atravez de descampados adustos, chega a verde oasis, apeia-se á beira d'agua e repousa entre palmeiras ouvindo deliciadamente o fresco e humido murmurio do regato.

A altura attrahia-me, mas uma força retinha-me junto do corpo, já hirto, que fôra a minha prisão.

Seria saudade, apego do habito ? não sei. Eu adejava como o sol no occaso, no tramonto do dia, quando as nuvens se emplastam em laminas de ouro fosco e o disco, em brasa, já não alumia, fogo morto que mergulha na treva, como o cadaver na sepultura.

E afinal : qual fôra a minha acção naquelle barro esculpido, que rolara do seu pedestal de vaidade ? a mesma do sol na terra.

Alma é luz. O sol é a essencia da vida, força evocadora das energias latentes.

Envolvendo os germens desencanta-os e o que delles tira, tal seja a especie, tanto póde ser arvore frondosa, acolhedora e frutifera, como mancenilha lethal.

Se o terreno aquecido é fértil, o sol torna-se nelle benção, cada um dos seus atomos fecunda uma substancia, multiplicando os grãos em searas, as gotas d'agua em correntes, as flores em frutos, os ovos em revoadas ; se, porém, o seu calor espalha-se em mortório ou pedregal mais lhes agrava a miseria e accentúa a tristeza e, em vez de os revihar, requeima-os, esterilisa-os e o que delles irrompe angustiado, tuberculoso é o cardo, em cuja raiz apostemada a serpente se enrodilha tórpida, só se desenroscando hostile, com o veneno a esputar das presas, para arremetter e aggreir.

O sol é o bem e o mal, como todas as forças inconscientes da natureza, e alma é sol.

Que fiz eu enquanto permaneci no barro humano ? incubei os instinctos, animei as chamadas faculdades provocando acções e desejos.

O terreno — leia-se : corpo — era regular, com alcantis de orgulho, penhas de vaidade contrastando com arrasadas chans de servilismo. Aqui, ali carcavavam-se profundas grótas de ambição, dessas que se não enchem jamais. Macégas seccas

estuavam crepitando e se a faísca de um olhar nellas cahia logo se inflammavam em chammass de lascivia. Pantanos e pôças de hypocrisia, hervidos de dissimulações, estagnavam traiçoeiros.

Era terra commun, nem tão viçosa como a Chanaan da Biblia, nem esmarrida como os carrascaes. Bôa terra para cultura, se nella assistisse um lavrador, como os de Vergilio, georgico e poeta, porque nella havia recantos de muita belleza onde, de antigas sementes provindas dos avitos, abriam-se em sombra melancolica, reminiscencias, que eram poesia.

O lavrador gosava-as sem as colher e todas morriam-lhe no intimo, ignoradas do mundo, como se fanam e seccam nos silvedos e balsas essas flores simples que embalsamam os campos e as florestas. Quem as vê? Quem as colhe? finam-se onde nascem, como as mais bellas poesias que nunca são escriptas.

A analogia que faço entre o corpo humano e o mundo poderá parecer ousada aos que as não meditam, eu, por mim, tenho-a por exacta e feliz, porque tudo que no mundo vi e vejo tive, como em resumo, no *habitat* que desertei: dias formosos em que brilhei, dias tristonhos que os cuidados ennublaram, tempestades de colera, explosões de desejos, ardores incendidos, luars pallidos e sonhos.

E como foram regularmente transcorridas as

estações desde a primavera descuidada, toda em flôr, até ás brumas e as neves do inverno !

O corpo é terra, é um mundo pequenino, feito á imagem do Cosmos e nem o céu lhe falta com a sua abobada, fulgurando em idéas ou tenebroso de nuvens de desespero e, ás vezes, negro, tragico, sulcado de raios, atroando trovões.

Emfim . . . voltemos á minha aventura derra-deira, que começou na hora em que me libertei, com a queda do corpo em que jazia, e durou na terra sete dias até aquelle em que recebi de um padre, ao som do orgão, em S. Francisco de Paula, o influxo da missa que me devia levar ao céu.

Estonteada, aturdida, como abelha cujo cortiço houvesse sido crestado e desmantelado, passei a noite longa de vigilia giro-girando entre as pessoas que faziam quarto ao meu cadaver, na sala de visitas armada em camara ardente e atulhada de corôas : parentes, inclusivè um sobrinho, com o qual eu cortara relações por me haver, o devasso, caloteado em seis contos, extorquidos á minha bôa fé para « um caso de honra » e que foram esbanjados, até o ultimo vintem, com uma dançarina italiana ; amigos, conhecidos, visinhos, vindos por curiosidade da casa, que tinha lenda, porque Miss a trazia sempre fechada, defendendo-a dos olhares

indiscretos e da devassa de caixeiros e quitandeiros, que não passavam do portão.

De quando em quando o copeiro apparecia com uma bandeja de café e biscoitos. E o funeral nutria-se. De uma das vezes meu sobrinho, o dos seis contos, acompanhou o moleque á sala de jantar e amezendou-se com um resto de assado e duas garrafas de cerveja, estirando-se depois, de collete desabotoado e muito espernegado, aos roncós, na poltrona de marroquim onde, de manhan, de pyjama e chinellos, depois do café, eu lia pachorrentamente os jornaes e, á noite, preguiçava uma hora em modorra sybarica.

Percorri toda a casa, desde a cozinha, onde encontrei um mulato a delamber-se com a cozinheira, emborcando, aos copasios, um vinho Duque de 1880, que era um dos padrões da minha garrafeira, até o meu dormitorio, arranjado com tal apuro que mais parecia camara á espera de noivado do que aposento de onde sahira um defunto : a cama feita, com lençóes novos, colcha e fronhas ostentando o meu monogramma e a almocella dobrada aos pés. Na jardineira de prata do lavatorio recendia um fresco mólho de cravos de Petropolis.

Tive saudade da minha camisola e da sensação deliciosa que eu experimentava sempre que o meu corpo se estendia debaixo das cobertas de linho, com o mosquito arriado.

Mas um tinir metallico levou-me a attenção para o gabinete contiguo, onde eu tinha a secretária, a estante dos meus autores predilectos, um « nú », de marmore, que escandalisava Miss, e o cofre. Passei dum aposento a outro com a rapidez com que o sol invade um recinto, mal se lhe abre passagem. E que vi ?

Miss Camphora, de cocoras no tapete, accumulando em pilhas as minhas economias amoedadas : libras, luizes, marcos, dobrões e separando as joias velhissimas, reliquias de familia, de lavor hoje irrealizavel, peças que haviam ornado o collo, as orelhas, os dedos das grandes mulheres da minha ascendencia, desde a minha tataravó até minha mãe ; filigranas arachnideas e argolões cinzelados, medalhões cravejados de brilhantes, camapheus preciosos, figas, collares, pulseiras, fios de perolas, um riquissimo adereço de esmeraldas e um cordão de ouro do Porto, com crucifixo, que pesava meio kilo.

Tudo a inglesa reunia num guardanapo, sem pressa, segura de que estava só, fechada por dentro á chave.

Senti não ter voz para bradar a soccorro, não ter mãos para agarrar a ladra. Pudesse eu reintegrar-me no corpo que lá estava, em baixo, entre cirios, frio, hirtó e já tresandando, reanimá-lo, levá-lo d'arranque pelas escadas a quatro e quatro

e Miss Camphora experimentaria a rijeza de um pulso que, apezar dos annos e do rheumatismo, ainda levantava facilmente tres arrobas. Mas eu era alma apenas. Furiosa e impotente esgueirei-me pelo buraco da fechadura, tornando á sala funerea onde a conversa generalisava-se sem cerimonia e ria-se descompostamente.

O ar morno, denso de fumo, cheirava aborrecidamente a cera e a flores murchas. Sahi para o jardim. Amanhecia.

Diante do Corcovado, todo em nevoa de ouro, lembrei-me de Danae e da seducção de Jupiter. As cigarras cantavam ruidosamente e um aroma dôce de campinas humidas suggeria idéas bucolicas. Metti-me por entre os ramos da minha acacia, que parecia, com os seus lindos corymbos, coalhada de sol e confesso que tive pena de deixar o mundo.

O enterro do que fôra o meu corpo, com aquelle hediondo figado, que tanto me irritara com os seus calculos e todos os demais órgãos e visceras, sangue, nervos, musculos e ossos, partes do inferno em que eu tanto padecera, sahiu, ás cinco horas, em carro de primeira classe, com acompanhamento numeroso. Os jornaes dessa linda tarde referiram-se á minha vida laboriosa e honrada, á minha fortuna e elogiaram a minha collecção de artefactos indigenas, suggerindo ao governo a idéa de adquiri-la para o Museu.

Á volta do cemiterio, que foi o de S. João Baptista, onde o jazigo da minha familia, que me custou perto de oitenta contos, é dos mais bellos, puz-me a vagamundear no espaço, subindo, descendo e, nesse airado fluctuar de pluma ao vento, vi nascer a manhan. Foi então que resolvi visitar certas pessoas das minhas mais intimas relações que, de certo, deviam ainda soluçar sobre o meu passamento e voei para o Cosme Velho a uma casa, no Ascurra, refolhada em verdura florida, onde, á noite, as magnolias recendem docemente.

Ali devia reinar a amargura e aquelles olhos verdes, aos quaes eu legara cincoenta contos em apolices, estariam, certamente, enlutados em olheiras rôxas. Pobre Margarida !

Encontrei-a á varanda, de penteador de rendas, estendida na espreguiçadeira de lona e, diante della, de pyjama, escarranchado em um tamborete, a afaçar-lhe os pésinhos calçados em meias côr de rosa, um rapaz louro, espadaúdo, typo de athleta, fumava os meus charutos interrogando-a picarescamente sobre intimidades.

Ella respondia preguiçosa, d'olhos semi-cerrados, revelando, por entre o fumo cheiroso da cigarrilha, com desbragada impudencia, os mais reservados segredos da minha vida . . . porque o sujeito da oração era eu.

— Quanto mais velho peor ! Quem diria ! Com

aquelle ar severo e aquelles oculos... considerou o rapaz.

E Margarida concluiu :

— Não imaginas ! Eu via-me tonta com elle. Um horror !

— Não sei como o supportavas com o tal pigarro e aquella verruga no nariz, que parecia uma pitanga.

— Ora ! Que havia eu de fazer ? Era horrendo, era, mas nada me faltava, fôsse o que fôsse, custasse o que custasse.

Era de mim que a perfida falava, de mim ! que lhe havia dado aquella casa mobilada e alfaiada luxuosamente e que a mantinha com um conto e quinhentos mensaes, fóra vestidos, joias, carros, theatros e gulodices e, de vez em quando, uma viagem ao Paraná, onde tinha parentes e ainda a contemplara no meu testamento, incluindo-a na lista das minhas afilhadas.

Sahi com a violencia de uma rajada derrubando vasos, desfolhando flores. Vibora ! E Elisa, Elisinha que todos, apesar das minhas duvidas, affirmavam ser minha filha, criatura meiga, carinhosa e pura como a Miranda do poeta ? Essa queria-me sinceramente porque, se eu passava um dia sem a visitar, á noite eram queixas lacrimosas ao telephonio e, por mais que me justificasse com affazeres no escriptorio, as lamentações não cessavam

senão com a promessa jurada de que eu iria vê-la na manhan seguinte quando passasse para a cidade. Encantadora menina ! Um anjo !

Morava no Cattete, em casa propria, construida por mim, com uma tia rheumatica porque a mãe, que passa por morta, vive em Paris, se ainda vive (hei de verificar, em breve, lá em Cima) com um sujeito que enriqueceu na revolta, vendendo armas e munições ao governo e aos revoltosos por conta de uma casa francesa.

Eram oito e meia quando cheguei á casa de Elisa — *dimora casta e pura* como a de Margarida. A hora era impropria para visita a uma donzella, mas além dos meus annos graves e da qualidade que me attribuiam, eu era apenas espirito. Achei-a de pé e mais ainda — meio vestida, a mirar-se e remirar-se ao psyché, com uma mulher que lhe andava em volta do corpo, ora de pé, ora de cocoras, ajustando, pregando uma saia de merinó preto.

O collo de Elisa, alvo, gracioso e farto, transbordava do collete em duas ondas que pareciam de espuma crystallizada ; as espaldas não vi, que as encobriam os cabellos louros e abundantes, despenhados até a curva da perna, tanto que a mulher, para examinar o vestido que provava, por vezes sacudia a cabelleira e mettia-se por baixo della como em chuveiro de ouro. Parei sobre Elisa, que sorria e, admirando-se ao espelho, ora de flanco,

ora de frente, disse á mulher, que era simplesmente uma modista :

— Madama não póde imaginar como eu desejava andar de preto. Tinha uma inveja quando via alguma collega de luto . . . ! Titia oppunha-se, dizendo sempre que era agouro. E está ahi. O que tem de ser tem muita força. Está um pouquinho justo, não acha ? Tambem elle estava tão velho e com aquella tosse . . . Eu até tinha medo, palavra. E titia a obrigar-me a beijá-lo. Deus não me castigue, mas foi melhor assim. Depois, estou tão bem agora . . . E a mulher, a ajustar a saia, concordou :

— Sim, mademoiselle . . . vous êtes bien . . . Quer mais roda ?

— Não. Mirou o collo, os braços e concluiu, desvenecida : Clara, como sou . . .

— Et avec ces cheveux blonds . . . E ajuntou, com malicia : C'est monsieur Thomas qui doit rester charmé de vous voir en deuil.

— Thomaz ! Que Thomaz ? O corrector ?

— Non, le journaliste, celui qui fait la guerre aux portugais dans les journaux. Celui qu'on appelle *Orlandô Furiosô*, le jacobin.

— Ah ! Thomé, madama ; Thomé . . . Deu de hombros com indifferença : Esse despediu-se á francesa. E corrigiu : Desculpe-me. Isto é um modo de falar.

A mulher, sempre agachada, saltou como uma gia, e, esbogalhando os olhos, com um alfinete nos dentes, exclamou, mastigando as palavras :

— Comment ! ? lui, un homme si serieux . . ! ? Mais pourquoi . . ? Mas porrrquê, mademoiselle ? Vous n'êtes pas portugaise du tout, je crois . . ?

— Eu, não. Meu bisavô materno, sim : era minhoto.

— Ah ! fez a franceza. Voilà la raison, il n'fallait qu'ça. Vous avez des portugais dans l'arbre genealogique. Pour les jacobins, ça c'est le fruit defendu, mademoiselle : ils ne l'avalent pas. Nas familias, c'est vrai, quand ils veulent faire l'alliance, ils font de la lumière dans la nuit des temps pour chercher des ancêtres portugais, et s'ils en trouvent, adieu, Lolotte ! Ils ne transigent jamais ! Jamais, mademoiselle ! même en amour.

E, levantando-se com um suspiro, afastou-se para examinar a saia que cahia admiravelmente.

— À merveille !

— Agora o corpinho.

E Elisa ajuntou sorrindo :

— Palavra, madama, se não fôsse peccado, eu pedia a Deus que me levasse um parente de seis em seis mezes só para andar de luto.

Era demais ! O que soffri naquella instante breve valeu por longa expiação. Seculos ardentes de Purgatorio não fariam pela remissão dos pecca-

dos que, injustamente, me attribuiam, tanto como fez aquelle minuto de prova na camara da minha mais aquinhoada herdeira.

Sahi tão perturbada que me esgarcei nos galhos de um abacateiro e quando, reintegrada, ganhei o ar, senti-me docemente attrahida e fui subindo, subindo.

A terra desaparecia alhanando-se em lisa planicie, com espelhamentos dagua, pontos brancos, fitas sinuosas, depois uma nevoa diaphana envolveu-me. Seria a minha redempção ?

Parei em uma nuvem cerulea, que oscillava como leve barco em mar cheio. Quanto tempo ali estive ? Vi auroras e noites até que me desprendi, sentindo-me como aspirada e foi, então, um surto vertiginoso para o alto, ao som de orgão, com um murmurio de latim, tinidos de campainha e as nuvens tenues, que me cercaram, cheiravam a incenso como o fumo dos thuribulos. Era a missa do meu setimo dia que, enfim, me chegava de S. Francisco de Paula. E subi.

V

A ASCENÇÃO

« Padre Nosso que estais nos céus, santificado seja o vosso nome . . . Ave Maria cheia de graça o Senhor é convosco. Bemdita sois entre as mulheres . . . Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós . . . Si quid patimini propter justitiam, beati. »

Fragmentos de orações, phrases breves de jaculatorias resoavam em volta de mim em zumbido perenne. Subiam da terra em ondas de fumo mystico como rolam os atomos nos raios de sol.

De momento a momento, em arranque, um impulso mais forte arrebatava-me.

O céu, alto, de puro azul, brilhava translucido.

Passaram por mim, harmoniosamente, estas palavras misericordiosas : « Deus tenha a sua alma

no reino da Gloria . . . » E o murmurio das rezas continuava acompanhando-me : « Padre Nosso . . . Ave Maria . . . Santa Maria . . . »

Eu estarrecia de medo, sentindo-me só naquella immensa solidão azul, quando ouvi vozes que diziam com sentida inveja :

« Essa é feliz ! Bem feliz ! vai cercada de bençãos e das que mais agradam ao Senhor, que são as dos pobres. E que nuvem de incenso a leva ! . . . Com certeza deixou na terra amigos fieis e ouro para ser distribuido em esmolas e beneficios ».

Em verdade eu destinára, no meu testamento, alguns contos de réis para serem applicados em obras de caridade. Fôra sempre esmoler, sem alarde. Nunca o meu nome figurára em subscripções, mas o fumo de muito lar era feito com a minha lenha e os pobresinhos, desses que se vexam de sahir á rua esfarrapados e confessando fome, valiam-se de mim e a quantos delles soccorri em angustias e miserias, e com a discrição delicada que o Evangelho aconselha. E gosava quando os via atordoados, attribuindo a milagres o que lhes eu fazia chegar ás mãos e que era para mim suave prazer.

E as vozes continuaram prophetisando :

« Para ella serão mais claras do que as auroras as regiões onde se accumulam as sombras ; as aguas borbulhantes dar-lhe-ão vão propicio ; as chammass do valle não a envolverão. Passará incó-

lume por entre os que se engalfinham e remordem aos gritos. Guardará, por muito tempo, lembranças da terra e, purificada nas aguas azues, floridas d'astros, chegará á Porta dos Esplendores. Deus te guie.» E eu subia.

A côr do céu desbotava-se e a luz que transparecia do azul esmaecia pallida. Aqui, ali revolunteavam turbilhões radiosos que eram astros. E a noite estendeu-se, não tenebrosa, opaca, apenas em vaga, cerulea penumbra atravez da qual circumvagavam, como enormes peixes e polypos extravagantes espalhando brilho, uns laivos, uns discos, umas barbatanas, espadices radiosas, palmas flammineas, espiras em revoluteios terebrantes e um clamor atroou longo, dorido :

« Pede ao Senhor por nós ! »

E a noite flagellou-se de fulgurações colubrinhas como um pantano á cuja tona subissem todas as sevandijas do lôdo. E sempre o vozeio :

« Pede ao Senhor por nós ! »

São almas em expiação, conjecturei. Vinham de todos os pontos rastejando em cardumes fulgidos ou aos colleios e pinchos.

Uma adiantou-se ás mais curveteando, ora enrodilhada, ora distendendo-se rápida como as chammas quando correm por um rastilho explosivo.

Chegou-se a mim : era um dragão de aspecto hediondo, com o corpo apuado de pontas e, empi-

nando-se sobre a cauda, em attitude hostil, fuzilou um feixe de linguas coruscantes através de estrondoso ululo em que se lhe escancarou a fauce rubra e, estortegando-se angustiadamente, a espadanar com a cauda, que explodia faúlas, disse :

« Roga por mim ao Senhor ! Elle deve saber que deixei mais de cem contos para serem applicados em obras de caridade. O meu testamenteiro abotoou-se com elles. Que culpa tenho eu ? A todas as almas bemaventuradas, que passam a caminho do céu, peço que obtenham de Deus licença para que eu desça á terra, ainda que seja por uma hora, mas ou ellas não apresentam o meu requerimento a Deus ou Elle não me quer attender, naturalmente porque o patife do commendador, que é irmão de varias Ordens, tem lá santos que o protegem. Só missas . . . duzentas ! mas foram rezadas tão a troche-môche que apenas aqui me chegaram assim, assim, uns trinta : « Ite missa est » e alguns « Dominus vobiscum ». O mais veio tão engrolado que não foi aceito no céu. Roga ao Senhor por mim ! »

E um soturno « Amen ! » rolou, como os trovões do estio, pela immensidade. E eu seguia, serenamente deslumbrada com o esplendor da Via Lactea, quando, na sombra, um corisco rabiscou fremente e logo, em arremesso de vibora, lançou-se a mim esganiçando guinchos :

«Pede ao Senhor por mim. Sabe o meu nome ? Eulalia. Pede-lhe por mim, que me tire deste degredo. Pede-lhe tambem que mande uma sarna a Anacleto Bernardes, meu genro. Eu era meiga, incapaz de violencias ; tantas, porém, me fez o desalmado que, um dia, perdi a cabeça, dei por paus e por pedras e, como tinha um aneurisma, estourei sem confissão e é isto que vê. Aqui ando a penar por causa daquelle monstro que esbanja o dinheiro da minha pobre filha nas roletas dos clubes, com mulheres. Um sem vergonha ! Pede ao Senhor por mim e a S. Benedicto tambem, dize-lhe que é D. Eulalia, elle sabe.»

Como eu fôsse sempre em ascensão suave, porque o murmurinho das rezas não cessava : «Padre Nosso . . . Ave Maria . . . Santa Maria . . .» e a alma iracunda não me pudesse acompanhar, urrou : «Uma sarna . . .»

Outra, porém, mais meiga, acercou-se de mim, requestando-me :

«Tu, que vais tão serena e feliz, pede ao Senhor por mim. A minha culpa não é das maiores ; demais a unica responsavel já se desfez em terra lá em baixo e hoje é um canteiro de rosas : a minha carne. Que podia eu fazer se o sangue que me corria nas veias era mais ardente do que as chammas que me requeimam ? Quasi que lhes não sinto o ardor, porque vim de incendio mais intenso. Nem

é das labaredas que me queixo, soffro por não poder contemplar, d'olhos altos, a face magnifica do Senhor. Pede-lhe por mim. Outras ha por lá que tambem amaram. É verdade que tiveram tempo para arrepende-se penitenciando-se em cavernas, mas eu fui enxotada do corpo criminoso por cinco balas de revolver com que meu marido vingou a sua honra ultrajada. Só tive tempo de vêr o meu amante saltar pela janella, em ceroulas. E aqui estou soffrendo. Pede ao Senhor por mim.»

E era um nunca acabar de pedidos e rogos. Felizmente eu subia sempre e, em breve, achei-me longe d'essa atormentada zona penitenciaria, no espaço livre e, dando graças ao Senhor, que me libertara de tão incommoda companhia, puz-me a contemplar, em extase, maravilhada, o sol que nascia enorme e cercado como de intensa cabelleira loura, que eram labaredas.

Ouvi vozes e logo passaram por mim, subindo cançadamente, aborrecidamente muitas almas. Vendendo-as lembrei-me de Swedenborg, porque todas conservavam a fórma humana, como as descreveu o vidente. A materia corporea não era, porém, a grosseira carne, mas uma nevoa diaphana como poeira diamantina que, atravessada pelo sol, coloria-se prismaticamente. Vestiam longas tunicas que se lhes enrolavam aos pés em enoveladas peanhas.

Umas traziam bastos cabellos soltos, presos

apenas por uma aureola que lhes circulava a cabeça airosa e o collo denunciava-lhes o sexo delicado e outras, masculinas, reconheciveis pela barba longa e farta, como a de Moysés, e fulgurando, subiram em alor mais forte e, trasmalhando, por vezes, da revoada em desvios errantes, libravam-se, giravam em circulos e, de novo, tornavam ao bando que, por onde passava, accendia mais a clari-
dade espalhando um perfume de arômatas.

E ouvi que se queixavam com enfado :

— Isto, afinal, aborrece. Palavra que não vale a pena sacrificar toda uma existencia pelo Paraíso para ficar ás ordens desses maniacos. Á custa de abstinencias penitenciaes obtivemos a Suprema Graça e, quando contavamos repousar, é isto : fazem-nos descer ás pressas, ás vezes no melhor de um cantico, para responder a um medium em sociedades suburbanas ou para bater com pés de mesas pancadas correspondentes ás letras do alphabeto, nos serões das familias. É preciso que o Senhor ponha cobro a taes abusos e S. Pedro já declarou, amuado, que não está disposto a perder horas de somno attendendo a retardatarios. O espiritismo está em moda, até para curas, e não ha agora, lá em baixo, homem que não seja consummado medium. E os oraculos somos nós. São chamados a toda a hora do dia e da noite, ás vezes até para troças. E uma das de longos cabellos, fina

e airosa como essas afiladas virgens preraphaelitas, disse :

— Uma destas noites chamaram-me, com urgencia, para inculcar a uma senhora o bicho que devia dar no dia seguinte. Um riso alegre casquinou no espaço, as tunicas espadanaram, agitaram-se como sopradas por uma rajada e os cabellos de uma das aeridês envolveram-me em caricia que me lembrou a terra e Margarida. Por fim perderam-se.

Tive pena de as não poder acompanhar.

A minha ascensão como que relentava. O murmurio das rezas amortecia. E o meu surto, a principio tão arrojado, tornava-se moroso, oscillante como o de balão que se esvazia e murcha tramboalhando, aos boléos na altura. Mas o murmurio oracional accentuou-se e senti-me, de novo, arrebatada e, com tal violencia, que nada mais pude vêr senão o sol, não aquelle disco polido como placa de ouro que, tantas vezes, da janella da minha casa, eu vira surgir por traz dos montes e subir lentamente no céu, mas toda uma planicie ardente, revolta, explodindo em solfatáras, lançando golfões de chammas por enormes crateras esborcinadas ou expluindo raios que esfusiavam em feixes e, repentinamente, desenleando-se, cahiam em plumas longas como as ramas dos salgueiros. E eu passava aligera, inflectindo á comburencia astral, como pyrausta attrahida pelas chammas.

Mas um sorvedouro aspirou-me e abysmei-me de jacto. Era tenebroso e gélido e dentro, sem descontinuação, perenne, zoavam rumores soturnos de caverna.

Subito desemboquei em região funérea, que era toda um derrocamento, escalavrada em vallos, aqui carcavando abysmos, além erupta em alcantis esponjosos; rochas cinereas ponteavam-na, montanhas alvissimas talhadas em fendas até as raizes, estavam averrugadas de rochedos negros; troncos petrificados espetavam barrancas forradas de limo escuro. Blocos sotopunham-se em escaleiras colossaes e em sangas profundas, que eram leitos de antigos rios. Havia coagulos como de bitume manchados de placas alvacentas.

Lembrei-me, então, de uma velha leitura e disse commigo:

« Esta é, de certo, a zona funebre onde se deu o cataclysmo tremendo. Acho-me, portanto, a cem milhões de leguas do sol. Eis o que resta de um planeta que brilhou no espaço e foi um mundo onde, naturalmente, viveram seres e houve amor e houve odio e correu sangue. »

VI

A FEITICEIRA

Só então conheci verdadeiramente o silencio, ou melhor : a quietude.

No silencio da terra, tão bem appellidado pelos nossos selvagens, na sua lingua onomatopaica — *quiriri*, ha sempre um vago pruir como de élytros de insectos invisiveis, um ruido improvisamente discrêpa, a vida, em summa, demonstra a sua existencia como na respiração ou no pulsar das arterias do adormecido.

Ali, não : era a placidez estagna, o absoluto socego. Das chanfras, das arestas dos rochedos surdiam, despegavam-se uns farrapos nebulosos, iam de um alcandor a outro, prendiam-se ás cumiadas

arminhando-as ; outros affluíam do solo em espiras, elevavam-se retorcendo-se como púas até que se desarreigavam em tremulos filetes, immobilisando-se ; e longe o alvor hyalino de uma paisagem polar alongava-se infinitamente. E eu subia.

Remontando sempre depressa distanciei-me dessas ruínas melancolicas e, olhando-as d'alto, afiguraram-se-me nuvem que, a pouco e pouco, diminuia.

De repente dei de vista com uma appareição : era uma mulher núa, com os louros cabellos soltos voando espalhados, um olhar entre enternecido e voluptuoso. Avançava estendida, braços á frente, pés juntos, como se nadasse e poz-se a circular em volta de mim, em rodopio. Sorriu-me, por fim, saudando-me em voz harmoniosa :

— Bemvinda sejas ao céu, alma purificada.

Temendo que fôsse um trasgo, desses que chamam succubos, que assim me apparecia na solidão, interpellei-a altivamente :

— Quem és ? Que queres de mim, espirito de Deus ou do demonio ?

— De Deus ! affirmou com serenidade. Fui feiticeira na terra. Diziam-me maldita e davam-me Satan por amante. As crianças, escondidas nas sébes, apedrejavam-me injuriando-me e açulavam cães contra mim. Fui feiticeira porque a piedade entrou no meu coração. A peste levantou-se como

um vento de fogo soprado do inferno e, dizimando aldeias, que tresandavam com a podridão das victimas, fez que esmarrissem as searas á falta de lavragem e, matando os pastores, deixou os rebanhos tresmalhados, aberrando-se nos montes onde os lobos em alcateás viviam fartos. Nas estradas eram correrias desapoderadas de delirantes, que eram dados como possessos. Alguns atiravam-se aos rios e aos pócos afogando-se; outros precipitavam-se das rochas, aos gritos, perseguidos por inimigos imaginarios. Junto aos cruzeiros juntavam-se multidões clamando misericordia. Ás vezes um cardenho amanhecia fechado, com o rafeiro a uivar raspando a soleira, as ovelhas acarradas balando, e assim dois, tres dias, até que os corvos desciam ao colmado. É que toda a familia perecera de peste e á mingua e lá jazia apodrecendo em estrames ou na terra núa, as mãis com os filhos apertados ao collo rôxo.

Aterrado e faminto o povo ia báter á porta forte dos mosteiros e os que se diziam ministros da Graça faziam sahir a Veronica alçada como pendão tragico; faziam sahir cruzeiros, enchiam as praças de paramentos e mascarados, com immensas tenazes, aticavam brasidos, encandeciam ferros flagellantes, torciam esarpes, apertavam manilhas e, em nome de Deus, entoando litanias, consolavam os afflictos com o auto da fé.

O mundo tornou-se em presidio e as torres das igrejas, altas, com as suas agulhas hirtas, pareciam sentinellas, armadas de lanças, vigiando condemnados. Foi então que os homens começaram a descer da cruz, irmanando-a com a força. Eu conhecia a virtude das folhas e das raizes, dos tubérculos e das resinas e sabia as rezas que fazem abrandar a febre e aligeiram o sangue nas veias. Triturava hervas para extrahir os balsamos, pronunciava as palavras virtuosas para reaccender a fé e assim fui alliviando, sarando como Jesus e como realisei curas e acudi, muita vez, a tempo de evitar que uma pobre mãe, louca e esfomeada, devorasse o proprio filho e ainda postada á cabeceira da parturiente confortei-a na dor amorosa, chamaram-me a fada.

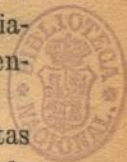
Os recém-nascidos ficavam sob a minha protecção nos berços enquanto as mãis andavam semeando ou colhendo; os enfermos invocavam-me. O lavrador pedia o meu beneficio para os campos semeados, para as choupanas, para os casaes; o pastor entregava-me o seu rebanho, o operario confiava-me a sua tenda. E começaram a falar de mim com amor e veneração.

Eu caminhava á noite com uma braçada de hervas sedativas ouvindo tinir nos caminhos a campana do farricoco que clamava em voz lugubre presagios sinistros. Eu levava allivio ao corpo e alegria á alma; elle annunciava pestes e aridez,

ameaçava com as chammass do inferno, mostrando aos homens um Deus máu, um Deus cruel, vingador e sanguisedento que reclamava victimas humanas como as divindades barbaras dos primeiros tempos. Eu desabotoava o sorriso nos labios lividos e tinha philtros que aplacavam soffrimentos e amavios para accender o amor nos corações estuporados pelo panico. E foi assim que venci o Padre, e a minha vara magica e a vassoura, que elles diziam que eu cavalgava para ir ao sabbat, tornaram-se symbolos de maior virtude do que a cruz temerosa, poste de opprobrio e de supplicio em vez de emblema de esperança.

Temendo a minha concorrência, começaram a bradar que eu privava com o Mau Anjo, que entregava as almas aos demonios e, imaginando crimes inconcebiveis e sortilegios nefandos, suggeriram a espiritos imbelles perversidades hediondas. Combatendo-me, criaram a lenda da mulher funesta. Feiticeira! Feiticeira! bradavam, mostrando-me áquelles mesmos que eu havia consolado e alliviado e, fanatisando-os, tornaram-nos ingratos, fazendo com que me perseguissem.

Mãos que eu havia curado de chagas purulentas apedrejaram-me; braços que eu havia limpado de pustulas carregaram a lenha com que fui abrasada; bocas nas quaes eu havia calado o gemido, amaldiçoaram-me; olhos que eu salvara da cegueira,



abriram-se para vêr bem as contorsões da minha agonia, e todos os ingratos gosaram com a minha tortura. Feiticeira ! Feiticeira !

Desprendida do corpo, olhando o martyrio da carne cançada de tão penosas e longas caminhadas, de villa em villa, de aldeia em aldeia, ao sol ou por aguaceiros tempestuosos, para beneficio dos homens, eu sorria sem odio, pensando em Deus, e via, em torno do braseiro, o sabbat christão, não de gnomos, nem de lamíás, mas de sacerdotes que brandiam fachos e profanavam os symbolos da religião da Piedade.

Para vingar-me, ficava a criação do Padre : a bruxa. Eu sahi do soffrimento ; a bruxa sahiu do fanatismo, com os sortilegios, com os encantamentos, com os infanticidios, esparzindo venenos, vivendo vida selvagem nas brenhas agrestes, entre penhascos, a cavar tuberculos e a escolher folhas para distillar os philtros perniciosos. Meu nome, na boca dos simples, era fada ou « Bella donna » a erynnia dos mosteiros chamou-se bruxa e espalhou o pavor e o assombramento.

As mãis não mais deixaram os berços das crianças com receio de que fôsssem arrebatadas e, além dos gemidos, reboou nos campos o alarido do Medo á apparição macábra das megéras.

Na terra, apesar de tudo quanto fiz, tive de acompanhar meu corpo ao supplicio, logo, porem

que as chammas o envolveram, ainda crepitava e contorcia-se e já eu era arrebatada aos céus, leve e sem peccado porque vivera para a Caridade e para a Beneficencia.

— E nunca tiveste commercio com o diabo ? Não eras tu que andavas pelas clareiras com um ramo de trevo evocando os mortos, invocando silvanos ? Não eras tu que envenenavas as aguas pronunciando, á beira das fontes, palavras cabalisticas ? Não eras tu que fazias murchar a sementeira e que geravas os monstros no ventre das mulheres ? Não eras tu que amentavas o lobo contra a ovelha do pobre ? Não foste companheira de Mab e de Melusina ? Não ias aos conventiculos do grande Capro ? Não puzeste um espirito seductor em todas as cabanas ? Não desenterraste os mortos para maleficios ?

A appareição sorriu afastando dos olhos os cabellos que esvoaçavam :

— Ainda não pódes julgar. Vens cheia de idéas da Terra, és ainda mais humana que etherea. Crês no diabo . . . E porque não falas na imaginação que é o verdadeiro espirito adversor ? Basta que eu te diga que os santos tribunaes accusaram-me e eu vivo, para a eternidade, á direita de Deus como as sybillas, como as videntes. A velha de Endor repousa no Céu ao lado de Vala, entre druidisas. Has de chegar ao conhecimento da Verdade e então

judgarás serenamente a minha obra. Todos os meios são bons quando nos levam aos fins que pretendemos. A minha missão era curar e, como o corpo não se modifica sem a influencia do espirito, eu preparava-o primeiro com a suggestão, dando-lhe nova crença ou melhor : nova esperança. Não confundas a saga com a bruxa nem a sybilla com a cartomante — as segundas são sombras negras das primeiras.

A saga appareceu com a primeira dôr e todas as mulheres são, mais ou menos, feiticeiras e não é só com sumo das hervas ou com a fécula das batatas que se alliviam tormentos : a fascinação é feminina. A mãe que cantarola para acalentar o filho é fada ; a que véla á cabeceira do enfermo, a que beija, a que afaga, a que retempera o animo do homem dando-lhe exemplo de coragem e de resignação, são verdadeiramente fadas.

Volta ás primeiras paginas do tempo e has de vêr que todos os grandes movimentos humanos foram precedidos por uma mulher — era a Força consoladora. A feiticeira, a therapeuta sinistra tem, como ancestral, talvez, uma mãe afflicta que, inspirada na ternura, ouvindo gemer o filho, sahiu para os campos em procura de hervas por vêr que os animaes enfermos preferiam certas plantas e, comendo-as, saravam.

Que culpa tem Moysés de que lhe houvessem

conspurcado os livros? Que culpa tem Jesus de que na terra os homens tenham abastardado a sua instituição tornando em mytho de pavor o que era dogma de piedade? Ninguém attribue á semente o desgarre do tronco. Deus não instituiria o Perdão, que é o supremo sacramento, se contasse com a perfeição dos homens. O que sahio de Deus ha de tornar a Deus e o espirito, emanado da essencia superna, não póde ser repudiado nem condemnado porque isso importaria na condemnação do proprio Deus, origem essencial.

— E as almas que encontrei em pena vagando nos espaços inferiores?

— Vêm ao céu, vêm com mais lentidão porque muito peccaram, mas hão de chegar puras á presença de Deus quando readquirirem a perfeição primitiva, quando se libertarem das maculas que a vida lhes deixou. Depuram-se apenas para que, tornando ao Senhor, Elle as reconheça e aceite na sua Essencia. O céu é uma conquista lenta. Vai-se de victoria em victoria, de perfeição em perfeição até ao estado original de Essencia pura. As almas emanam do Espirito universal — são meios de afinidade que ligam os homens a Deus.

Entravamos em plena luz. A região, mais dourada que o oriente á hora do nascer do sol, estendia-se como abobada fechando os espaços altos em ouro, azul e purpurina; o fulgor, entretanto, não

offuscava como a luz do sol, ainda que a excedesse maravilhosamente ; e eu subia, sempre seguida de perto pela feiticeira risonha que, por vezes, aproximando-se mais, aflorava-me com a nevoa do seu corpo ou com a fina sêda dos seus cabellos.

— Esta é a zona solar, disse-me meigamente.

— Então já fizemos cem milhões de leguas ?

— Sim, temos subido muito. E eu aqui me detenho.

Voltei-me porque me pareceu que a voz meiga tremia como voz de quem chora. Effectivamente ella chorava, de pé, toda núa, os cabellos em manto pelas costas, os olhos humidos fitos em mim.

— Porque não vens ? Juntas fizemos tão suavemente a ascensão que nem senti as longas e desertas leguas desde o espaço em que ficou o cemiterio do planeta até as alturas magnificas em que nos achamos. Porque não vens ?

— Não posso, suspirou. Só passarei além se encontrar um espirito que me redima pelo amor. Este é o meu sitio de purificação, aqui espero, desde o millenio, e basta um beijo para que eu me transporte ao Paraíso.

— Mas não disseste que tens o teu lugar no Céu á direita de Deus ?

Encarou-me a fito e eu vi que os seus lindos olhos enchiam-se de lagrimas. Insisti cruel :

— E então . . . ?

— Porque me interrogas ? Vais em caminho tão solitario e não te seria melhor fazê-lo acompanhada e com delicia ganhando ainda mais virtude por teres concorrido para a remissão duma alma ? Julgas que o amor é crime aos olhos de Deus ? Ama-se no Céu. Dá-me o teu beijo e iremos juntas e abraçadas por esses espaços fóra para a Bemaventurança. Sou nova e formosa. Esse clarão do sol não faz esmaecer a côr dos meus cabellos, sou mais branca que as neves e meus olhos disputam a claridade dos astros. Tudo é silencio e deserto, dá-me o teu beijo misericordioso.

Eu olhava com desconfiança e temor a formosissima mulher parecendo-me que a sua belleza se tornava maior, mais perturbadora como a de uma flôr que plenamente desabotoasse. Os seus longos e sedosos cabellos voavam espalhadamente, e eu gosava-lhes a caricia e o perfume. Dominando-me a custo, interpellei-a severo :

— Por que mentiste ?

— Não menti. Ha muito que espero o prometido espirito de amor que me deve remir. Avistando-te, senti-me attrahida por ti, aproximei-me, falei-te. Devias ter-me repellido desde logo, mas não : recebeste-me de bôa sombra fazendo com que a minha triste e longa esperança se firmasse em certeza, e rejubilei feliz. E, justamente, quando me chegava, confiante e contente, á tua misericordia,

eis que me repulas com arrogancia. Ingrato ! Tornei suave a tua ascensão através da melancolia deste deserto. Fizemos juntas, sem que as sentisses, mais de cem milhões de leguas, e assim respondes á minha dedicação. Não te commoveram as minhas palavras, olhas insensivelmente para o meu corpo. Deus ordenou que amassemos.

— Não na minha idade.

— O espirito não envelhece. Olha-me bem. Sou dos primeiros dias do mundo.

Disse e, enleando-me nos braços, inclinou languidamente a cabeça sobre o meu hombro e eu estremei com o seu beijo, que me retiniu no ouvido como um estálo de telephónio e, logo, apertando-me, enroscando-se toda em mim, como uma serpente, arrulhou-me dengosa :

— Eu tinha apenas dez annos quando uma mulher de Mytilena, mestra em amor, tomou-me a si, para educar-me. Escuta . . .

Reuni todas as minhas forças e repelli a empusa :

— Deixa-me ! Vai-te para as profundas, demonio súcubo. Eu li a historia de Menippo, salvo por Apollonio. Commigo estás enganada. Conheço-te !

E fiz uma cruz com os dedos. Ella recuou franzindo enojadamente os labios e, medindo-me com um olhar de desprezo, resmungou afastando-se :

— Vergonha ! Nem pareces alma de brasileiro...

E, já longe, voltando-se, affrontou-me com uma cachinada cynica.

Livre-me de boa ! Espirito menos prudente ter-se-ia enlizado na rede daquelles cabellos. O que me valeu foi a leitura de certos livros. Não soubesse eu do caso da noiva de Coryntho e, certamente, naquelle deserto, com aquelle corpo, com aquelles cabellos . . . não sei ! Tanta philosophia, tanta piedade, tanta abnegação pelos soffredores e, no fundo, ronha : um diabo tramando a minha perdição.

Se era assim em alturas taes, perto de Deus, não havia que estranhar que na terra, onde tudo é hypocrisia e vaidade, Elisa se alegrasse com a minha morte, que lhe favorecia o realce da belleza com o luto, e Margarida, antes da minha missa de setimo dia, esquecesse nos braços de outro tudo quanto eu por ella fizera durante quatro annos, que me custaram mais de duzentos contos e muita piada ridicula no commercio. E dei-lhes o meu perdão.

Logo me senti mais leve, como se houvesse aliado lastro, e voei como frecha, espaço acima.

Deus devia manter patrulhas de anjos naquelles páramos para que os não infestassem os demónios que affectam todas as fórmulas. Era até um perigo para as almas que, esgarmentadas, retrahidas

em desconfiança justa, poderiam maltratar algum anjo ou santo que encontrassem em caminho, rondando ou espairecendo.

No surto célere em que eu ia lumareus em relampagos deslumbravam-me, obnubilando-me. Surdo ruido frouxo, de ventiladores, lufava continuo, monotono e vi então em todas as direcções o espaço fulgidamente acceso, chammejando, faiscando : eram mundos errantes com a sua crosta de fogo, uns esphericos, girando á maneira de piorras, outros alongados, arfando, como enormes camalotes e discos de um brilho de crystal ao sol, immoveis uns, outros oscillando á guiza de pendulas ; e geysers de flammaz, repuxos de centelhas, linguas flammineas descendo, subindo lentas e, através de todas essas fórmaz cosmicas, a saraivada de faiscas estrellejando nos intervallos daquelles mundos.

E lembrei-me das festas da meninice, na minha cidade saudosa, quando eram queimados os alegres fogos de artificio, no adro das igrejas ou nas praças, armadas em feiras.

E as nebulosas espirrando fagúlhas, rolavam como o fumo daquella immensa pyrotechnia. Passei e já me julgava livre, vencendo o ultimo estágio, no limiar da Bemaventurança quando me achei subitamente em treva tão negra, átra e densa, que tive a sensação abafada de haver mergulhado em lago espesso, betuminoso, como o Asphaltite lurido.

VII

OURO!

Eu rompia o bulcão ferrugineo no mesmo impeto com que vingára, até ali, o Ether, senão mais lésta, parecendo-me, entretanto, que me arrastava lerda, envisgando-me, atolando-me em vasa pegajosa.

E arrependi-me de haver recusado á feiticeira errante a graça do resgate. Tê-la-ia commigo e, sentindo-a, outro seria o meu animo em transe tão agoniado.

De quando em quando chegavam-me rumores : sons roucos, cantos, gritos, guais de lastima, estrondos rolantes como de esbarrondamen-

tos e continuo, percuciente tinir de ferro como em forja.

Subito levantou-se confusa vozeirama, e, logo a seguir, precipite tropél de multidão em fuga. O negrume encheu-se de faíscas lucilantes, como se tudo fôsse carcão reticulado d'ouro : fogos lividos linguajaram, arabescaram-se em fuzis, correndo vivazes, rabiscantes, em fórmula de salamandras ; e enxames de fagulhas vagalumiam.

A treva tornou-se tangivel e eu roçava por ella, sentia-lhe arestas, chanfras, asperezas como em paredes de tunnel.

Então distingui na zoada, que me soara em clangor rouco de buzina, melopêa monótona lembrando o canto rythmico de trabalhadores regulando o esforço. E fui, pouco a pouco, percebendo vultos, tábidos trasgos que cavavam aforçuradamente entoando, em côro lugubre, o canto soturno.

Sobre o esqueleto amarello retesava-se-lhes a pelle terrosa e secca, atravez da qual, de transparencia vitrea, appareciam as entranhas rôxas, aos sacolejos, e, cascavelando, como o bago de um guizo, o coração resequido.

Cavavam curvados, arquejando. Alguns, exhaustos, tremiam, dobravam-se vergando os joelhos, cahiam desarticulados com estrallejo d'ossos e ali ficavam raspando o solo negro com as mãos em garras ; outros, desanimados, alijavam a pica-

reta ou o almocafre e, sentando-se com o queixo agudo entre os joelhos, o cranco agarrado a mãos ambas, rugiam.

De repente, borrifando a treva de nevoa fresca, uma columna d'agua jorrou alta, em geyser, e foi um alarido atroante e logo, desapoderadamente, a arremettida de todas as larvas empurrando-se, atropellando-se. Outro jacto abrolhou escachoando aos gorgolões, e recresceu o furor da luta.

Na avançada em que iam os duendes, querendo, cada qual, tomar a dianteira, se um tropeçava, ia-lhe outro em cima e outro e outro rolando, e toda a chusma amontada fervilhava aos rebolcos, como bicheira em carniça.

Os mais ageis conseguiram esgueirar-se de rasto, e, pondo-se ligeiramente de pé, arremetteram em corrida na direcção das aguas. Outros, estropiados, mancos, seguiram-nos, a pecepinho ou, esfalfadamente, a quatro patas, com a lingua dependurada, negra e dura como espadana de cardo.

E a agua golfava a jorros num ponto, esguichava em outro, gorgolejava além á flôr do solo e, mais longe, despenhava-se em cachoeira férvida, de espumas lacteas, esfumando nevoas irisadas, e, estrondando, rolando aos borbulhões, esfaralhava-se revoluteante para logo alisar-se e correr, blandiflua e limpida, em regato. A multidão precipitava-se em delirio, ávida, bradando e, já pro-

xima dos mananciaes, d'olhos esbogalhados, boca aberta, braços estendidos, prelibava a saciedade quando toda a agua foi amarellecendo, mudando-se-lhe o murmuro em som metalico.

Alguns avançavam sofregos, com as mãos juntas em concha; outros, mais ansiosos, atiravam-se de bôrco ás pôças, chapejando furiosamente. Angustioso ululo trovejou na turbamulta, clamores, pragas, gritos lancinantes: «O ouro! O ouro!»

E era, em verdade, ouro liquido, em fusão. A agua transmudara-se como por prestigio hermetico e por todos os lados fluíam corregos, rebentavam olheirões de ouro. Os jactos expluiam rebrilhando, cahiam no solo esparrimando-se em piscas e folhetas que reluziam.

Com a sêde ainda mais aggravada pelo engano os reprobos ficaram como allucinados e agarrando-se, engalfinhando-se, lambiam-se reciprocamente o suor que os inundava.

Mas uma voz dominou o rumor sinistro, toda a turba deteve-se estarecida; um sahiu a correr, outros foram-lhe em pós. Era nova fonte que brotara e lá foram. Mal, porém, chegaram á beira d'agua ouviram tilintar e reconheceram, com desespero, o ouro. Então, retomando os alviões e os almocafres, outros com as proprias unhas, recommearam a cavar.

A treva illuminou-se radiosamente e no clarão

que arraiou appareceu, como em altar, a portentosa figura de um anjo.

Mais alto do que a palmeira mais alta, vestia armadura de ouro com a cruz, em azul, em meio da couraça. O brial, que lhe chegava aos joelhos, pouco acima das cnemidas, era imbricado de escamas diamantinas e as pontas das remigias das suas azas, que eram seis, davam-lhe pelo calca-neo.

Trazia cervilheira e escudo ; á mão um látigo de fogo, ao flanco a espada larga ; e presa a um talabarte a busina de guerra.

Olhando da sua grandeza a minha pequenez tancanha, falou e a sua voz forte resooou como cem tubas de bronze :

« Gloria a Deus nas alturas ! »

E eu, rojando-me humildemente, conclui :

« E paz aos homens na terra de bôa vontade ».

Sentindo-me, então, protegida dentro da zona em que o anjo irradiava, atrevi-me a indagar :

— Dizei-me, Potestade, que região é esta e que seres são esses que soffrem a tortura da illusão, correndo sedentos á agua, que se muda em ouro e mirrando, porque não lhes resta mais que a pelle sobre os ossos ?

— Esta é a mina da ambição, explicou-me o celestial guerreiro : tudo nella é ouro : o ar está cheio de pollen de ouro e quanto existe na escuridão,

mal um de taes lemures lhe tóca, logo se transforma em ouro.

A agua borbúlha, como vês, chega-se-lhe o sedento — é ouro. Corre a caça, persegue-a o faminto, prende-a no laço, mata-a, vai a comer a selvagina : é ouro. E assim tudo. E como viveram elles na terra senão mudando em ouro fôsse o que fôsse em que tocavam ? Não conheceram um só dos prazeres da vida. Não amaram, comeram restos, vestiram andrajos ; nunca enxugaram uma lagrima, nem saciaram uma sêde, nem acudiram a um enfermo ou desvalido, indo apenas aonde pudessem encontrar lucro. Espremei o coração de um delles e, como o fruto do Asphaltite, dará cinza.

O ouro é semente e, como semente, pede plantio para medrar. O lavrador que encerrasse na ucha todo o grão, em vez de o lançar ao alfobre, faria a miseria e, deixando a terra em chavascal, criaria a fome nos lares. Assim o avaro que enthesoura. Mais vale o regato que move a azenha do que copioso caudal correndo subterraneo.

Aqui têm elles ouro que farte e até que sôem as tubas misericordiosas annunciando o perdão a mina será o presidio dos que nem sequer tiveram olhos para vêr a obra formosa e excellente do Criador, e passaram pela vida mudando friamente em ouro lagrimas e humilhações, affrontas, miserias e desesperos, sem attenderem á fome de um men-

digo, ao desamparo de uma viuva, ao abandono de um enfermo, ao choro de um innocente.

Tudo aproveitaram gananciosamente e, assim como fizeram na vida, assim agora encontram na mina que lhes responde á ansiedade com o prazer unico que conheceram.

— Seja o Senhor louvado na sua grandeza misericordiosa ! disse eu rastejando em bajulação covarde.

VIII

O PANTANO

Teria eu adormecido durante o lanço que me separou da tormentosa mina ? Quando dei accordo de mim achava-me á sombra do meu guia, no cimo de escabroso penhasco que avultava solitario em meio de viscido páramo, de brilho pallido de azougue, que era um charco.

A instantes, a superficie lisa e bruna bolsava frouxa, espocando, e vermes affluíam á tona aos borbotões : fimiculas bizarros, uns alongados, flacidos, aos colleios ; outros aranhigos, cobertos de pellos hispídos ; lesmas langonhentas enroscando-se, distendendo-se aos botes ; escolopendros aos espernegos e, voejando em enxames, enormes moscardos pernilongos.

O anjo abriu amplamente duas das seis azas vibrando-as com a celeridade electrica com que os colibris se libram diante das flores que sugam, e senti-me em ambiente de frescor e perfume. Por vezes, porém, com as balôfas explosões do pantano, o fétido que se levantava era tão forte que eu tinha a impressão suffocante de ir afundando, asphyxiando-me naquelle lodaçal e o anjo, para socorrer-me, punha-se a agitar violentamente as azas poderosas e era como se se desencadeassem cyclo-
nes.

E vi, então, arrugar-se o lameiro, inchar, empollar-se tumido e, lentamente, emergir um corpo desmesurado, que me pareceu uma ilha cercada de muros altos e parapeitos em meandros, como as voltas encaracolladas de um labyrintho, aberto em enormissima cratera que escarçava mollemente, a espessos golfos, côr de enxofre, purulento cerumen que se agrumava como poias de estravo.

E a ilha arfava aos latejos, alçando ora um, ora outro bórdo, chapejando d'estalo á maneira das raias quando saltam ás badanadas. E sobre a immensa extensão que se levantára na charqueirada poderia assentar uma cidade, vasta como Babylonia.

Eu olhava pasmada e o anjo, que se tornara sombrio e brandia ameaçadoramente o latego de fogo, disse com accento de voz em que havia co-
lera :

— Isso que ahi vês fluctuando em lama é a orelha de um monstro que viveu entre os homens, poluindo a especie. Foi por desazo de um anjo que essa pustula rebentou no mundo. Os seraphins lustraes trabalham em laboratorio onde as almas são submettidas ao fogo depurando-se dos peccados que trazem. Imagina as escorias de um cadinho em que houvessem sido expurgadas milhares d'almas peccadoras. Todo o residuo iniquo, que devia ser lançado no inferno, como dejecto, por desatino do serafim que, com desastrado golpe d'aza, virou o cadinho, entornou-se no espaço e, indo ter á terra, encarnou-se nessa deformidade dando-lhe vida, como o fogo fátuo dá luz ás sepulturas. E assim nasceu de fezes esse aborto.

Deus, porém, para que os homens se acautelassem contra a torpeza, assignalou-a com duas orelhas, tão grandes que nellas se poderiam ajuntar muitas legiões de demonios em noite de sabbat.

— Mas são apenas orelhas? perguntei aturdida.

— Não, entre ellas achaparra-se um corpusculo de gnomo, que se acha, por emquanto, acarvado no seu elemento e é bom que o não vejas para que não te enojas. O proprio inferno recusou-o quando elle lá foi ter abostellado em ulceras e cancrios em erupção de vurmo, que era a purulencia da sua maldade. E assim como a lesma secreta o visgo, elle

vasou de si essa espurcicia que alastra em ichor no immenso chavascal em que jaz atolado.

Quando uma de taes orelhas fluctua logo sobre ella baixa a alma de Caim, como um corvo sobre a carniça, e é o negror com que a maldição de Deus estygmatisou o assassino que, desbotando do remorso eterno, denigre o paúl em que se anega o monstro.

— E que foi na vida essa abjecção para a qual destinou o Eterno um presidio que elle sózinho conspurca ?

— Foi o hypocrita. Companheiro inseparavel dos vicios, andou com todos em badernas. Cêdo, manifestaram-se nelle as máculas que o infamaram. Menino, refugia sombrio ao convivio dos condiscipulos, arrincoando-se solitariamente para morder, á vontade, o pomo de Asphaltite. Com a idade pruiu-lhe no sangue o desejo vil que foi causa de que o Senhor arrasasse a fogo as cinco cidades ignominiosas. E então foi tudo : o mais bebedo nas feiras e nas tavernas ; o mais destro em baldrócas nas távolas ; azevieiro caprino sempre em rascoagens e rabisacas, bandarreando apandilhado com a escumalha das ruas.

Conseguindo prestigio nas alcoceifas, em que passava as noites em zangurrianas, com michelas e faiantes, lembrou-se, um dia, de disputar uma eleição e, encarreirando para as urnas o enxurdo

em que chafurdara, subiu, como agora sóbe, no mesmo ascensor : o lôdo.

Obtendo a victoria á força de caiaduras, rebuçou-se em honestidade apparentando virtudes tão altas que logrou a confiança dos homens e com artimanhas e cachas, em que era esperto, até conseguiu louvores. Mas ahi estão os seus actos em cenosidade e, empesteando-a, o fétido que tresanda, porque viveu como hyena cevando-se em cadaveres, illaqueando herdeiros em furtos de testamentos.

Nas traições ninguém o excedeu ; nas fraudes foi sempre o primaz e ahi está reduzido ao que verdadeiramente foi na vida — lama. Mas vamos. Elle não tarda a emergir para respirar e o seu hálito inficiona.

E o anjo levantou-se nas azas e depressa perdi de vista o tremedal com o seu habitador infame.

A breve trecho achamo-nos em areal adusto, ondulado em dunas scintillantes como se fôssem de mica. Carapinhas de tojo amarelento contorciam-se angustiosamente crepitando, como se ardessem. Vultos corriam, saltando de um a outro comoro e, naquella silencio flavo resoava apenas, sem descontinuação, rechino férvido como de carnes em holocausto.

Tinido crebro levou-me a attenção para um dos arenosos colles onde um ser hybrido — homem-

bradypo, saracoteava ora num pé, ora noutro, em tripudio sobre uma placa candente e com os esgarres que fazia, escancellando horridamente a boca arroxeadá, appareciam-lhe duas ferraduras appostas ás gengivas e dentes molles e arnellas negras remexendo como vermina.

— Que bailarino é esse que pinoteia sobre essa placa ? Que fez para soffrer assim ?

E o anjo disse :

— É um calumniador. E todos quantos correm, rolam, escabujam nesse rescaldo, que é poeira de brasas, calumniaram.

Era horrivel ! Eu pude apenas balbuciar : Deus de misericordia ! E logo ouvi o anjo dizer-me :

— Vai !

E, com formidavel ruflo d'azas, apartou-se de mim, altivolo, voando em frecha, direito a refulgida claridade que luzia ao longe.

E eu, maravilhada, olhava a fito o esplendor e o anjo que diminuia na distancia e que não era mais que uma estrellinha perdida, quando senti arôma languido, como o das magnolias do meu jardim na terra, e vi que me achava á orla de um bosque que, desde a alfombra do relvedo e o limo das pedras até as arvores frondosas, era de ouro e brilhava.

IX

HAÏN

Activo cheiro seminal, acre, impregnava lubricamente o ar morno e trepido de ruidos, que partiam da floresta, em cujo recesso, como em fundo de esmalte, o ambiente era de azul luzidio estriado de veios coruscantes.

O sólo, de relva fina, languida, macia era todo elle alfombra ; aqui, ali, porém, touceiras de agáve eriçavam-se aggressivas com as largas, aguçadas espathas esgrimindo tremulamente ao vento. Ou eram moutas de plantas de enormes flores, polpudas, concavas, em valvas, no fundo das quaes gosmava opalino gluten, transbordando lenta, pegajosamente pelas bordas em fios viscidos.

Escorrendo pelos troncos, defluindo dos ramos albuminoso fluor côr de camphora, envisgava, ou, intumescendo em glóbulos, como pérolas, lentejava das franças, polluindo o sólo. Finas palmeiras flabellavam mollemente em circulo no meio do qual um menhir, em fórma de phallo monstruoso, reflectia-se num lago de aguas crystallinas, mas a imagem que lhe respondia era a de um yoni.

Aves pernaltas iam e vinham ao longo das areias micantes; outras, immovéis, estateladas num pé só, mirando pensativamente as aguas, jaziam como de pedra.

Eu caminhava sem rumo, agradada daquelle silencio e, afastando ramos, que roçavam, de leve, pelo meu rosto, despertava a olencia adormecida nas corollas, envolvendo-me em cáldo perfume.

E embevecida, deliciada, ouvindo o tilintar harmonioso das folhas, não me apercebia do que se passava em volta de mim e só quando uma grande flôr pesada, de petalas carnosas, talada da haste, cahiu do alto, a meus pés, levantando os olhos, descobri, entre os ramos de arvore soberba, formosa mulher toda núa, cujos cabellos, longos e louros, esvoaçando no ar, lembravam a cauda da áve do Paraíso.

E a criatura florestal deslisava serpentinamente, reboleando-se, contorcendo-se nos ramos; estendia-me os braços, toda se me offerecia lasciva, ora espremendo os peitos, que eram rijos e brancos

como os das estatuas, ora alisando o ventre, como se o arredondasse mais ainda.

Risos vibraram na penumbra cerulea, logo seguidos de ligeiro estalejar de passos fugidios e cochichos tremulos de vozes. Eram mulheres, em tudo semelhantes a divindades pagans que eu vira em telas e em tapeçarias nos museus.

Corriam em tumulto arisco barafustando nas balsas floridas, ou cosiam-se com os troncos. E eu via-lhes apenas o rosto lindo, um pouco do collo ou o braço, liso e alvo enlaçando as arvores.

De repente, porém, como se obedecessem a um signal, deixaram os esconderijos e todas partiram em fila, como animada frisa, esparzindo no ar as cabelleiras em franjas de ouro e negras. Umas, rompendo por entre os canniços, arrojavam-se alegremente nagua; outras ficaram de boreo na relva, batendo com as pernas; penduraram-se outras dos ramos balançando-se ou treparam pelo phallo e, lá de cima, rindo ás cachinadas, chamavam-me, acenando-me com palmas ou, tomando attitudes obscenas, tentavam-me com os mais descompostos gestos e risos cynicos.

E o cheiro da selva tornou-se mais activo, de mistura com um almiscar excitante que era o tresuo daquelles corpos. Senti-me, então, como embriagada, vencida pela seducção, sem vêr passagem por onde escapasse, porque todo o bosque, que

se accendia e rebrilhava, como ao pino do sol, enleava-me com a sua ramagem, aturdiu-me com o amadouro da sua seiva allucinante.

Levantou-se, então, alto estridor nas frondes e bandos de simios amarells appareceram balançando-se nos galhos ou em redouças de cipós, lançando-se de arvore a arvore, aos guinchos. De baixo das pedras surdiam aspides esfusiantes e enormes sapos, d'olhos esbogalhados, esputando dos lameiros, achaparravam-se pasmados, papejando diante de mim. E as mulheres, sempre aos gritos, appareciam, desappareciam, bradando em furor erotico.

As ramas foram-se apartando, como por encanto abrindo-me veredas, pelas quaes entrei, seguindo, mas com desconfiança, sempre a ouvir murmúrios de segredos, e risinhos. E topava em saliencias, á maneira de tocos nas derrubadas, que eram symbolos de fecundidade.

Estugando o passo deixára longe, na ribeira do lago, o bando fescennino quando estrondosa grita de terror atroou espantosamente a floresta. Senti o sólo tremer e as folhas metallicas das arvores retiniram.

Rispida rajada dobrou em arco as palmeiras flexiveis, acamou os juncaes, retorceu os ramos e um *fortum* de corveiro empestou o ar.

Logo, estropeando, romperam de todos os cantos da espessura, aos pinchos, espirrando, berrando

em bodejo, uns semicapros correndo atropelladamente em direitura ao lago. Subi, então, a um cômore e vi que toda aquella chibarrada investia com as mulheres pondo-lhes cerco, enlaçando-as nos braços cabelludos, arrebatando-as e sumindo-se no mais recondito do bosque ou galgando o grande phallo, por onde trepavam ageis. E as perseguidas fugiam chorando, arrastavam-se, ferindo-se nas pedras, chafurdavam nos atascaes ou, desalentadas, fatigadas, deixavam-se agarrar pelos hircos e os gritos que, então, lançavam tremiam doridamente no ar.

Apaverada e commovida com o soffrimento das infelizes, arremetti desesperadamente pelo lançante do cômore para uma garganta escura e lugubre, de rochas alcantiladas e ouvia, sem animo de voltar-me, estrepitante e continuo ruido como de patas precipites em pedregulho.

Pensei, com horror, na horda dos egypans, mas d'impeto, rompendo d'uma brecha nas rochas, um potro selvagem, com uma carúncula na testa, investiu, d'arrancada, ao cômore; dando, porém, commigo, estacou tremendo nos jarretes finos. Os olhos enormes ardiam-lhe como brasas e o bufido que lançava das ventas, que latejavam soffregas, revolvía em turbilhões a areia. Vozes aproximavam-se com barbariso crescente e o animal, acuado, sacudiu nervosamente a cabeça, pinoteou ás upas e,

com lancinante relincho, metteu-se, em frecha, por uma aberta, entre as pedras, deixando no ar, subitamente aquecido, estonteante cheiro de lubricidade.

Logo tumultuosa turba surgiu assanhada em furor de cio, bradando, como em desespero : « Hippómanes ! Hippómanes ! » E, aos empurrões, atravancadamente, lançou-se por onde se metterá o potro, sempre aos gritos, na ansia árdega daquella carnosidade que communicava forças novas e orgasmo aos mais combalidos.

E no bando, pelo rastro do fugitivo hippo aphrodisiaco, iam velhos tropegos, mulheres desgrehadas, mancebos, crianças, todos com o mesmo desejo árdego.

Quando a poeira cahiu no silencio, continuei pelo desfiladeiro onde resoava continuo escachôo d'aguas como se uma torrente refervesse subterranea, e sahi em espaçoso palmar, risonho e fresco, em oasis, com um arroio claro serpeando vagaroso e murmuro, todo debruado a flores.

Mas ao fundo impunha-se um monte, com uma gruta a ulcerar-lhe o flanco, diante da qual avultavam dois enormes pylonos negros, lavrados em carantulas obscenas. Ainda não os havia eu alcançado quando, á entrada da gruta, appareceu uma gigante arrastando-se sobre os peitos, altos e brancos como as dunas.

Seu rosto formoso era pallido, como de morta, os olhos, entre halos roxos, tinham o aspecto de capellas funebres em que ardessem tripodes e cirios, e a boca, de labios grossos e humidos, era vermelha, semelhante á carne da rez no altar do sacrificio. Trazia á cabeça um toucado como o pschent isiaco.

Apoiada sobre os cotovellos, e estendendo os braços cheios de anilhos, que rebrilhavam, eu via-lhe as unhas longas, manchadas de sangue e cheias de tassalhos de carne. Das suas axillas tufavam mandragoras e papoulas.

Á medida que o seu corpo rastejava da gruta para a clareira um rechino, como de cigarras, chitava na terra, nas arvores; as proprias pedras crepitavam e a cada meneio do seu corpo, com o cheiro forte que se espalhava, corria um arripio em tudo.

Encarando-me risonha, foram-se-lhe os olhos languidamente cerrando entre os longos cilios e disse-me em voz que surprendia pela doçura :

— Não te vás sem ouvir-me. Pára e escuta. O caminho é livre, mas detem-te um instante. O cheiro do meu corpo embriaga como um vinho forte e a minha voz, quando a ameigo, é mais dôce que o som das harpas. Ouve. Tudo é vanidade, só o gozo nos eleva e contenta. Os labios, quando beijam, são como azas que nos arrebatam. A dôr e o prazer são as duas unicas verdadeiras manifestações da

vida, como o Bem e o Mal são os unicos principios eternos. Tudo mais é falso, convencional, mentira. A vida é breve instante, e, nesse instante, ha uma flôr : o beijo e ha um fruto : o amor, o mais . . . Olha-me bem. Não me reconheces ? Sou a Eternidade. Corre a cortina sagrada dos templos e has de ver-me cercada de hierophantas, presidindo aos ritos.

O meu ventre, como os altares, recebeu offerendas dos homens — desde a flôr dos campos, colhida pelo pastor, até a vassalagem dos mais poderosos reis que, de joelhos, o cobriam de ouro e purpura e o perfumavam de arómatas.

Fui adorada em Athenas e o meu culto era amavel, realizado festivamente ao som das lyras, sob o vôo das pombas. Na Thracia as que me invocavam brandiam punhaes gotejantes offertando-me devotamente o coração das victimas.

Em Elephanta as devadassi cresciam e criavam-se sob o meu olhar e eu sorria com os gemidos languidos dos seus peitos mal abotoados quando os sacerdotes lhes violavam a tenra puberdade. Entre as palmeiras de Tyro os que se faziam ao mar com o cedro, o ouro e a purpura invocavam-me — e eu era Astartéa. Era Milytta em Babylonia e á sombra do meu templo as virgens prostituíam-se uma vez por anno, quando as amendoeiras floriam. Lentamente eu subia o Nilo em náos de cedro e ouro,

arrastando pelas aguas longos pannos attalicos e o povo apinhava-se nas margens, entre os lotos floridos, pedindo, a brados, a graça do meu sorriso.

Os negros broncos, nas brenhas, adoravam-me na figura de um monstro, quando, ao estuar do estio, os leões sahiam dos antros e corriam o deserto rugindo, sem verem a corça timida, farejando ardentemente, na areia adusta e na herva morna, o rastro das leôas.

Meus labios nunca se abriram senão para o beijo e para responder ás solicitações do amor. Meus braços tiveram em captiveiro heróes de todas as raças. Meu ventre é uma acropole com o seu templo num bosque e, mais bello do que o de Pallas. Nunca soffri a dôr genetica, nunca me deformei para procriar. Meus peitos, sempre rijos, são como o Parnaso e o Helicon, cobertos de neve, mas ardendo interiormente em chammas. Delles correu, copiosa e sonóra, toda a poesia, nelles não morre a vida e a inspiração arde sempre como o lume no altar. Olha-me bem.

Porque me repudiam e maldizem ? Porque sempre me mantive fiel ao amor, orgulhosa do meu collo e do meu ventre, defendendo-os da larva que os defórma.

Mais vale ser bella do que ser mái. O beijo é flôr que se colhe nos labios, o mais é isto . . . e, levantando uma das mãos, mostrou-me um lôdo ver-

melho, feito de carnes ensanguentadas. A belleza deve ser esteril. Para procriar tenha o homem uma escrava.

Os jardins não dão frutos : as seáras crescem nos campos e as vinhas nas encostas. Eu não dou mais do que o prazer : sou como o sol que alumia sem levantar chamma. Para fazer o lume servil tem o homem o fogo da terra, que arde e inflamma-se na lenha.

Emquanto ella assim falava foram chegando, em multidão curiosa, mulheres de varios typos, de trajes varios, bizarramente ornadas : umas com a mitra asiatica fulgente de pedrarias, envoltas em sêdas cadilhadas de ouro ; outras de tunicas, coroadas de flores ; outras envoltas em gazes transparentes, infulas á fronte, trazendo cytharas, diaulas ou crembalas ; ambubaias com frautas á cinta ; bailadeiras com um panno, ás listas, cruzando as pontas no ventre ; e negras altas, com plumas espetadas na grenha, os peitos sarapintados de vermelho, uma serpente enroscada no braço, á maneira de armilla. E todas cercaram a gigante, umas de pé, em grupos graciosos, apoiando-se reciprocamente ; outras deitadas de bruços, com o queixo nas mãos ou resupinas, com os braços por travesseiro.

Mas sibillo agudo silvou percuientemente e tive a impressão de longo ferro em brasa passando atravez de um blóco de gelo. Voltei-me d'im-

peto e vi uma arvore que, ou surgira naquelle instante ou me passára, até então, despercebida, de tronco escuraroso e ramos retorcidos, com enormes raizes corcoveando á flôr do sólo, grossas, aculeadas e cheias de brocas, como cavernas em rochas. Frutos vermelhos, affeigoados em corações, iguaes aos da perséa, pendiam-lhes dos galhos e enorme serpente, de corpo luminoso, lembrando as taturanas, enroscava-se-lhe flacidamente pelos ramos, espichando a cabeça, que era humana e formosa.

Pasmada, eu não desfitava os olhos do monstro, quando o vi desenrolar-se vagaroso, escorregar pelo tronco como um rolo de resina, chegar ao sólo e deslizar agil até onde eu me achava e, enrodilhando-se, rapido, levantar a prumo, dentre os anneis, a cabeça, que dois cornos espetavam. Olhou-me a fito e o seu olhar projectava-se em dois raios de brilho encandeante.

E a gigante, que se aproximara de mim, falou-me :

— A arvore que vês, é Haïn, a do fruto prohibido, e a serpente é o seu genio, ou hamadriade, como lhe chamavam os gregos. Foi nessa arvore que Eva colheu o fruto da Vida, que tanto me repugna e cuja polpa esmago debaixo das mãos, enojada e com odio. A arvore tinha flôres e frutos — o Bem e o Mal. A serpente offereceu-lhe a flôr, Eva

preferiu o fruto. Se se houvesse contentado com a primeira, outro teria sido o seu destino.

A vaidosa ambição de querer igualar-se ao Criador fê-la peccar e o seu peccado multiplica-se nas gerações dolorosas que povôam a terra, sahidas do sangue e do soffrimento.

Haïn, que era a arvore do prazer, tornou-se o symbolo do Mal. A sua sombra, feita para a delicia do amor, é o luto ; a sua resina, aromatica como a da abirquajava, transformou-se na seiva lubrica da Fecundidade ; as suas flôres fazem córar a virtude que, todavia, as esconde no seio e respira-as, em extase, ás occultas ; o seu fruto é o sustento da Morte.

Ella ahi está : é a mais bella da floresta e em volta do seu tronco, sob a sua folhagem dourada, é que se ajuntam os bandos amorosos e os *fratricelli*, assentados em circulo, celebram as cerimoniaes, nas quaes ha sempre o protesto contra a profanação dos ventres, correndo um recém-nascido de mão em mão, até que morra e seja lançado no lôdo, como refugo.

Haïn ahi está, frondosa e eterna, apezar de maldita. As que lhe colhem as flores são as felizes que não se deformam nem soffrem as ansias e as dôres longas da maternidade.

Amar é viver e a vida é um instante. Olha em volta de ti. Que vês? corpos que desejam; sacia-os.

Aqui não se cuida senão do momento presente. Que importa o amanha n ? Se o pollen esvoaça em torno das flores virgens, soprámo-lo para longe. Ame-se pelo amor !

Calou-se a gigante encarada em mim e eu senti-me fraca diante do seu olhar, ainda que me parecesse amortecido, como se vasquejasse nas orbitas profundas ; e as suas faces tremiam em crispagões. Pouco a pouco, o formoso rosto foi-se-lhe desnudando, arroxando, maculando-se de placas como phlyctenas putridas. Os labios tornaram-se lividos e, como repuxados, descobriam-lhe os dentes, a carne sumia-se e toda ella mirrava. Os olhos apenas, cada vez mais abertos e accesos, brilhavam em fogo vivo.

Macilenta a mais e mais, eu já lhe distinguia os ossos sob a pelle murcha : a caveira, as clavículas, as costellas ripando o busto e, por fim, não restou de toda aquella belleza mais do que um colossal esqueleto acocorado diante de mim, batendo com as mandibulas estralejo macabro e, em volta, todas as mulheres eram arcabouços tabidos.

Toda a herva seccara, todas as folhas esmarriaram e eu fiquei no meio daquelle circulo de morte, cercada da ossamenta bizarra que tiritava estrepitosamente.

E, de todos os cantos do bosque esvahido, como em echo, vinha estridor trépido, até que surdiram

da gruta, rolando engalfinhados, casaes que rebo-
cavam gemendo, mordendo-se em furor erotico e
passaram por mim aos rebolos sobre a herva secca,
e eram incubos e succubos. E os esqueletos salta-
vam chocalhando á passagem daquelles ajoujos
infernaes que iam maculando o sólo, esturricando
sob os corpos o que ainda restava de seiva nas plan-
tas.

E o ar morno, abafado, começou a toldar-se.
Trovões rolavam longinquos e cálido vento, levan-
tando torvelinhos de pó, sacudia vibrantemente as
folhagens, que guizalhavam. Escurecia.

Como se me houvesse reintegrado na carne de
que me despira, senti todo o meu ser immaterial
crispar-se, como em espavorido presentimento de
desgraça ou de phenomeno sobrenatural.

Conterrita, tremendo, eu subia leve, tenue, como
o fumo e, á medida que avançava na altura, mais
sentia adensar-se a escuridão, flagellada, de quan-
do em quando, a laivos phosphorecentes.

Por vezes estrellejamentos de centelhas, como
as faiscas que espirram das forjas, enxameava o ne-
grume, capulhos de fogo azulado rolavam; bufa-
vam explosões silenciosas.

Eu olhava quando ouvi uma voz suave que di-
zia docemente o meu nome. Baixei o olhar e avis-
tei, na profundez em que ficara a floresta lubrica,
com os estranhos seres que a povoavam, um ponto

apenas flammejando em livor, como cirio solitario em camara funérea. Logo, porém, a voz que me chamara repetiu o appello e senti a presença de alguem, parecendo que duas azas ruflavam nas minhas espaduas.

Só então, em rebrilho offuscante, dei por dois anjos infantis, como os que fórnam a aureola graciosa que cerca a *Conceição* de Murillo, que me ladeavam com archotes, alumando-me. E um delles disse :

— Estamos a chegar ao valle combusto, região das chammas vivas. Se não viesses purificada já aqui te houveras inflammado e, ardendo em fogo, serias attrahida pela immensa fornalha expiatoria. Vê!

Olhei. Todo o horisonte ardia e, por entre as labaredas altas, estendia-se larga e comprida ponte, azul como o céu que se avista da terra nos dias limpidos, pela qual iam e vinham, armados de gladios, altos anjos de guerra dos chamados Kerubs.

X

O VALLE COMBUSTO

O espectáculo que, então, se me deparou aturdiu-me. Olhos humanos não o supportariam pela intensidade da fulguração : todo o horisonte em volta irradiava e o retrôo continuo das chammas lembrava a quebrança do mar em rochas cavernosas.

Chegada que fui á ponte, os meninos angelicos, que me haviam acompanhado, entregaram-me ao Kerub que guardava a entrada. Era um colosso e tal brilho irradiava o seu enorme corpo, de espantosa possança, mas gracioso, acobertado em armadura rutila, que parecia uma estatua talhada em diamante. Tomou-me protectoramente á sua di-

reita e eu, na minha encolhida pequenez, fiquei junto delle como secca, mirrada folha aos pés de um roble. E seguimos pela ponte, que era crystallina, vendo, atravez do seu piso, o vórtice inflammado.

E o Kerub, abocando a tuba, tirou um clangor que repercutiu longa, tonitruosamente no espaço adusto.

E então vi que a extensa balaustrada da ponte não era senão duas filas de archanjos, do porte e do esplendor do que me guiava, que alli se mantinham immoveis, com os broqueis redondos reluzindo em sóes e os gladios lampejando, e tanto se alongavam as alas que, no extremo, o que eu avistava, era como um rio de naphtha relumbrando, até reduzir-se a pequena e tremula scintillação de estrella.

Caminhando, baixei o olhar e vi as escarpadas ribanceiras que fechavam o abysmo, e tamanho foi o meu assombro que teria rolado desastradamente na immensa fornalha se o Kerub me não houvesse amparado.

A rampa era alcantilada, toda em brasa, e por ella rolavam, aos golfões, torrentes de lava e blocos comburentes. Arvores igneas, como de coral, esgalhavam ramos flammejantes, nos quaes se enroscavam serpentes cornigeras, basiliscos de infinitas pernas, como os escolopendros, a cuja vista, peor do que a do catóblepas, abria-se em chagas o corpo de quem os olhava. Viboras coriscavam e

monstros brutaes, escamosos, desciam e subiam vagarosamente a escarpa, rugindo, espadanando com a cauda o brasido purpureo.

Labaredas lançavam-se alterosas como vagalhões do mar encapellado, espumando fagulhas, que chiavam. Negros rochedos destacavam-se nas chammas, que os lambiam, e barcos, de velas rotas, trapejando, zimbravam aos galões, corcoveando no marouço flammíneo.

Por vezes desapareciam, como se houvessem sossobrado ; reappareciam além, empinando-se, e os tripulantes rugiam com tal furor que o murmulho que faziam sobrepujava o estrondo perenne das flammæ rebelladas.

Não andavam apenas embarcados : muitos iam a nado, a braçadas largas, agitando afflictamente a cabeça, a boca escancellada, bolsando flammæ, os olhos enormes, desorbitados, rolando em agonia e, se conseguiam alcançar o bórdo de algum barco, agadanhavam-no, cravavam nelle os dentes, buscando içar-se ; logo, porém, os de dentro os repelliam batendo-lhes com os remos. Outros arrastavam-se pelas penedias, aos gritos, escorchando-se nas arestas, deixando tassalhos de carne nas anfractuosidades, onde ficavam chiando e fumegando. Mãos crispadas emergiam das chammas debatendo-se, dorsos appareciam aos reboleos e, nos rolos da torrente flammante, trambolhavam corpos denegri-

dos, dois e tres, ás vezes, engalfinhados como em luta.

Por vezes, sobre as chammas, fervilhavam verdadeiros camalótes humanos e os que os compunham, empenhando-se em luta, qual mais feroz, qual mais cruel, agarravam-se pelos cabellos, pelas faces, esmurravam-se, laceravam-se, e alguns, com ferocidade barbara, arremettendo de unhas crispadas, escorjavam o pescoço aos companheiros, trincavam-lhes o ventre abrindo-o e, nelle, mergulhando as mãos, arrancavam as entranhas e, bramindo imprecações, atiravam-nas á ponte, como em affronta aos anjos.

Mulheres esgalgadas, com as mãos em garras, rebentavam furiosamente os cabellos flagellando-se com elles; outras, arreganhando a boca com os dedos, fendiam-nas até as orelhas e, nos barcos, em subito furor, os tripulantes atracavam-se peito a peito, e, agarrados, ferindo-se, carneando-se, ás dentadas, cahiam, mergulhavam nas chammas com bramidos ferozes.

Um homem esquálido, rangendo raivosamente os dentes, com a boca a borbulhar espuma, já se sungava á borda do horrivel barathro, com o peito carbonisado, os braços em ossos esbrasidos, quando um dos Kerubs, vendo-lhe o esforço, brandiu o gládio e, dum golpe, fendeu-lhe o craneo em duas conchas, que lhe cahiram lado a lado, sobre os hombros.

O reprobó, tão fundamente enterrara as unhas que ficou longo tempo dependurado, balouçando-se aos estrebuchos, sangrando chammas. Mas uma das mãos desprendeuse e elle rolou pela rampa, arrastando, de reboião, blocos combustos e desapareceu nas lavas que escorriam, em atropellados cachões.

Eram incontaveis os que subiam pelos alcantis, mas, agarrando-se ás pedras, buscando os galhos das arvores, as mãos se lhes abrasavam fumegando.

As serpentes enleavam-nos, as viboras mordiam-nos e, se os alcançavam os dragões, trituravam-nos e, por fim, espetando-os com os cornos dos focinhos, brandiam-nos muito tempo arrojando-os, em seguida, ao alto de onde cahiam logo refazendo-se nas chammas.

Raros eram os que conseguiam chegar á ponte rutila, esses, porém, logo encontravam os tremendos montantes e, espostejados, rolavam no abysmo purgatorio, onde, instantaneamente, recompunham-se.

Fascinada pelo soffrimento estaquei, de olhos cravados no horror e senti como o pulsar commovido do coração de que eu me libertára : era a piedade humana que resurgia e lagrimas, as ultimas que me haviam ficado da vida, expungiram-se naquelle instante triste e cahiram, em duas gotas, no abysmo rumoroso.

Subitamente foram baixando as labaredas e, abrandando, como de fogareu a que se retiram as

achas mais robustas. O bitume deixou de correr e as rampas, apagadas, ficaram pardas, fumegando em rescaldo.

Os barcos repousaram adernados no fundo do valle funebre, os montões flammivomos, estancados, lançavam apenas das crateras novellos densos de fumo negro ; as arvores em carvão, esparsas pelas ribanceiras, pareciam restos de immensa coivara.

Os animaes, espojando-se nas cinzas mornas, sentindo falta do elemento vital, atropellavam-se com silvos e urros, buscando as raras brasas que refulgiam entre o calcinado pedregulho.

Os reprobos quedaram estatelados, gosando o allivio daquellas tréguas. Applacados, associavam-se em grupos, olhando airadamente como se procurassem descobrir a origem daquella misericordia e, vendo-me, assanhando-se em subito furor, puzeram-se a bradar, rangendo os dentes, arrepellando-se, investindo ás encostas impetuosamente, como se as quizessem vingar até a ponte, alcançando-me. E o anjo que me guiava disse :

— Assim respondem ao bem que lhes fizeste. A tua lagrima abrandou as chammas, extinguiu os vulcões que as alimentavam. As arvores apagaram-se e o valle inteiro está tepido, como aquecido do sol. Alliviaste-lhes o soffrimento com a ternura e elles injuriam-te, ameaçam-te. Deixa-os e vamos ! Caminha !

Apezar do conselho, não pude fugir á curiosidade e olhei : O valle illuminava-se reaccendendo-se ; o fumo subia dos montes já radiado de fogo ; inflammavam-se, de novo, as arvores e as bestas igneas, contentes, saltavam rabeando, corcoveando aos silvos. Já iam no extremo da comprida ponte quando o murmulho dos brados doloridos feriu de novo os meus ouvidos. Commiserada, perguntei :

— É o soffrimento, Potestade ?

— Sim, é o soffrimento. Não foram gratos á tua piedade e, de novo soffrem. A tua lagrima podia ter remido a muitos, porque não ha hostia mais grata do que essa ao Senhor, nenhum, porém, soube aproveitá-la, e, mais indomaveis do que as proprias chammas, em vez de se abrandarem e commoverem com a bondade, mais se irritam com ella. Este é o valle da Ira. Esquece-o.

Chegavamos ao extremo da ponte e aos ultimos Kerubs e passamos a uma veiga, tão em contraste com o circulo flammejante que deixamos que, só com a vista da terra relvada e tão graciosa nos seus arvoredos verdes, nas frescas e canóras fontes, no arredondado macio dos outeiros, logo me senti alegrar e bemdisse o Espirito renovador do Altissimo, que tão sabiamente ordena a natureza, revezando com a tristeza e os tormentos a belleza e a fertilidade.

XI

OASIS

Eram taes e tão rapidas as transmutações que não me surpreendeu vêr o mar azul, desdobrando silenciosas ondas em branca praia e, padejando, com barbatanas prateadas, um monstro meio homem, meio peixe que prégava a uma chusma contricta.

Ouvi algumas das palavras que lhe sahiam dentre as longas barbas verdes, suaves e persuasivas, affirmando que toda a vida surgira do mar. E cren-tes em barcos, em almadias, alguns ás cavalleiras em troncos, cardumes a nado, circulando-lhe em torno bradavam-lhe o nome :

«Oannes, rei e senhor da Vida, regulador do fluxo e do refluxo.»

Alguns mergulhavam, reaparecendo adiante com punhados de algas e filipendulas que lhes escorriam, viscidas, por entre os dedos; outros bufavam em buzios; mulheres iam-se de levadia aguas em fóra, com os filhos escarranchados nas ancas ou nos hombros e, de chofre, desappareciam surgindo além, aos gritos, e, levantando nos braços as crianças, que choravam sofregas, apresentavam-nas ao monstro, como oblações vivas.

Ao longo da praia caminhavam figuras merencoreas e um ancião, sentado em uma rocha, com os cotovellos nos joelhos, o queixo entre as mãos, olhava, com expressão escarninha, o culto dos que cercavam o androide, sempre a prégar nas ondas.

O que em toda aquella acceitosa ribeira mais attrahiu os meus olhos foram enormes caracões, que eram homens encaramujados, langonhando a areia por onde rastejavam.

E disse-me o kerub :

— Esses são os egoistas, que não sahem de si. Os que por ahi divagam, macambusios, são os misanthropos; os que riem dos crentes são os atheus; e outros ha refolhados na espessura, enlapados em cavernas.

Um cheiro dôce de magnolias embalsamava o ar como nas noites tépidas de setembro nos jardins da terra.

Penetramos maciamente o bosque. Claridade

lunar coava-se pelos escassilhos da folhagem, marchetando a alfombra de folhetas de prata.

O kerub, d'azas cerradas, guiava-me por entre as arvores frondosas indicando á minha attenção os innumeros e variados encantos da paizagem : aqui, o espelho de um lago, reflectindo graciosamente o arvoredor ; além, campinas, de avelludado verdor, soerguidas, de espaço a espaço, em pomas e outeirinhos coroados de palmeiras.

Nos silvedos floridos era perenne, blandicioso o tremulo cantar de fontes e, estranhando eu não vêr ramo morto, folha secca, flôr fanada e em tudo viço de primavera o anjo explicou-me :

— Isto é um oasis de serenidade, perpetuamente vernal. Dentro em pouco veremos os que se abrigam á sombra olente dos sandalos, os que meditam á beira das aguas calmas, coalhadas de flores, ascetas e cenobitas, proselytos de religiões extinctas. Como a noite não escurece esta mansão, elles refugiam-se no mais penetrado da brenha e, deitados na relva, que recende, distrahem-se com o concerto dos passaros, gosando deliciadamente o arôma das açucenas eternas.

Perlongavamos um bosque de acacias, quando duas corças desceram mansamente ao caminho que trilhavamos e puzeram-se a lamber-nos as mãos, fitando-nos com os grandes olhos humidos e ternos e aves, de rutilas plumas, que gorgeliavam nas

ramarias, baixaram familiares, voando em volta de mim, pousando-me nos hombros.

Nem se perturbavam os cysnes que franziam as aguas com as palmouras rosadas, nadando por entre nenúphares, nem as gazellas que pastavam, nem os pombos, maiores e mais azúes que os da Palestina, que arrulhavam, aos casaes, nos ramos. Olhavam-nos tranquillamente, e, se abalavam, não era para fugir, mas para buscar-nos e seguir-nos dóceis.

Ao entrarmos em uma clareira deparou-se-me uma turba ajoelhada em volta de um monolitho. No cimo da pedra crepitava um lume e os homens, encanecidos, d'olhos fundos, rostos seccos, vincados, balbuciavam veneradamente e com tanta devoção que nem deram por nós, mantendo-se absorvidos na contemplação da chamma.

Sombras fluíam aereamente em nevoa, insinuando-se por entre as arvores e, de instante a instante, módulo soído de harpa vibrava lento e vozes entoavam cantos mysticos.

Sem animo de interrogar o anjo que me conduzia, eu relanceava em volta olhares curiosos e, por todos os lados, descobria conciliabulos, assembléas compactas em circulos, adorando symbolos e, no fundo tenebroso de uma caverna, uma mulher de olhos fulgurantes, esticando, como para rebentar nas mãos crispadas, negra, escamosa serpente; e

diante de uma pedra aspera, toda em chanfras, que era altar, poz-se a bramir energúmena, com a boca a ferver em espuma, prophetisando oraculos tremendos.

Vozes apregoavam principios, prégavam dogmas e o echo que lhes respondia atroava refutações.

Mas o que verdadeiramente me impressionou em tudo que vi, não esquecendo o cortejo delirante de mulheres nús e desgrenhadas, tripudiando num vinhal ao som de crembalas, foi, em terreno sáfaro, sem vestigio de herva, um velho nú, escaveirado e esqualido, curvado em arco, a penitenciar-se com disciplinas laminadas.

As carnes retalhadas orvalhavam a areia de sangue, todo elle era uma cicatriz vermelha. E não parava e com os ríspidos estalos do tagante, estuava-lhe o arquejo soturno do peito concavo cortado, de quando em quando, de exclamações piedosas :

— Deus Senhor ! Deus Senhor ! compadecei-vos de mim !

Os cabellos e as barbas estavam empastados de suor e de sangue e elle brandia as correias sem descontinuar, offegando.

O anjo, notando o meu espanto, falou :

— Estranhas, de certo, taes encontros neste sitio aprazivel ?

— Em verdade, respondi transida, não só este

como os mais que tenho topado nesta ilha, que tal me parece ser a estancia por onde vamos.

— Sim, confirmou o anjo. Aqui assistem promiscuamente sectarios de todas as religiões com que tem sonhado o homem. Olha em volta e ao longe e verás a immensa multiplicidade de cultos e idolos de todas as fórmas, dos mais bellos e augustos aos mais bizarros e ridiculos ; ouvirás canticos e clamores, sons de instrumentos módulos e atroadas orgiasticas ; verás altares cobertos de flores ou ardendo em flammæ e aras escorrendo a sangueira de victimas humanas. Vês aquelle espectro que se espoja em estravo, á maneira dos escaravelhos ? é um gymnosophista ; e, poucos passos adiante, cravada no solo, rebrilha a acinace, espada que os scythas adoravam como adoras a cruz.

— Como a cruz ?

— Como a cruz.

— E o Senhor congraga no céu todos esses pregoeiros de falsidades, profanadores da Palavra Evangelica e ainda os seus idolos infames ?

— Que importa a apparencia ? O symbolo é uma expressão do Ideal e varia nas diversas religiões, como variam os vocabulos nos idiomas, posto que se refiram á mesma Essencia, como as palavras alludem ao mesmo objecto. A Crença é o fundo de todas as religiões, o que se altera é o encaixe, ou moldura. Como symbolo tão verdadeiro é Chris-

to como Dagon, Zeus ou Osiris, a arvore do totemista ou o lume do parsi, porque, através delles, o que o homem vê é o Ser. Todos esses symbolos gravitam em volta da mesma Verdade — são raios duma só Luz.

Estacando de golpe o Kerub estendeu o braço para o sitio onde o asceta, curvado e sangrando, flagellava rispidamente as carnes, abertas em lanhos esborcinados, e disse :

— Aquelle que ali vês, consumido pelos jejuns, macerado por penitencias severas, não gosa as delicias desta mansão e, todavia, foi dos primeiros que padeceram martyrio pela Fé. Andrajoso, descalço, curtindo fome e sede, resignou a vida opulenta e de goso pela agrura de um eremiterio, onde os perseguidores o mataram com tormentos de ferro e fogo e o seu corpo, mirrado e resequido ás soalheiras esfarelou-se no areal dispersando-se em poeira nos turbilhões do simun. Soffre ainda como não soffrem o curéto, o hierophanta, as sibyllas, o druida, o fakir, todos esses que por ahi andam accendendo lumes, sangrando victimas, bradando oraculos, cortando, com foice de ouro, o agarico e pondo infulas nas arvores, porque não se mortificava com espirito devoto, senão pela vaidade de ser adorado pelos homens na terra e glorificado no céu entre os eleitos de Deus. Havia intenção mais pura na carnificina e no tripudio do barbaro do que nas

oblações desse martyr e o Senhor, muita vez, aceitou, com agrado, o sangue das hecatombes e o fumo dos holocaustos, de preferencia ás preces e ás flagellações dos ascetas que exaltavam o seu nome e fingiam observar os seus mandamentos.

— Então o selvagem que se prostra diante de um feitiço grosseiro vale tanto aos olhos de Deus como o que vai á missa todos os dias, confessa-se e communga todas as semanas ?

E o anjo disse :

— Deus vê no fundo dos corações. Não ha ritos ; o que vale é a Crença. A Fé é uma só em todas as almas. Tu mesma, que religião praticavas na terra ? Ias ás igrejas ?

Baixei os olhos corrida e com medo. Beiravamos, de alcantilada altura, a profundeza de um lago azul e fulgido e o anjo poz em mim um olhar que relumbrava colera. Tartamudeei estarecida :

— Confesso a minha culpa, minha maxima culpa. Mas as horas são tão breves e são tantas as complicações na vida lá em baixo . . . Fui, uma ou outra vez, a missas de finados, não propriamente pelas missas, nem pelos defuntos, mas pela sociedade e pelos vivos da familia que encommendara a cerimonia. Ás vezes por fadiga, preguiça ou compromissos urgentes mandava um empregado ou telephonava a algum amigo pedindo-lhe que assignasse por mim nas listas da sacristia. Mas não havia em

tal procedimento indifferença ou menospreço, tudo era a falta de tempo. Homem occupado, como eu... Eu queria que vossa angelitude passasse um dia lá em baixo, na azáfama do Foro. É um horror.

Justifiquei-me como pude, contando, porém, com um golpe que me escachasse. O Anjo, entre tanto, tornou com brandura :

— Todavia vens vindo pelos caminhos suaves. Por que ? Porque foste piedosa e amaste o teu proximo, tirando sempre da tua fortuna o imposto de misericordia devido a Deus : a esmola. Has de chegar ao Empyreo e verás, então, o que valem orações e missas. Pensas que todas as rezas e inferias são apuradas cá em cima ? Pois sim . . . !

Taes palavras, pronunciadas em tom desdenhoso, fizeram-me desconfiar do conductor e, instinctivamente evitei-o, receiosa de outra insidia como a que me pretendera armar a empusa, enleiando-me em blandicias para damnar-me.

Mas o Anjo proseguia sereno e, diante d'elle, em vez de sombra, o seu corpo projectava um fulgor scintillante como o da lua cheia quando esteira em tremulina o mar.

XII

EPHEMERIDES

O sólo que pisavamos scintillava esbrasido e um pó subtil e rutilo faiscava no ar subindo dos nossos passos. O anjo proseguia sereno, de asas colhidas e eu via-lhe a projecção luminosa, mais refulgente que a luz.

Deslumbrada com a claridade intensa e com o brilho fulgido da estrada eu sentia a vista em fogo e, assim, céga no esplendor, caminhei longamente, aturdida e, quando dei accordo de mim, achava-me em sitio agreste, lapedo lugubre, contrastando com a suave e repousada paragem que deixara.

Tudo eram pedras e espinhos, urze bravia e cardos, e, em tão tristonho paradeiro, immensa

multidão formigava apertando-se aos empurrões, todos com ansia de se achegarem a uma alta columna de blocos sobrepostos, em cujas frinchas e juntas a hera tufava.

A variedade dos trajos era pittoresca, nas côres predominava o sanguineo da purpura. Mitras altas, cravejadas de pedrarias, annunciavam mulheres de Babylonia ; as tunicas amarellas dos mercadores phenicios, que mal podiam levantar os braços enrodilhados em armillas, davam-lhes a feição de grandes idolos de ouro ; mancebos de chlamyde e pétaso apoiavam-se a bâculos, como os dos pastores ; negros, de tanga de pelles, uma pluma de avestruz atravessada na carapinha, sentados no pedregal, tamborilavam soturnamente em cabaças que tinham ao collo ; mulheres, rojadas de bruços, guaiavam desesperadamente ; muitas, retalhando as carnes, com pedras aguçadas, cantavam aos guinchos, tripudiavam freneticas, vendo o sangue correr. E estalavam vergalhadas zurzidas em dorsos nús de penitentes, que incitavam os verdugos a darem mais força ao braço. De quando em quando, em resposta a um lancinante grito, todos bradavam em vozeiro de lamento. Estava eu a olhar pasmada o lugubre espectaculo quando um airoso mancebo, trajando á maneira syria, entrou a lastimar-se, em pranto soluçado, rasgando as vestes, cravando as unhas nas faces, laivadas de san-

gue, a pedir ansiosamente o baptismo. Logo na multidão levantou-se um clamor de espanto :

« É Antiocho ! »

Uma mulher, alta, morena e formosa, com os cabellos negros levantados em torre, poz-se a dizer, como se me falasse :

— Vê ! É elle mesmo, Antiocho. É elle que ahi está a pedir o baptismo. Pois já lhe dão tempo as concubinas e os vinhos já lhe deixam razão para que, de tão longe, venha, empoeirando as sandalias finas, como pastor agareno, pedir o sacramento que salva ? Quero vê-lo de perto, olhá-lo em face, porque me custa acreditar em conversão assim repentina. Não ha muito houve quem o visse embriagado, dançando nú, coroadado de rosas, entre héteres mylesias. Quero olhá-lo em face para convencer-me.

E, sempre murmurando, incredula, rompeu a multidão desaparecendo entre as tunicas de purpura e amarellas e os saiaes de linho e as penúlãs de lan cerdosa.

Não durou muito tempo o bezôo da turba, outro clamor rompeu e o povo recuou espavorido como diante de armas : « Morreu ! Morreu ! » bradavam e, de todas as bocas, em vozeirada retumbante, partiu o mesmo reclamo : « O baptismo ! O baptismo ! »

E milhares de braços levantaram-se para a al-

tura, agitando pannos, abas listadas, báculos arvaes, ramos de eloendro e, como todos acenassem votivamente para o alto da columna, acompanhei com o olhar o gesto que faziam e vi um busto macilento e coberto de crustas em volta do qual ardia uma auréola radiante, e reconheci um penitente.

As barbas e os cabellos, compridos e emmaraanhados, derramavam-se-lhe pelo peito e pelas costas, confundindo-se com a herva nascida no parapeito do pulpito cavado no fuste da columna. Tão immovel estava, com a cabeça descahida para as costas, os braços levantados, que parecia de pedra como a propria columna. Surdo ao clamor do povo que o cercava pedindo o baptismo, implorando, como reliquia, uma só das folhas que lhe roçavam pelo busto, uma pedra do parapeito ou a sua benção santificante, não retirava os olhos da altura extasiado, todo entregue á delicia da visão mystica para a qual estendia os braços. Um homem, todo roído de pustulas, sem labios, sem palpebras, com os olhos boiando em pus, os dentes soltos, bambos nas gengivas flacidas, limpando a sanie que lhe escorreria do rosto com a aba da tunica, atravessou a multidão tremulamente. Por piedade ou nojo abriam-lhe passagem e elle seguia deixando um rasto de sangue, dizendo para o penitente, em voz fanha: que caminhava desde a remota Cilicia, soffrendo as maiores affrontas, curtindo dôres atrozes, ao sol, á

chuva, para ali chegar com a dôce esperança de salvação.

Pedia o baptismo, que mais lhe importava do que a cura do mal doloroso e repugnante, que o tornava incompativel com os homens e o fazia ter asco de si proprio quando se revia em algum rio ou pôça d'agua. Antes de partir quebrara o seu idolo e, para que delle nada subsistisse, fizera com os pedacos uma fogueira diante da cabana. « Queriam o baptismo ! Queriam o baptismo ! »

E, cahindo de joelhos, a face de roxo, poz-se a esfregar nas pedras a fronte, que era toda uma chaga. Ouvindo os brados do pustuloso, o penitente baixou os olhos e fitou o desgraçado, que, sempre de bruços, rebojava com a fronte no rebo clamando : « O baptismo ! O baptismo ! » Subitamente ergueu-se e um atordoante clamor partiu do povo :

— Milagre ! Milagre !

O homem estava aturdido, olhando dum para outro lado, como quem busca escapar a uma farandula. Todos, avançando, apertaram-no e elle, já assombrado, buscava o punhal na cinta para defender-se quando um mercador avançou com o elmo de um soldado, onde uma mulher despejara o seu cantaro e, chegando-o ao rosto do leproso :

— Olha ! disse-lhe.

O misero curvou a cabeça e vendo-se nua limpo das chagas, com as feições perfeitas, pôz-se

a tremer e a chorar e, ajoelhando-se, arrastou-se á base da columna, com a face pela terra onde as suas lagrimas deixavam dois sulcos, murmurando :

— Meu santo !... Meu santo !... Meu santo !...

E o povo bradou como em furor :

— O baptismo ! O baptismo !

Maravilhada com o que via, perguntei ao anjo, que se conservava quieto e calado, como indifferente a tudo :

— Que varão é esse de tão alto poder que attende com milagres a todos os que o invocam ?

E o anjo disse-me :

— É Simeão, o stylita, orago do dia de hoje. Para que, desde o céu, sejam rememoradas as vidas virtuosas, determinou o Senhor que os dias, que alumiam a terra, fôsem presididos pelos que os santificaram com o martyrio. E assim, com espectaculos mysticos, como o que vês, o céu perpetua em ephemerides a gloria dos justos. Foi num dia correspondente ao de hoje que aqui entrou, recebido por anjos, Simeão de Sysan, cognominado o stylita e, todos os annos, na mesma data, para memoria perpetua da sua vocação, elle apparece tal como viveu no deserto : no alto da columna que levantou, cercado das mesmas almas que converteu e remiu. Amanhan virá outro mysterio, outra vida de santo, depois outra, outra...

— Como nas folhinhas ?

— Sim. Como nas folhinhas, repetiu o anjo e falou-me da vida edificante do verão que ali se mostrava, como na varanda da fazenda de meu avô, em Valença, á noite, Padre Justino explicava o catechismo ás crianças que não se contentavam com as lendas aureas e pediam, a seguir, historias de genios e de fadas.

— Filho de um pastor da Cilicia, Simeão passou os annos da infancia guardando ovelhas, buscando, para apascentá-las, campos de herva tenra, aguas de ribeiras limpas e sombras de arvoredos.

Uma manhan — era domingo — seguia elle, como de costume, com o rebanho, quando viu a porta de uma igreja aberta. Entrou justamente no momento em que o sacerdote repetia as palavras do Evangelho : « Bemaventurados os que choram . . . » Ignorante e ingenuo pediu a um velho que lhe explicasse o sentido de tão singular sentença e tal foi a explicação recebida que logo ali se lhe arrasaram os olhos de commovidas lagrimas. Ardendo em zelo piedoso, divinamente inspirado, deixou o doceil zagalejo a igreja e reconduzindo o rebanho ao aprisco, internou-se no bosque. Sete dias ali passou sem provar alimento, sem refrescar os labios com uma gota d'agua, prostrado em terra, a rezar. Deliciando-se com essa prova inicial, quiz levar por diante a sua penitencia e, deixando o seu primeiro

retiro, foi bater á porta de um mosteiro, prostrando-se aos pés de Heleodoro, o abbade, a pedir-lhe que o recebesse entre os monges.

Condoído do pranto em que o viu. acolheu-o o superior e logo Simeão, vestindo o habito monastico, estreou-se na vida devota com a mais rigorosa observancia. Do que lhe davam para nutrir-se, um pouco de pão e um molho de hervas, alimentavam-se os pobres que recorriam á sua caridade.

Como se lhe não bastasse tão austero jejum ainda, para macerar-se, cingiu a cintura com um cilicio de esparto, e com tal força o apertou que a corda, vincando-lhe a carne, entrou-lhe fundo até as raizes. Deram pelo supplicio os monges, sentindo o máu cheiro da sevicia que suppurava e, despindol-he o burel, viram, com abalo e espanto, a chaga denegrida.

Para arrancarem-lhe o cilicio foram necessarios delicadissimos cuidados. As dôres que soffreu não lhe mereceram gemidos, mas palavras gratas e jaculatorias, e dois mezes levou a ferida a cicatrizar apesar dos balsamos que lhe applicaram.

Tão grande e raro fervor religioso devia despertar ciumes e não tardaram murmurios e protestos surdos, tanto que Heleodoro, para não perturbar a confraria, despediu o joven penitente, dando-lhe uma bilha e uma brôa de milho.

Foi-se, sem odio, direito ao deserto. Topando

um poço secco, nelle metteu-se contente, achando o sitio delicioso para retiro. O abbade, porém, noites depois de o haver despedido, teve um sonho no qual lhe appareceram muitos homens de desmedida altura, vestidos de branco e alados, que, pondo cerco ao mosteiro, reclamavam Simeão, a vozes intimativas.

Logo ao acordar, Heleodoro, interpretando o sonho como uma ordem de Deus, despachou todos os monges em procura do santo.

Quiz o Senhor que o encontrassem e, tão feliz estava no seu incluso, que bem lhe custou seguir os companheiros. Tres annos demorou-se entre elles, na mesma vida de mortificação, até que, um dia, saudoso da quiete, sollicitou que o deixassem partir, tornar ao ermo. Debalde lidaram com elle para que ficasse. E foi-se, recolhendo-se a uma velha cabana, mal murada e descolmada, que os ventos sacudiam, achando-a a seu gosto, solitaria entre penhas, no monte Telanissa.

Foi ahi que jejuou uma quaresma a fio, tomando apenas, no dia da Paschoa, uma particula de hostia que lhe ministrou um sacerdote e só com esse divino apisto recuperou todas as forças.

Ainda assim bem pequenas e fracas pareciam-lhe taes provações e, sempre buscando torturas novas e mais acerbos, subiu a um alto e escarpado monte, onde fez um estreito circulo que murou de barro

e, nelle entrando e para que nunca o transpuzesse, prendeu-se a uma cadeia de ferro que não lhe permittia girar senão dentro do ambito acanhado do seu voluntario presidio.

Um monge, porém, visitando-o, deu-lhe a entender que não pareceria bem ao Senhor que um cren-te, para manter-se preso ao seu voto, houvesse mister de outros liames que não os do coração, que são o amor de Deus e a Fé na sua Misericordia. Tanto bastou para que o santo, na mesma hora, limasse os grilhões e ficasse penitenciando-se com extremos de rigor da fraqueza em que cahira. Attrahidos pela fama das suas virtudes, foram procurá-lo ao deserto homens de todas as castas e, como de lá voltassem fortalecidos, proclamavam-lhe os milagres, despertando no coração de quantos soffriam o desejo de buscar allivio junto d'elle. E romarias numerosas subiam, sem descontinuar, a encosta da montanha, cercando a jazida do penitente.

Foi para fugir modestamente aos louvores que elle levantou uma columna, nella isolando-se da turba. Ainda assim o povo não o deixava. Erigiui então outra, que media doze covados de altura; não satisfeito, construiu uma ainda mais alta: vinte e dois covados, e por ultimo a de quarenta e dois covados, onde a morte o encontrou.

O povo amontoava-se em baixo, pedindo o baptismo, exactamente como estás vendo na comme-

moração. Vida de tão estranho e desacostumado supplicio, fez com que os proprios solitarios da Thebaida reparassem e levantassem censuras, tratando o santo de impostor. Houve até quem o julgasse pactuado com o demonio. Para o provar, lembrou-se o superior dos eremitas de despachar um solitario que o intimasse em nome de Deus a deixar a columna, sendo que o teriam como virtuoso se obedecesse e como possesso se se negasse.

O solitario partiu, e chegando ás cercanias do sitio, onde avultava a stella, difficilmente poudo vencer a atropellada multidão que se affrontava ansiosa, bradando e, por entre homens que se maceravam e mulheres que se despojavam das joias, trocando todos os dons por uma benção do santo, chegou á base da columna e falou intimando o penitente a descer.

Humilde e indifferente ao povo que o via assim prestar obediencia a um moço eremita, poz-se logo a cumprir o que lhe era ordenado, cravando as grandes unhas nas pedras, agarrando-se á herva, e já assentava os pés em terra quando o emissario, convencido da sua virtude, deu-se por satisfeito, tornando á Thebaida com a noticia maravilhosa.

D'ali, da sua stella, prégava e baptisava; ali foi, por vezes, tentado pelo demonio que, duma feita, tomando a fórma dum anjo luminoso, quiz persuadi-lo de que Deus não via bem tamanha morti-

ficação e queria que elle o servisse em outra parte e de outro modo. Simeão, longe de aceitar o aviso, persignou-se e logo a apparição maligna desfez-se.

Ainda assim, julgando que sómente por ter escutado as palavras do anjo incorrera em peccado, condemnou-se a ficar sobre um pé, tendo o outro levantado, e a tão penosa postura sobreveiu-lhe uma chaga na perna, cujas dôres martyrisantes lhe arrancavam lagrimas, que elle chorava cantando louvores a Deus.

Assim viveu annos. Nos ultimos tempos o seu aspecto era o de um tronco, porque na terra que os ventos iam deixando sobre o seu corpo cresceram hervagens que o envolveram em folhas. Uma manhã, debruçando-se ao parapeito para rezar, a morte gelou-o.

Tres dias ali esteve sem que Antonio, seu discipulo, o julgasse morto, imaginando-o apenas arrebatado em ascése, de sorte que, quando o foram arrancar da columna, onde o prendiam raizes, já os anjos aqui celebravam festivamente o seu triumpho beato.

— Extraordinario homem ? Grande santo ! exclamei abalada.

— Não o conhecias ?

Hesitei um momento em confessar a minha ignorancia, por fim, resolutamente, disse a verdade :

— Não, não o conhecia. São muito poucos os santos que conhecemos lá em baixo. Espectaculos como este é que convinham ao mundo para robustecer a Fé. Em Oberammergau, na Allemanha, fazem alguma coisa parecida, mas de dez em dez annos e só sobre a paixão de Christo. Roma é que se podia encarregar de todo o *Flos Santorum*. Isso é que seria um repertorio!

Abriu o anjo largamente as azas, levantou-se em vôo e eu, leve, segui-o no sulco do alor como affirmam que os cadaveres, lançados ao mar, acompanham a esteira dos navios, até que, na altura a que ascenderamos elle me disse, librando-se, a baixar docemente, de azas planas:

— Estamos a chegar ao lago da Purificação formado com as lagrimas dos que, na terra, choram de arrependimento. A um e outro lado do rumo que seguimos succedem-se os purgatorios: O areal da Inveja, árido, combusto, onde os reprobos rastejam perseguindo raivosamente as respectivas sombras; o lameiro da Preguiça, férvido de fimicolas. As almas que nelle se atolam em expurgo são despojadas da esperança, seiva do desejo, com a qual os demonios fazem a ambição, que espalham pelo mundo. Aquelles alcantís, além, serrilhados em redentes, amuram o desfiladeiro da Calumnia, em cujas penhas os condemnados esperneam e ululam suspensos pela lingua. E lá ao fundo, vitrea, avulta

a montanha álgida em que tiritam os orgulhosos, estendendo as mãos aos raios pallidos de um sol espectral, mais frio do que a neve. E por ahi, indefinidamente, tudo são passos de tortura.

XIII

SIMÃO PEDRO, O PASSADOR

Ia eu tão entretida e enlevada no que me dizia o anjo que não pude conter uma exclamação de surpresa ao achar-me á margem de um lago placido de aguas tão limpidas e espelhadas que eu lhe via o fundo micanté, todo de areias de ouro. Seres de forma humana, acardumados, nadavam, mergulhavam, trambolhavam em trebelho ou sentados em nenúphares e folhas largas, em fórmula de bandejas, como as que fluctuam nos rios e lagôas da Amazonia humida, navegavam docemente, guiando taes almadias por entre ilhótas floridas e cheias de aves brancas que se miravam na agua.

De aerides, pendentes das arvores acenosas,

partiam, a todo o instante, pequeninos anjos, cruzando-se em vôo, com alegre galreio que lembrava o chilido guizalhante dos pardaes, quando se recolhem aos ninhos. Por vezes, dando-se as mãos, formavam circulos enormes ou estendiam-se em nistros ondulantes, subindo, descendo em evoluções graciosas.

Enxames de borboletas rompiam dos bosques e, pairando acima do lago, ficavam um momento em adejo, subito dispersavam-se desfolhadamente e tanto no ar como em reflexos nagua era, durante muito tempo, um maravilhoso esparzimento de azas como petalas que turbilhonassem ao vento.

Élaphos appareciam entre as ramas olhando mansamente e eu não me fartava de admirar aquelles recessos, recamados de flores tão lindas, meneando nas hastes fléxiles, como se bailassem.

E o anjo, estendendo o braço acima das aguas, disse-me :

— Vai e purifica-te.

Logo me precipitei a correr, patinhando na areia encharcada e macia, a gosar voluptuosamente o frescor da humidade. Á beira d'agua acocorei-me, puz-me a chapejar borrifando-me com delicia, entrei e, á medida que avançava no lago, sentia-me mais leve.

Mergulhei. Surgindo á tona notei que se destacavam de mim umas como escamas, que eram

peccados que ainda me polluiam. Então puz-me a esfregar-me, a raspar-me com furia e, se ainda me restasse pelle, eu a teria ali deixado, tal era o vigor com que, ansiosamente, procurava arrancar de mim as manchas que haviam resistido aos sacramentos, á absolvição do padre, ás missas, ás preces e outras mundificações da Santa Madre Igreja. E ganhava esplendor como o diamante ao tórculo.

E aquelle alegre banho dalmas lembrou-me, saudosamente, as lindas praias da minha terra nas quaes, tanta vez, no verão, a conselho medico, eu exhibira os meus joanetes e admirara pernas e tambem me desilludira de certas graças venustas, que me deslumbravam em salões, arrochadas em colletes e premidas em sapatinhos borralheiros e que, ali na onda, que incorporara Venus, me appareciam escanifradas, umas, outras descollando-se em perigalhos ou com badanas de enxundia, chapinhando ao peso de paturrilhas de athleta em pés chatos, esparrimados e endurecidos de callos.

Algumas, já de todo limpas, sahiam na outra margem subindo vagarosamente pelas areias e desappareciam entre as arvores. Depois de me haver longamente examinado, satisfeito com a desinfeccção, o anjo fez-me sahir, tomou-me pela mão e, elevando-se commigo em alôr sereno, atravessou o lago, acima das aguas, baixando entre os lirios que floriavam e embalsamavam a ribeira opposta.

— Para onde vamos? perguntei.

Mostrou-me um cardenho achaparrado entre duas collinas que figuravam hortensias colossaes, tão cerrada era em ambas a florecencia.

— Ali, explicou, reside o passador. Vamos ter com elle.

Nesse interim duas almas romperam do bosque, rezingando:

— Faz-nos tornar ao lago, porque ainda temos peccados. Que peccados serão esses? Esfreguei-me como viste, até com areia, e elle acha que ainda não estou em estado de graça. Tambem é impertinencia de mais.

E a outra, estacando enfesada e cruzando, violentamente, os braços, exclamou:

— E eu! Eu então!... Até fiquei com medo de que elle me fizesse voltar á terra para reencarnar-me de novo. Comtigo ainda o barco resistiu algum tempo á flôr d'agua, mas commigo! Mal puz nelle o pé, foi logo afundando. Se queres que te diga, não me lembro de haver peccado tanto assim. E esfreguei-me a valer. Estou vendo que isto por aqui é como lá em baixo: Quem não tem empenho não arranja nada.

Foram-se resmungando.

Ouvindo-as, fiquei apprehensiva, arrependida de me não haver demorado mais no lago, certa de que o barco do passador sossobriria commigo. As-

sim pensando, senti-me pesada, como se levasse ao hombro o Pão d'Assucar.

Mas o anjo continuava a caminhar, calado e grave. Então, entre as collinas floridas, diante do cardenho, avistei um ancião calvo, de barba longa, intonsa e amarellenta, que cantarolava baixinho, concertando as malhas de uma rêde. Uma barca, larga e chata, balouçava-se no rio, e, adiante, duas outras, ajouçadas, estavam attestadas de fardos.

Sentindo-nos, o ancião calou-se, suspendeu o trabalho e, passando a mão tanada e rugosa pela barba hispida, encarou-me de má sombra.

— S. Pedro, annunciou o kerub.

Ao ouvir tal nome, que é o da pedra angular da Igreja, pedra que foi homem, homem que foi um dos discipulos de Jesus, e dos mais amados, que padeceu martyrio por amor do Mestre e foi glorificado entre os santos da primeira categoria, alui de joelhos e, sem animo de levantar os olhos para o bemaventurado, quedei largo tempo de bruços, até que o beato pescador, chamando-me por meu nome, com intimidade que muito me desvaneceu, disse, tirando-me do pavor mystico em que eu estarecêra :

— Levanta-te !

Obedeci tremendo e elle, esguelhando-me um olhar escarninho, achando-me, talvez, ridicula e

servil, deu d'hombros, dirigindo-se, então, ao kerub com o qual esteve a cochichar.

Aproveitei a conferencia para examinar, á vontade, o velho tronco pontifical.

Era meão de altura, moreno e atarracado. A calva eburnea, lustrosa, tinha uma bossa ao alto, como um gallo, o que logo me recordou a covardia narrada nos Evangelhos. Barba curta e aspera, supercilios em grenha espessa, olhos pequeninos, vivos, trefegos, piscando brilhos de malicia. O nariz grosso, rombudo, reticulado de veias, lembrava um figo.

Percebi que falavam de mim. Concluindo a conversa o kerub elevou-se direito, deixando-me, sem uma palavra, como se me abandonasse desprezivelmente. Mas o santo chamou-me e, chegando-se á barca, desamarrou-lhe o proiz, ordenando-me que entrasse. Recusei formalmente, zumbrindo-me com humildade :

— Não ! Nunca ! Primeiro vós, meu santo.

— Homem, entra d'uma vez, que eu tenho mais que fazer, bradou.

Curvei-me e obedeci.

Ao saltar na bancada pareceu-me que o barco mergulhava até as bordas e já se alagava com o meu peso peccaminoso quando, em verdade, nem de leve oscillou. Sentei-me no paneiro, encolhida entre duas caixas laeradas com hostias e o santo,

fincando o varejão na margem, dobrou-se em esforço impellindo a barca.

Então, inclinando-se a uma e outra banda, com um olho fechado, a observar o nivel, murmurou entre dentes :

— Está direito ! . . .

Logo desferrou a vela que trapejou estabanadamente, tufou-se em bojo pando e partimos deslizando.

Numa e noutra margem era continuo e alegre o galreio da passarada. Rebanhos de corças pastavam na relvagem florida. Adiante de nós voavam dois anjos pequeninos, pouco maiores que pombos.

S. Pedro, que se recostara ao mastro, estendendo as pernas, pediu-me noticias da terra :

« Que havia de novo no mundo ? Que faziam os homens, sempre inquietos e ambiciosos ? »


Estranhei que um santo de tão alto prestigio, vivendo na Omniscencia, ignorasse as misérias corriqueiras de tão vil colonia. Resolvi, então, tirar partido da conversa, firmar os meus creditos de catholico, e louvei, com encarecimento, a ultima encyclica do Vaticano. O santo . . . nem como coisa : moita ! Mudei de assumpto e disse-lhe dos progressos do seculo vertiginoso, das desregradas ambições do homem incontentavel, que se preparava, com azas frageis, para vingar o espaço e ensaiava mergulhos nos abysmos do oceano em barcos ta-

lhados á feição de espadartes ; reprovei as manobras politicas, os enlços das chancellarias, a usura dos capitalistas, que semeavam a Discordia entre os homens para provocar as guerras lucrativas ; exaltei a electricidade que alumiaava a vida e facilitava o trabalho, substituindo, com vantagem, o braço do homem e a pata do burro.

O santo sorriu nas barbas emmaranhadas e como eu falasse em Paris, a proposito da moda, geradora da vaidade no coração da Mulher e da ira na alma do Homem, victima do figurino, S. Pedro atalhou-me de mau humor :

— Já estava tardando. Vocês, brasileiros, falam mais de Paris do que os proprios franceses. Deixemo-nos de Paris. Conta-me da tua terra, da tua cidade. De Paris estou farto. É serrasina que já me irrita.

Vexada com a rebentina do santo, que resmungava, embioquei-me em tartufismo piedoso, lamentando, com suspiros, o desregramento do mundo, a ambição insaciavel, e os vicios que penetravam a alma desvariando-a. Queixei-me da indiferença pela dôr do proximo, da morte do Ideal, da falta de religião, do abastardamento dos costumes. Exaltei a Igreja, arca de salvação, e falei do Papa com respeito devoto.

 O santo encarou-me maliciosamente, risonho e, depois de um momento em que manteve, fitos

em mim, os pequeninos olhos, que petiscavam lume como pederneiras, pigarreou e disse :

— Arca de salvação, hein ? Pois sim . . .

E, agarrando, a mãos ambas, a canna do leme, tenteou a barca num fervedouro em que as aguas turbilhonavam, entre rochas. Logo, porém, que reentramos no remanso, tornou á attitude refestelada e concluiu sacudindo a cabeça :

— Sempre os mesmos ! Estou aqui nesta lida vai para dois mil annos, e ainda não vi novidade : os de hoje são os de hontem e hão de ser os de amanha. O homem é vicio e o vicio é eterno. A mim é que não embaçam. Chegaram aqui, ha pouco, duas almas que foram, na terra, as mais ardentes devotas do meu nome. Eram recados, orações, promessas todos os dias. No mez de Junho, que é o meu, só tinham uma preocupação : fogueiras com batatas, aipim e canna e fogos de artificio. Tanta dedicação moveu-me a interessar-me por ellas. Subiram no mesmo dia. Recebi-as de bom grado, convencido de que eram puras. Pois mal puzeram pé na barca, não fôsse eu marinheiro velho e teriamos ido, os tres, parar no fundo d'agua. Devolvi-as ao lago para que se lavassem e não ha de ser com ablucões que se hão de limpar das immundicias que trazem, mas com muito mergulho na maior profundez. Deviam ter ficado lá pelas chammas, purgando-se ; mas agarraram-se commigo e é isto. Ou-

tras, por muito menos, soffrem horrores ahi por esses abysmos.

— Quer o meu santo dizer que aqui tambem correm empenhos ?

— Se correm ! Infelizmente ! Ha aqui santos (Antonio, por exemplo) que não me dão fólga com pedidos para que lhes passe os afilhados. A maioria dos que viste no lago é de protegidos do paduano. Emfim . . . Devias ter encontrado em caminho as duas almas.

— Sim, meu santo ; encontrei-as. Iam furiosas.

— Commigo ? Queixem-se da barca, que é a balança.

— E que fizeram ellas, S. Pedro ?

— Que fizeram ? Abusaram do meu nome endossando com elle muita pouca vergonha. Accendiam fogueiras, queimavam fogos, soltavam balões, levantavam vivas á minha gloria tudo, porem, com escandalo de vinhaça e samba, muita mulher e . . . sei lá ! Que se lavem ! Entretanto a alma de um pobre velho que, no dia do Natal, podia apenas accender a sua lamparina de azeite num caco e consoava com um pedaço de pão secco, passou por aqui, leve e gloriosa, e já deve estar nos Campos Elyseos.

Isto emquanto não houver uma reforma não endireita. Quando o Senhor se resolve a fiscalisar, muito bem, faz-se justiça e os empenhos não pre-

valecem, mas como quasi sempre os encarregados de tal trabalho são os anjos e os santos, que têm as suas sympathias, os escandalos multiplicam-se. Houve aqui uma alma que, para passar este rio, foi necessario que Christovam a tomasse ao collo, porque na barca era sossobro certo. Eram santos assim a pedir por ella — e o velho remexeu com os dedos apinhados; até santas e virgens martyres. Felizmente isto está por pouco, rosnou nas barbas ríspidas. Espero a minha promoção e outro gallo me cantará.

— Promoção ! exclamei espantada, parecendo-me absurdo que vocabulo, tão rasteiro e sempre acoimado de injusto, circulasse na mansão da Igualdade.

— Promoção, sim ! De que te espantas ? Querias, talvez, que eu ficasse aqui eternamente passando almas e bagagens ? Não viste no rio aquellas barcaças carregadas ? São promessas, missas, votos, orações, listas de esmolas e beneficios dos que se interessam no mundo pelas almas, legados que ellas deixaram e ainda a correspondencia dos vivos, com os finados, por meio do que, lá em baixo, chamam : Saudade.

— Linda palavra ! meu santo. É a flôr da lingua portuguesa.

— Sim, é bonita, não ha duvida, mas vale tanto em consolo para os tristes como o arôma das igua-

rias para os famintos. Lembra o que se perdeu, mas não o traz, com o que só consegue tornar maior a afflicção ; como o cheiro dos guisados, em vez de a matar, ainda mais aggrava a fome. Tornando, porém, ao meu caso. Conto ser promovido em breve. Estou farto da lida de arrhaes e do peso destas chaves, que me badalhocam á cinta.

— Mas promovido a que, meu santo ? ! A que mais podeis aspirar aqui em cima ?

— A que ? ! Ora, minha amiga ! . . .

Encarou-me carrancudo e a barba ouriçou-se-lhe assanhada. De repente, porém, desannuviou-se-lhe o rosto e todo elle tremeu sacolejado por um riso frouxo, em que se lhe sumiam os olhos.

— Tens razão. Vens da terra com idéas falsas. Tens razão.

Inclinou o busto á frente, encolheu as pernas e, enlaçando os joelhos a mãos ambas, poz-se a bam-balear-se. Por fim, aquietando-se, disse no tom amavel em que os velhinhos contam historias ás crianças :

— Este céu em que nos achamos, e que imaginais ser — tu e todas as que aqui chegam — a estancia superior do Bem, não é mais do que o jardim ou Eden da terra, com o deus que os homens elegeram. Ha outros por esse infinito além . . . cada planeta — e elles são tantos ! — tem o seu céu particular ou logradouro, com um deus proprio,

proposto por uma religião. Todos esses céus são escalas do Empyreo ; todos esses deuses são representantes do Deus Unico, Criador e Mantenedor da Vida. Esses outros céus estão cheios de espiritos, de seres incriados, da natureza essencial dos Anjos, e de eleitos que correspondem ao que os Papas, nos seus concílios, mas sempre de accordo com as chancellarias — o que é um desaforo — resolveram canonisar em santos.

E balançando a cabeça, d'olhos em alvo, suspirou :

— O Empyreo ! A alma só o consegue alcançar depois de purificada no crisol da Perfeição, de onde sahe estreme para tornar ao de que partiu, reintegrando-se na Essencia.

— Como, meu santo ?

— Como ? ! Não leste o Livro dos livros, a Biblia, Thesouro da Revelação ?

— Li. Pois não havia de ler ?

— Então ? ! Lá está expressa a Verdade. Deus criou o Homem á sua Imagem e Semelhança. Fê-lo de barro para que fôsse da terra e infundiu-lhe o seu halito para prendê-lo ao Céu. E esse hálito é a Vida, que se exhala com a morte para regressar á Origem de que emanou, refundindo-se no seu primitivo Ser. Para que tal se realise é preciso que se opére a decantação completa, que a alma perca, de todo, a memoria, ou sabor da Vida, como se torna

dôce a agua do mar, filtrada nas nuvens, para cahir em chuva.

Eu, por exemplo : Estou muito esquecido do mundo, mas lá de vez em quando lembram-me, ainda, certos sitios, certos episodios da Terra Santa e é por isso que não posso subir. Só depois de alijar todo o lastro que ainda me pésa é que remontarei na ascensão suprema. Comprehendes agora ?

— A dizer verdade . . . bem, bem . . . ainda não, meu santo. Tantos céus ! Tantos deuses . . . É difficil, palavra.

— O' criatura ! De onde vens ? Do Brasil, não ? O Brasil . . .

Encarou-me de nariz franzido, a attrahir, com esforço, uma lembrança e, depois de pensar, perguntou :

— Homem, que é mesmo o Brasil ?

— É um paiz da America do Sul, o maior do continente : 8:468,957 kilometros quadrados. Foi descoberto em 1500 pelos portuguezes.

— Não é isso, atalhou o santo enfesado. Politicamente. Pouco me importam a mim os kilometros quadrados ou redondos. Politicamente.

— Ah ! Politicamente é uma Republica Federativa.

— Pois é isso. Republica Federativa. É o caso. A Vida Eterna é tambem uma Republica Federativa. Os varios céus são como Estados, cada qual

com o seu governador e a sua constituição. A séde do governo geral, onde assiste o Deus Unico, Criador e Regulador da Vida, é o Empyreo, o Céu dos céus, capital da Bemaventurança. Comprehendes agora ?

— Assim, assim. Mas o que me está parecendo é que . . . para isto não vale a pena morrer, ou antes, seria melhor não haver nascido. Começo a ter decepções.

— Decepções ! ? Como decepções ?

— Sim, meu santo. É que eu imaginava o céu um lugar de delicias, sempre em festas, com orquestras de serafins, côros de virgens e o goso inefavel da presença de Deus e, até agora, só tenho encontrado soffrimentos e, para desillusão maior, a noticia, que me déstes, da protelação da Bemaventurança. Assim tambem se vive na terra, sem differença alguma.

— E que é a terra ? o rebento de uma semente do céu, deste céu, e as sementes, bem sabes, reproduzem o de que sahiram. Deixa-te de vaidades. Não queiras tu commentar a obra divina. E de religião ? Como vai aquillo por lá ?

— Mal. Muito mal.

— Bem me está parecendo. Muito positivismo ainda ?

— Não. Isso deu em droga. A capella anda agora ás moscas. Creio até que já lhe puzeram

escriptos. Disputam-na outros pretendentes, e chamam-se: budhismo, occultismo, espiritismo, theosophismo e outros ainda, mas sem fiadores. A culpa é dos padres, meu santo. Mettem-se em negocios, esquecem o altar, só querem saber de politica e os outros Credos vão entrando, ganhando terreno.

A politica!... E o santo, em accesso de frenesi, agatafunhou o craneo a unhas. Os padres, sim... São os maiores, ou antes: os unicos responsaveis da decadencia da Religião. Estou farto de o dizer aqui em cima. Aham que sou rabugento. Um dos erros que mais combato, erro contra as leis divinas e humanas, ao qual attribuo todos os escandalos, é o celibato clerical. Que disse Deus na Criação: «Crescite, et multiplicamini...» E que ordena Roma? que se esterilise a semente conservando-a na ucha. Está errado.

— Tambem me parece, aventurei.

— Nem a vida solitaria, nem as suneisaktas, que depravaram os mosteiros em contubernios com os diaconos. (Porque nem todos eram da tempera fria de Leoncio. Leoncio houve um só!) O matrimonio, minha amiga. O matrimonio! Marido e mulher, Adão e Eva, como os ajuntou o Senhor. A familia é a base da moral e a moral é o fundamento da Religião.

— Assim pensava o grande Feijó, o que foi

Regente e que esteve, vai não vai, a romper com a Curia.

— E teria feito muito bem. Estava com a razão. Porque a verdade é que os padres continuam a manter as suneisaktas. Chamam-lhes agora comadres. E ha ainda outras coisas. A confissão, por exemplo. Eu estou com Chrysostomo, que escreveu nas *Homilias*, que « não queria forçar os homens a descobrirem a outros homens os seus segredos. » Quanto ao jejum, á inedia e outras abstinencias, que abatem o corpo e provocam a acidia, Paulo, nas *Epistolas*, referiu-se a palavras do proprio Christo allusivas a taes preceitos : « todos perniciosos pelos abusos que trazem, fundados apenas em prescripções e doutrinas humanas. » Os padres deturparam tudo. E que lucraram com taes falsificação ? O que se vê. Homem, se eu quizesse falar . .

— Podeis falar francamente, meu santo. Mas a barca, posto que o rio se conservasse sereno, entrou a oscillar, a zimbrar, adernando, o que, deveras, mais me surpreendeu do que assustou. E bradei :

— Cuidado, S. Pedro ! Estamos a fazer agua. Acho que demos em algum baixio.

— Qual baixio, nem carapuça ! Isto é da conversa. Mudemos de assumpto. Aqui não ha liberdade de opinião : havemos de ir com as aguas, senão é mergulho certo. E o Papa, meu successor ? Que tal ?

— Grande homem ! Um luminar ! exclamei d'olho nagua e mãos aferradas ás bordas da barca. Um santo e um sabio : latinista provecto e diplomata subtil. Governa a Igreja com a piedade de Leão e a sabedoria de Gregorio.

— Ainda bem. E como caridade ?

— Como caridade . . . Por occasião dos morticínios no Oriente, quando os Kurdos fizeram aquella matança de armenios, que tanto deu que falar, os catholicos appellaram para o Pontifice . . .

De chofre foi a barca invadida por um golfão d'agua, que a alagou. O rio referveu em borbulhões, altanou-se em ondas e o santo, lembrando-se, de certo, da tempestade em Tiberiade, que o escarmantara, impoz-me, em voz surda :

— Cala-te ! Cala-te ! Estas conversas não cabem neste lugar. Tratemos de outro assumpto e a terra que gire nos eixos como entender. Nós estamos no céu.

— Sim, meu santo. Falemos dos Evangelhos. De vós, por exemplo. Não imaginais o desejo que tenho de ouvir-vos sobre os transes daquelles dias tristes em Jerusalem.

O velho levantou-se impetuosamente, feroz, de punhos fechados, rilhando os dentes e, fitando-me com o olhar esbrasido, bramiu :

— Já me vens com a historia do gallo ?

Estarreei assombrada.

— Que historia, S. Pedro ? Que gallo ?

— O tal que cantou tres vezes na noite da prisão ...

— Eu ? ! Coitada de mim ! Nem me passou pela mente tal bicho. Dou lá credito a calumnias. Pois um homem que investiu com um soldado, e que soldado : Malcho ! havia de tremer com o canto de um gallo ? Eu sei o que é a imprensa, meu santo. Tambem fui arrastada nos *A pedidos*.

— É. Eu sempre queria vêr os taes pimpões que me accusam nas talas em que me vi. Procedi como homem, que era. O gallo cantou porque era a sua hora de cantar. Demais, numa balburdia como aquella, em casa de Caiphás : todos falando, gritando : soldados brutos com sapatorras de ferro, batendo com as lanças nas lages ; gente do campo que chegava para o mercado com animaes ; alarido de mulheres, vozerio de publicanos e phariseus, era lá possivel que um homem, de mais a mais surdo, como eu, ouvisse cantar um gallo ? Não houve gallo. O que houve foi felonias de um patife, subornado pelo Sanhedrin, que se metterá connosco para apanhar-nos os segredos e levá-los aos nossos inimigos.

— Ha muito disso lá em baixo na terra, meu santo. Alguns até funcionarios. Chamam-lhes secretas.

E S. Pedro proseguiu :

— E atiram a culpa para cima de mim, com o gallo. Se eu houvesse commettido infamia tal, não me nomeariam para este cargo, que exerço; vitalício e da maior responsabilidade. Porque eu sou o que vês: o passador de almas, o guarda-mór do Paraíso. Cá estão as chaves. E fez tinir a penca que levava á cinta. Sorrelfas de contrabando não me enganam. Sou um homem de bem, sempre fui, desde os meus tempos de pescador. Nunca deixei passar camarão por malha. Malsim, mas muito direito. Havia odio a Jesus, odio de morte, porque Elle não dava quartel ao phariseu, prégava o amor e praticava a caridade.

Era simples e meigo. Entrava nas cabanas, sentava-se á mesa dos pobres tomando os pequeninos ao collo, perdoava aos que se arrependiam e, tanto sarava o leproso como protegia a adúltera contra os hypocritas que a apedrejavam, não por haver a coitada cedido á carne, mas por despeito do caso não haver sido com elles. Homem de tal quilate, tão differente dos homens, estás a vêr que havia de acirrar inveja e odio. Dahi a perseguição que lhe moveram, sem treguas.

Uma noite, subiramos com Elle: eu, Thiago e João, á granja de Gethsemani e, junto ao lagar, Elle disse-nos, com presaga tristeza, da agonia que o amargurava. Tentamos arredá-lo do sitio, até porque, com os montes de brulho, aquillo tresandava

de fazer nojo. Elle afastou-nos despedindo-nos da sua companhia: « Que vigiassemos á distancia, porque precisava estar só para que se cumprisse a vontade de seu Pai. » Arredamo-nos, não tanto que o perdessemos de vista.

As oliveiras tornavam, naquelle ponto, mais carregada a escuridão da noite sem lua e o silencio era de tumulo, quando, repentinamente, fulgurou um clarão entre as arvores e, dentro do esplendor, vimos o Mestre de braços, com a face de roxo, os braços estendidos na terra oleosa. Corri afflicto para a luz, mas não me foi possivel atravessá-la. Mais facil seria romper as grossas muralhas de pedra da Torre Antonia. Um homem, entretanto, passou por ella como se andasse na claridade do sol ou do luar, chegou-se a Jesus, chamou-o e, tanto que o viu de pé, beijou-o na face.

Os ramos estalaram e, de todos os cantos, investiram legionarios bradando injurias, com as lanças apontadas ao peito do justo. Por mais que fizesse não tive mão em mim e, com uma espada . . . O resto vem nos livros, nos taes livros copiados do de Matheus. Se leste . . .

— Sim, meu santo. Li os quatro, chorando.

— Os quatro ! Um só é original, os mais são cópias mais ou menos disfarçadas.

— Ainda hoje é assim, meu santo. O mundo é o mesmo. O que fizeram os evangelistas fazem agora

os repórteres : um colhe a noticia, redige-a ; os outros copiam. Evangelhos e jornaes, tudo o mesmo no fundo, na fôrma e no processo.

— Pois só te digo que não houve ali muito sangue porque Elle não quiz. O caso resolveu-se com uma orelha cortada. Isto os taes evangelistas callaram, porque não lhes convinha dizer. Mas como Matheus inventou a tal historia do gallo, os tres armaram poleiro de calunnia em cima de mim. É isto. E cá estamos.

XIII

NO LIMIAR

Afuzilaram-me coruscantemente os olhos relumes como de raio, e ceguei. Soltei um grito e teria cahido nagua se me não houvessem amparado com mão forte.

— Ah ! meu santo . . . ! exclamei.

Mas outra voz, não rouca, como a de S. Pedro, respondeu tranquillizadora ao meu appello espavorido :

— Abre os olhos e vê !

Vi. Era a Luz, a Luz que se não imagina, essência da Claridade ; a Luz com que o Criador aclara o Empyreo ; a verdadeira Luz, da qual nos fala S. João no Apocalypse.

Se o evangelista, dilecto de Jesus, com o soccorro da inspiração do Alto, não achou simil com que comparasse aquella Luz essencial, em cuja fulguração o disco do sol meridiano seria como encavoadada griseta boiando em oleo fino, como poderei eu, pobre de mim ! realizar prodigio tal ? Vou, todavia, tentar um esboço ou *mancha* da magnificencia, apenas para registrar o passo, como quem, em memoria, assignala na carta, com um ponto de tinta negra, sitio de belleza maior entre quantos tenha visitado.

Tudo era esplendor radioso. O alto era todo um sol e o chão, em que meus pés se alcatifavam em arminho, scintillava nitido, diamantino e tanta, tão viva era a claridade ambiente que eu me sentia infiltrada de luz como se encharca a esponja embebida em liquido.

Largas alamedas cruzavam-se, todas de arvores altas, frondosas e coloridas em variegados tons que deslumbravam e ao molle, macio balouçar dos ramos as folhas mudavam de côr, passando da alvura mais nivea ao roseo, ao aureo até o vermelho e a outras côres como jámais vi na terra, e que eram as mais bellas.

Serranias longinquas, de transparencia hyalina, variavam de aspecto e matiz a quando e quando e aves, de finas e longas plumagens flammeas, esparziam cantos módulos nos ares, não como os

passaros da terra, que galream sem disciplina, cada qual em seu tom, mas com accento harmonioso, casando as vozes unisonas, á maneira dos côros lyricos nas operas.

Estava eu enlevada em tantas e tão diversas maravilhas, quando vi surgir ante mim um anjo portentoso, de estatura descommunal, com o dorso tão refochado d'azas como se nelle tivesse immensa rosa, cujas petalas vibrassem incessantemente com a celeridade do adejo dos colibris.

Todo elle estava cravejado d'olhos como o vigilante Kerub da tradição samaritana. E taes olhos, enormissimos, sem palpebras, de profundidade vertiginosa, expediam flammejos iterativos como os pharóes que varrem os mares a jactos de claridade. Tremula, prostrei-me em joelhos ante a apparição immensa.

O que, então, se passou ali commigo não sei, de-veras, como conte de modo a ser entendida.

As nossas potencias, emquanto encarnadas, pouco alcançam : são como passaros de gaiola, que vôam curto, logo encontrando a detê-los as barras do mysterio. Eu, solta, como estou, tendo diante de mim o infinito, por mais que tente transmittir ao vosso entendimento o que tanto almejais saber, pouco, quasi nada conseguirei.

O mesmo seria uma ave de floresta pretender communicar a outra, prisioneira, o ar, a luz, o arôma

seivoso, todos os encantos da natureza livre : primeiro, porque entre ellas haveria sempre, a confiná-las, o limite das grades ; depois porque aves de gaiola não podem, senão por instincto, comprehender a vida das que vôam largo.

Em todo o caso, valendo-me de analogias e comparações mesquinhas, vou tentar um bosquejo do que, com encantada surpresa, vi.

Baldados, porém, serão todos os meus esforços se vos não soccorrerdes da imaginação ampliando; com ella, o mais que puderdes o meu debuxo mediocre. Ainda assim, por mais que accrescenteis ás minhas palavras, sempre o que nellas colherdes será para a Verdade tanto quanto é para o oceano uma gota d'agua, ou um grão de areia para o Himalaya.

Começo referindo-me ao prestigio que sobre mim exerceram os olhos multiplos e versateis do Archanjo incommensuravel.

Fitando-os todos no meu ser humilde prendeu-os nos raios que despediam, verdadeiros tentaculos fulmineos e, levantando-me em taes griphas, projectou-me no proprio olhar, lançando-me tão longe quanto alcançava, em frecha, a sua visão poderosa que, lá do Alto, acompanha, nos carreiros da terra, o giro de uma formiga.

Instantaneamente achei-me em immenso circulo de montanhas de rútilo azul chammarreado

a ouro e, por diversos caminhos, todos fúlcites, de rebrilho comparavel ao scintillar das piscas do sol no oceano, incessantemente chegavam multidões, tão diversas nos trajos e adereços, brincadas de joias e louçainhas de mim desconhecidas, que os olhos por mais que se fixassem naquella promiscuidade polychromica, confundiam-na num só todo que se assemelhava a descommunal serpente de escamas iriantes.

E toda essa turba serenamente encaminhava-se para uma garganta, entre penhascos ceruleos, laivados de prata, laivos que verifiquei serem lençãos d'agua que defluíam sonoramente com uma dôce surdina como de arquejos.

E toda a vasta extensão do circulo, sobre o qual assentavam as montanhas, era lisa planura verde, de alfombra vellutinea, betada a flores rasteiras, dentre as quaes subiam graciosamente, em hastes longas, lirios em fórmula de calices de opala, dos quaes sahiam, em tufos, finas fibrillas de ouro. E o perfume que exhalavam era dôce e sabia ao paladar como o gosto de um fruto.

O ar leve resoava brando por vezes, porém, soprando mais forte, balançava os lirios e solevava-me acima do tapiz florido conduzindo-me defluente-mente como as auras levam por sobre os campos as nevoas tenues das manhans.

Pousava, erguia-me de novo e, assim nessa le-

vitação suave, ia eu fugindo por aquelle prado onde, entrando por varios caminhos e convalles, toda a multidão se perdera, quando se me oppuzeram, grandiosos, dois enormissimos pylonos brancos, que me lembraram fortalezas. Diante de cada um delles, dominando-os com mais avantajada altura, achava-se postado um anjo e com as azas largas, estiradamente abertas, tocando-se pelas rémiges, formavam a padieira, em arco, da grandiosa entrada. Só, na solidão em que me achava, não me atreveria, de certo, a aventurar-me em tal passagem guardada por tamanhas Potencias que, da altura dos corpos atorreados; não me apercebiam cá em baixo, na minha insignificancia. Mas a brisa que, de instante a instante, me impellia, soprou com impeto e, em aerea levada, atravesssei o largo hypethro de pylonos, emparelhados com symetria, a côres, côres que se reflectiam em mim iriantemente. E, com o que me restava da memoria, que se me ia apagando como esmorece ao sol a luz de uma candeia, lembrei-me dos bailados das operas, uma das minhas delicias, quando as luzes, inflectindo sobre as bailarinas, transmudavam-lhes a côr das gazes fantasmagoricamente como na *Dança dos Sylphos*, na *Damnação de Fausto*, que eu vira na Opera, em Paris.

E distrahia-me com taes lembranças da terra quando ouvi um chilrear alegre de vozes infantis.

No mesmo instante baixei em acceitoso arvoredó e foi uma chiliada como de pardaes á tarde em arvore pousadoura. E vi, com alegria humana, alegria do coração e não do espirito que, effectivamente, eu me achava cercada de crianças. « Deve ser o Limbo, pensei, onde as almas dos innocentes, que morrem sem baptismo, purgam-se do peccado dos nossos primeiros pais. »



El presente trabajo tiene por objeto el estudio de la evolución de la literatura española en el siglo XVIII, desde el punto de vista de la forma y del fondo. Para ello se han dividido los capítulos en dos partes: la primera trata de la evolución de la forma, y la segunda de la evolución del fondo. En la primera parte se estudia la evolución de la novela, del teatro y de la poesía. En la segunda parte se estudia la evolución de la prosa, de la poesía y de la prosa. El presente trabajo es el resultado de una investigación que he realizado durante los últimos años de mi vida. Espero que sea de utilidad para los que se interesan por la historia de la literatura española.

XIV

O VERGEL DA SAUDADE

Se não era o Limbo, que seria aquella varzea florida só habitada de crianças ? O flexuoso meneio dos lirios dava á vasta e víride planície a mobilidade do mar encrespado de espumas e, por entre os niveos calices e as campanulas ceruleas, de continuo scintillavam fulgores como de foices de ouro em ceifa.

E não só no raso, tambem aereamente o movimento pueril era incessante e trefego. O ar luminoso, enxameado de infantes, lembrava-me certo raio de sol familiar que entra, em faixa, pela janella do meu gabinete, direito á poltrona em que, de manhan, eu costumava saborear o meu chocolate e ler os jornaes gosando o primeiro cigarro.

Quanta vez me distrahi de artigos do maior interesse, de telegrammas e até da tabella do cambio para acompanhar o revoluteio dos atomos que faiscavam no raio de sol, como no clarão ambiente girogiravam traquinas aquellas revoadas infantis !

Curioso de espectaculo tão novo, todo de alegria ingenua no aprazivel sitio, em tudo differente do que eu imaginara que fôsse o purgatorio dos pagãos, de que sempre me falavam aterradoramente os padres da Igreja, tão cheio de luz e de flores, serpeado de aguas crystallinas, que volteavam em meandros por entre amenos bosques, detive-me á espera de alguem que, não só me informasse sobre aquella estancia como ainda me puzesse no rumo que eu devia seguir, quando, fugindo travesso da roda em que brincava, um pequenito veio a mim, risonho, falando com alegres palavras :

— Segue na direcção das aguas e irás com ellas ao teu destino. O mais que posso fazer é acompanhar-te até o Vergel da Saudade, que d'aqui se avista no horizonte violaceo.

Então reparei que a cabecinha loura do menino rutilava cercada de um resplendor fulgurante e todos os mais petizes traziam halo identico. Perguntando-lhe eu que significava aquella aureola, elle encarou-me com ar de surpresa e, sorrindo, respondeu como se dissesse coisa muito natural e simples ;

— É o pensamento das nossas mãis, que sempre nos acompanha.

Dada a explicação formosa, foi-se, á minha frente, apartando as hastes altas das flores que enfeitavam o campo. E eu seguia-lhe os passos.

Sentindo zsfervilhar o chão com estalidos crebros, baixei os olhos e vi que, por toda a parte, pululavam flores com a instantaneidade com que incham bolhas nagua. E fugiu-me do enlevo em que fiquei esta exclamação maravilhada :

— Como nascem rapidas as flores neste campo !

E o menino falou docemente :

— São orações que sobem da terra e desabrocham cá em cima. Repara que algumas ainda estão rociadas de orvalho e são as mais lindas e as que mais trescalam. E tudo que aqui vês deriva de corações amorosos. Esse rio que deslisa sobre areias de prata circula sete vezes o Empyreo e todo elle é feito com as lagrimas das mãis. De évos em évos as Virgens, companheiras das Tres Virtudes, enchem nelle amphoras e sahem a percorrer os valles torridos e os abysmos de chammas ou de gelo para resgatar pela purificação as almas arrependidas.

E iamoss assim entretidamente conversando. Eu admirava a sabedoria do menino que tudo me explicava em palavras perfectas, fazendo-me lembrar Jesus dissertando no Templo entre os Doutores, quando maviosissimo gorgeio me fez estacar

junto de alta arvore frondosa e tão regumante de resina que o tronco e os galhos reluziam, como se fôsem de ambar, embalsamando fragrantemente o ar em volta.

Brando galerno passou aflorando-lhe a ramagem e no tremulo palpar das folhas um murmúrio surdiu, outros por outras arvores echoaram e pareceu-me distinguir vozes, não de timbre celestial, como as que, até então, ouvira, mas de accento humano e dorido.

A principio não as entendi no confuso resôo, attentando, porém, mais de perto, á arvore junto da qual me achava, ouvi suspiros e queixumes e, guiando-me por elles, descobri vultos que se moviam, languidos, entre ramos e outros estirados á sombra das largas cópas, na relva, betada a flores, que alcatifava o chão.

Puz-me á escuta e ouvi distinctamente estas tristes palavras :

«Por que não fez o Criador o Céu e a Terra em fórma de ampulheta de modo que, escoado o prazo de vida em uma região, tornassemos á de que viéramos ? Certo não ha delicias comparaveis ás do Paraíso, mas por que havia o Senhor de nos fazer penar na terra, entre os males que a infestam ? »

Outra voz lastimou que a claridade eterna não esmorecesse jámais em crepusculo, cerrando-se, de

todo, em noite, com luar alvo, estrellas pequeninas e a espuma da Via Lactea. Outra suspirou pela neve que esfria a terra envolvendo-a em lençol mortuario. E, de todos os lados, levantavam-se lamentações plangentes formando soturno e perenne rumor como o resoo do vento em fuma.

Eu olhava sem comprehender o que ouvia quando, de novo, o passaro desferiu mavioso, voando, revoando, lesto, de ramo a ramo e assim como se insinuava nas frondes agitando as folhas, os que entre ellas se escondiam despertavam e vinham descendo contrariados ; os que jaziam no chão erguiam-se espreguiçando-se e os lugares que deixavam eram logo disputados por outros que se achavam á espera.

E de todas as direcções, por varios caminhos, chegavam turbas cruzando-se com as que se retiravam e as arvores e o solo, apinhados de almas; davam a impressão de extenso algodoal acapulhado de frocos.

O menino, percebendo o meu espanto, acudiu logo em meu soccorro com a sua sabedoria :

— Toda esta selva, que vês, é de arvores remi-niscentes, que fazem sonhar. São as mancenilhas do Paraíso. Os que lhes sobem aos galhos ou se lhes deitam á sombra adormecem com o canto desse passaro que por ahí vôa e revêm, em sonho, a terra e tudo que nella deixaram. Este é o logradouro

memorativo, chamado « Vergel da Saudade ». Quiz o Senhor que os bemaventurados tivessem instantes de soffrimento para que, despertando, apreciassem mais os encantos do Paraíso, como na terra regela o inverno para tornar mais desejada e aprazível a primavera. Ainda que immensa, como a vês, esta selva não basta a todos os que a procuram e é por isso que o passaro desperta os que dormem para dar lugar aos que chegam com ansia de sonhar e soffrer.

— Soffrer ! exclamei eu, dentro em mim. Quem sabe ! Talvez gosem.

E o menino, como se lesse em meu pensamento, murmurou :

— Talvez . . . !

Foram-se-me longa, espraiadamente os olhos por aquella extensão povoada de saudades e, porque não dizê-lo ? tive desejo de guindar-me a uma daquellas arvores ou refofar-me na relva, á sombra dos ramos reminiscentes para, em sonho, rever a terra e nella, particularmente, certos cantos que a minha memoria, ainda viva, e excitada, talvez, pelo cheiro seivoso dos troncos, ia recordando.

Mas um grande velho, de longas barbas alvas, rompeu do bosque discutindo com um anjo que respondia brandamente, e sorrindo, á sua rabularia frenética :

— Prefiro, sim ! Prefiro a terra com todos os seus erros e males a esta monotonia que enerva.

Não ouvi a replica do anjo; notei, porém, que lidava com o obstinado interlocutor para desviá-lo do caminho que elle pretendia seguir, direito a uma das arvores mais altas e mais frondosas, cujos ramos vergavam ao peso de verdadeiras pencas de almas.

Inclinando-me, perguntei baixinho ao menino :

— Que santo é esse ?

— Santo ! ? Esse é o Resmungão, um rabugento que ninguem sabe como veio ter aqui. Não faz outra coisa senão dizer mal do céu, criticar os santos, escarnecer dos cherubins e das virgens, pôr defeitos em tudo, pedindo que o devolvam á terra de qualquer modo porque não supporta a Bem-aventurança. É 'um rebelde. Assim como o vês é sempre — de mau humor, rondando, com impaciencia, as arvores e, se consegue lugar em alguma, é um trabalho para despertá-lo e fazê-lo descer. Não se sabe como conseguiu um machado, o que é verdade é que cortou madeira com que fez a cabana onde móra convencido de que, construindo-a com troncos deste vergél, teria nella o que encontra nas arvores. Enganou-se, porém, porque o Senhor, que tudo prevê e regula, para garantir a floresta contra depredações, que já a teriam devastado, só mantem nas arvores esse prestigio da re-

miniscencia emquanto ellas vivem sobre as proprias raizes. Lenho morto nada vale. Se assim não fôsse já não haveria vestigio da floresta, ainda que cada qual dos que a buscam levasse apenas para seu uso um ramusculo ou graveto. Entretanto a cabana desse velho está sempre cheia de santos, e dos mais reputados, que o provocam a falar das coisas do mundo e com elle commentam a vida celestial. E adeus ! Aqui me despido de ti. Não posso passar além. Deixo-te em bôa companhia. O velho já te avistou e ahi vem, com certeza, pedir-te noticias da terra.

Effectivamente o irritado ancião encaminhava-se a largas pernadas, para onde eu me achava, sempre seguido do anjo. Ainda ao longe, atirando os braços em gesto intimo de acolhimento, perguntou em tom ironico :

— Então que tal ? Divertido, hein ?

Voltei-me para falar ao menino, aconselhar-me com elle. Havia desaparecido e não vi mais do que o brilho do seu resplendor que fugia nos ares luminosos como uma estrella das que vôam dentro das noites de verão.

XV

O RESMUNGÃO

Frente a frente com o homem ácido, estive prestes a abrir-lhe os braços, tão parecido o achei com o Genuino, juiz da Côrte de Appellação, meu companheiro de republica em S. Paulo. Retrahi-me, porém, lembrando-me de que o deixára vivo e são, a fazer malas para Caxambú onde, todos os annos, vai lavar o estomago com whisky e soda.

Ainda mesmo que elle houvesse sido victima de algum mal fulminante ou desastre, tendo eu partido na frente, em vôo directo, não poderia haver-se-me avantajado tanto a ponto de ser já famoso no Paraíso, proprietario de uma cabana, que

elle proprio construiu e intimo de santos, como me affirmara o menino.

Quedamos algum tempo encarados um no outro e foi elle quem desatou o silencio, perguntando-me em tom arrogante :

« De onde eu era ? Como me chamava ? Que fôra na vida, entre os homens ? » Respondi a tudo, ponto por ponto, e elle, travando-me do braço com violencia, voltou-se para o anjo, que se conservára á distancia discreta, dizendo-lhe, como se tratasse com um simples famulo :

« Pode ir. Já agora tenho com quem distrahir-me, não preciso de arvores. » E, conduzindo-me vagarosamente, entramos em uma das veredas do bosque resoante das lamurias dos que nelle dormiam, que eram aos cachos pelos ramos das arvores, ás pilhas na relva, uns chorando, outros sorrindo em sonhos. E o velho falou-me carrancudo :

— Vens, então, do Rio ?

Affirmei suspirando saudades. E elle :

— De lá vim eu tambem. Desencarnei-me em 1893, durante a revolta.

— Victima das balas ? perguntei com interesse.

— Qual, nada ! As balas eram inoffensivas. Tive uma coisa á tôa : furunculos. Inculcaram-me certo cirurgião muito annuciado nos jornaes, que diziam recentemente chegado da Europa, onde trabalhara com celebridades. Pratica tinha elle, e

grande, mas em *cabarets* e outras pocilgas de Paris e Vienna. Pois foi esse carníface que, com os seus bisturís, deu com o meu corpo em um carneiro, em S. Francisco Xavier, e commigo nesta insipidez.

— Insipidez ! exclamei pasmada.

— Insipidez, sim ! Insipidez ! Que pensas ? Estás ainda deslumbrada com as luzes, minha amiga. Quando te habituares com isto, concordarás commigo.

Voltou-se de golpe plantando-me as mãos nos hombros e disse-me, em rosto :

— Isto é como um carnaval, o nosso carnaval, lembras-te ? Lá em baixo, não ha duvida, elle é divertido — são tres dias ligeiros de regabofe ; aqui é infindavel e a secco. O céu, o tal céu pelo qual tanto nos sacrificamos, privando-nos do que ha de melhor na vida, é tal qual a terra, mas sem os gosos que lá nos compensam das dôres e amarguras. Vida tediosa, principalmente para quem tem habitos inveterados, como eu, que, ainda por cima, não me expurguei bastante no tal lago chamado da Purificação.

Trago commigo todos os meus vicios, sinto-os pruin-do-me o desejo e soffro com isso. Falta-me tudo aqui, tudo ! Faltam-me os jornaes, o cigarro, o meu chôpe, a palestra no charuteiro, o meu poker . . . e a noite, a noite sobretudo, com os seus

encantos velados. Aqui não ha noite, é sempre esta claridade vívida e anjos seguindo-nos os passos, vigiando-nos como a policia lá em baixo. Ah ! a noite . . . E as longas barbas do ancião ondularam com o arquejo em que se lhe levantou o peito largo. A mulher, neste exilio, é uma sombra que passa. Mulher, sei lá ! Não tem graça, não tem malicia : apparencia apenas de mulher. A fórma é do que aqui chamam perespírito, corpo fluido, intangivel, visão, entendes ? De sexo não ha noção nesta deliciosa Eternidade, como tambem não a havia no Paraíso, antes do somno de Adão.

Só a serpente poderia tornar isto habitavel. E depois . . . o que aqui vai de politica ! Eu mesma, para falar verdade, só posso attribuir o ter vindo parar aqui á influencia de algum santo, talvez ao meu onomastico S. Gil, porque nasci no dia primeiro de Setembro de 1841. Nunca fui homem de missas nem de rezas ; vivi sempre, regaladamente, a meu modo. É até possivel que deva o ter vindo parar nestas alturas ao Padre Joaquim, meu parceiro ao pocker e conviva á mesa, a elle e a S. Gil, de quem, aliás, nunca me aproximei na vida, nem soube, jámais, se tinha altar em alguma das igrejas da cidade. Vim conhecê-lo cá em cima. Bom santo. O caso é que aqui estou e de Simeão Donato, que não deixava o ripaço e o cirio e commungava todas as semanas, ninguem me dá noticia, nem an-

jos, nem santos. Encalhou por ali, em algum dos taes circulos.

— E de esmolas ? obras de caridade ? perguntei com interesse.

— Esmolas ? dava-as, isso dava, não para fazer jus ao céu, mas por pena dos pobres. Sempre me doeua vêr mulheres sem amparo, crianças núas, com frio e fome, velhos enfermos ou abandonados. O que fazia aos homens fazia aos animaes e até ás plantas, porque no verão tinha gosto em regar os meus alegretes e, muita vez, depois de tempestades, descí ao jardim de tamancos para levantar roseiras cahidas e ampará-las com espeques.

— Pois, a meu vêr, foram taes actos de desinteressado amor que lhe valeram o Paraíso. Foi a sua bondade que o salvou, acredite.

— A minha bondade ! ponderou o velho com malicioso sorriso, sacudindo a cabeça e alisando espalmadamente a barba longa.

Pois olhe, que me conste, não houve quem dêsse por ella lá em baixo. O menos de que me accusavam era de casmurrice e avareza : casmurro, porque não me dispersava em palavras ; aváro, por ser poupado e discreto em tudo. Os homens querem o que elles chamam « corações abertos » e eu sempre conservei o meu trancado e sellado. Além dos velhotes que me frequentavam a casa, uns por livros, outros por cartas, como o Dr. Limoeiro, que

traduziu Propercio e o Padre Joaquim, o mais subtil carteador de pocker que conheci, e uns pequerruchos da visinhança que eu engodava com guloseimas, para ter em vo ta de mim alegria chalrada de crianças, ninguem mais punha pé no meu antro de celibatario. Os criados eram tambem velhos, todos negros, antigos escravos da minha familia. Tinha a minha distracção, não nego, mas extra-muros, longe do bairro, sem escandalo. Pois nem assim: a maledicencia era de satyro para baixo no coitado de mim. Tornemos, porém, ao nosso assumpto. O que passou, passou e, infelizmente, não volta.

Falavamos da insipidez desta vida, d'isto . . . ! E o velho girou com o braço, á guisa de ponteiro, abrangendo toda a vastidão da campina e do bosque. Que ha aqui ? uma paizagem de artificio, povoada de sombras merencoreas. Esse anjo, que me segue os passos, promovido, ha pouco, a cherubim, e que é um dos melhores da Primeira Legião, tem algum espirito, porque conheceu a terra. Lá esteve varias vezes para annunciar a Abrahão a gravidez de Sara, para mostrar a Agar, no deserto, o poço que salvou Ismael e, finalmente, para retirar Loth e a familia de Gomorrha, recado, esse, dos mais difficeis, do qual só logrou sahir illeso porque tinha azas.

Esse anjo, dizia eu, muito lidou commigo para levar-me ao Empyreo onde, segundo affirmam os

santos que me visitaram, começa verdadeiramente a vida paradisiaca.

Fui. Viagem longa, tediosa. Sempre a mesma claridade, os mesmos aspectos, a mesma monotonía. Cheguei á tal Porta chamada dos Esplendores, aberta em alta muralha diamantina, rondada por um exercito de archanjos. Sabes que me lembrou aquillo ? as apotheeses das magicas, lá em baixo. O que se me deparou cá fóra desanimou-me. Primeiro porque, para atravessar tal Porta, eu teria de deixar com certos anjos severos, dos que chamam Potencias, e que ali exercem função de fiscoes, a minha personalidade, sem o que, conforme me foi dito, eu não poderia reintegrar-me no Grande Ser. Ora, eu não cedo a menor parcella da minha consciencia, bom ou mau sou o que sou e preferiria ser gota d'agua num vão de rocha a perder-me na grandeza do oceano. Além disto, outros motivos particulares influiram na minha resolução contumaz. Não me adapto, que hei de fazer ? Fui sempre individualista, rebelde a toda submissão e essa inflexibilidade, que me incompatibilisou com a politica e com o matrimonio, reduz-me aqui ao que vês : um ser áparte, sem classificação, porque, se não peno, tambem não goso — acho-me, como o pobre do Evangelho, sentado na escadaria do palacio do rico, ouvindo o rumor do festim, sentindo o arôma das iguarias, e só. O que ainda me consola

é a esperança que tenho de tornar á terra, de lá viver, venturoso ou desgraçado, mas viver. Isto aqui em cima é que me não convem.

S. Gregorio é de opinião que devo ser devolvida ao mundo para purificar-me em padecimentos ; outros, como Santo Agostinho, acham que com mais alguns banhos no lago eu ficaria de todo expungida. Se me não lavei convenientemente foi porque encontrei aquillo cheio : eram tantos os espiritos a depurarem-se, toldando a agua de immundicias que tive escrupulo de lá ficar, e sahi logo. Emfim...

— Ainda que mal pergunte : Praticava no mundo alguma religião ?

— Eu ? Não ! Nem que praticasse. Aqui ninguém se preoccupa com isso. Não se distinguem religiões — é assumpto de que não se cogita. O que se quer é Fé !

Encarei-o espantada, lembrando-me do que me dissera o Kerub no oasis. E elle continuou para a minha surpresa :

— Religiões são meios de que se servem grupos para pleitear o céu, como em politica os partidos pleiteam o Poder. Mas que importa á fortuna de uma nação bem policiada que tal individuo propugne idéas democraticas ou se bata pelo direito divino ? seja elle honesto, cumpra a Lei e corra ás armas em caso de necessidade, o mais . . . palavras.

Partidos são conchavos para competições eleitoraes, como religiões são manobras para ganhar o céu.

S. Jeronymo que, ás vezes, apparece lá em casa, discutindo, em certa occasião, com S. Pancracio, concluiu sabiamente, com esta verdade: «Religiões são idiomas com que os homens se communicam com a Divindade, differentes nas palavras, todos, porém, conformes nas idéas. Tanto vale o God do inglês como o Dio do italiano, o Deus do português e nosso como o Tupan dos caboclos... Tudo é o mesmo. Ora, não havendo aqui religião, quero dizer — uma orthodoxia, são recebidos indistinctamente, e com as mesmas regalias, todos os que exerceram a virtude e praticaram, sem ostentação e docemente, a Bondade. Que importa que este se abrace com a cruz, aquelle se ajoelhe a um idolo tosco; que um se prostre diante de um lume, outro venere um animal, pedra ou arvore se o que vale é a Fé que arde no coração; a Fé, que é uma e a mesma em todos os Cremos?

Por taes symbolos, que são vehiculos, a alma remonta direita a Deus, como o sol, coado por um vitral de igreja, desce em raios polychromaticos sobre o mesmo altar.

Estacou d'improviso encarando-me sobranceiramente e, como se me interpellasse, disse:

— Já que, a proposito de religiões, falamos em

idiomas, diga-me uma coisa. Não lhe parece que a missa, que é a cerimonia principal do rito catholico, para ser entendida e sentida pelos crentes, em vez de ser rezada, pedantemente, em latim (ás vezes bem mascavado, valha a verdade), devia ser dita, com simplicidade e clareza, no vernáculo de cada povo? Sabe lá o sertanejo... ora o sertanejo! muito bacharel formado, que quer dizer «Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, parce nobis Domine?» Não percebe patavina. Assim... de que valem palavras sem sentido?

— Sim, concordei. Poucos são os que entendem as da missa, mas que se ha de fazer? a tradição...

— Qual tradição! Traducção é que devia ser. Traduzissem o latim. O povo não póde sentir o que não entende.

— Isso é verdade. Eu mesmo, se quer que lhe diga...

Proseguimos. Um momento caminhamos em silencio atravez do prado vellutino. De repente, lembrando-se do assumpto sobre que discorria e no qual entrára perturbadoramente o commentario das religiões, disse:

— Mas voltando á Porta em que nos achavamos. Não imagina o que havia fóra: montes, pilhas de coisas extravagantes, que me disseram subidas da terra: oblações, votos, promessas de interesseiros,

preces hypocritas de beatorros, trechos de missas mal rezadas, com syllabadas em barda e omissões a cada passo, mentiras de confissionarios, perjuros, jaculatorias para fins indignos, pedidos de protecção a santos os mais respeitaveis para negocios, vinganças, exito em aventuras de toda a sorte. Até bebidas, por signal que bem ordinarias, em intenção a Santo Onofre. Um escandalo !

Taes refugos, accumulados junto á muralha, eram carregados por anjos sem azas, de casta inferior, que os despejavam em um barathro, ou cratera aberta sobre o inferno, que é o esterquilinio das immundicias d'alma. Eu teria ali ficado entretida com aquelle serviço se o meu guia me não chamasse. Continuamos passo a passo.

Dôce era o ar e o sólo tão macio e fôfo que eu tinha a impressão agradável de ir por um acamo de petalas de rosas.

Já nos chegavamos á escada crystallina, apposta ao amplo peristyllo no qual, larga e alta e toda de ouro florido, a Porta rutila brilhava, quando, accendendo-se em claridade opalina e espadanando chammas, como se ardesse em tunica molésta, o anjo me perguntou, risonho :

— « Se eu queria entrar ? »

Ora, tendo eu chegado até áquella altura, valia a pena aventurar para saber o que havia além e vêr, emfim, como suppunha, o que eu tanto desejava :

Deus, na sua côrte beata, cercado das legiões mirificas do seu exercito seraphico. Accedi.

O anjo, então, titubeando em escrúpulos, poz-se a falar de ardis de certas almas, que eu taxei de contrabandistas, que escondiam peccados, ás vezes mortaes, logrando passá-los atravez das malhas das primeiras verificações, de sorte que, para atravessar a tal Porta, eu teria de prestar-me a minucioso exame de consciencia. Exame ? ! Fiz cara. Sempre fui avessa a exames. Nunca me submetti a lentes, nem masculinos, nem femininas, quer em bancas, quer em laboratorios. Desisti. O guia, porém, renitiu teimoso insistindo commigo para que me sujeitasse á chimica celeste, e ainda que, para convencer-me, me explicasse a operação, que, no seu dizer, era simples e rápida, mantive-me inflexível.

— E afinal : de que consta tal exame ?

— Segundo a informação que tive consta de analyse, depuração e amálgama. Uns santos, ou anjos, não sei bem, tomam as almas ás porções, esmerilham-nas e lançam-nas, depois, de cambulhada, em um alambique, onde as expurgam de toda a malicia, filtrando, finalmente, a fleuma a que ficam reduzidas. As fézes que restam da decantação são devolvidas ao mundo para reencarnarem-se de novo e tantas vezes se reencarnam quantas sejam necessarias para que, de todo, se limpem, tor-

nando-se immaculadas, ou perfeitas. O interessante é o processo do retorno de taes residuos. Um anjo leva-os a um alcantil que se apruma sobre o abysmo ou antro do Destino, despeja-os num crivo, cujos intersticios são as genituras ou, como lhes chamam lá em baixo : sinas. E é assim que cada alma, conforme o furo que atravessa, entra na vida com a sorte que ha de ter : esta, a da riqueza ; aquella a da penuria ; uma dotada de genio, outra estúpida ; tal piedosa, qual sanguinaria ; pura, virtuosa essa ; aquella devassa e má e o que mais me revoltou, por ser de todo o ponto injusto — algumas passam no intersticio da santidade, de modo que, antes de encarnadas, já têm a predestinação beata.

— Destino, questão de furo, sina . . . pois não disse ?

— Sim, mas não é direito. Se um homem nasce já com endereço á bemaventurança, que ha de extraordinario em que proceda como santo ? Que se nasça bello ou feio, bronco ou genial, forte ou tolhiço, vá, mas santo, fazendo milagres desde o ventre materno, annunciado em sonhos mysticos como o foram, para não citar outros, Christovam e Ignacio de Loyola, não comprehendendo. São almas que entram na vida levando vantagem ás outras e isso importa em injustiça maior do que a do favoritismo que tanto revolta os homens, no mundo. É tambem verdade que muitos dos santos cano-

nisados lá em baixo, em Roma, não têm regalia alguma aqui em cima. Chegam com o titulo glorioso, apresentam-se á tal commissão verificadora e passam pelo dissabor de não ser reconhecidos.

— Como acontece, na terra, a certos deputados...

— Isso! Exactamente como na terra. Quantos ha por ahi revoltados contra a tal commissão! Emfim... cá e lá...

Enveredaramos por uma trilha debruada a açucenas e no recesso da frondente espessura tantas eram as vozes, tantas as exclamações, tantos os suspiros das almas que sonhavam entre os verdes ramos das arvores reminiscentes ou deitadas pelas raizes que o rumor soturno e confuso que faziam abafava os demais ruidos florestaes, e esses eram, entretanto, muitos — bulício de folhas, cantos d'aves, aulidos d'animaes errantes e, mais alto, o escachôo fremente de argentina cascata que levantava no ar uma bruma fulgida como poeira solar.

O ancião estacou de golpe, cerrando o sobreceinho e, voltando-se para mim, disse-me baixinho, em tom soturno :

— Deixo-te aqui. Ficas em bom lugar. Se me quizeres vêr não terás mais do que seguir em frente, direito á cascata, junto á qual tenho a minha cabana. Lá acharás bôa prosa e, talvez, conhecidos.

Entre as copadas arvores abriu-se de repente um pallido clarão, como de luar, e eu vi apparecer um vulto de homem, guerreiro antigo, de capacete e couraça, cáligas e gladio á cinta. E o Resmungão sussurrou-me :

— Esse que ahi vem não me supporta. É o unico inimigo que tenho aqui.

— Inimigo ! E porque ?

— Porque na terra andei com a idéa de organizar uma companhia para arrasas o morro do Castello, não que me fiasse na tal lenda dos thesouros jesuiticos, mas para explorar a chan, dilatando a cidade. Negocio . . . negocio como outro qualquer.

— O morro do Castello . . . ? E que tinha elle com o morro ?

— Tinha lá uma igreja. Não o conheces ?

— A dizer verdade não me é de todo estranho, mas . . .

— É S. Sebastião.

— S. Sebastião ! exclamei. Mas . . . o S. Sebastião que sempre vi, em imagem, estava nú, atado a uma arvore, crivado de frechas.

— Pois é esse . . .

E, sem mais dizer, metteu-se o ancião por entre as arvores e a tempo porque a luz que o vindiço irradiava já me envolvia toda em esplendor. E, dirigindo-se para mim, o grande santo sorria posto que meneasse com a cabeça como

em censura balançando airoosamente o pennacho do capacete.

Dobraram-se-me tremulamente as pernas e tombei de joelhos na alfombra florida.

XVI

O PADROEIRO

— O' meu santo ! foi tudo quanto pude dizer no deslumbramento commovido em que me estatelou a apparição radiosa.

O beato guerreiro, chamado, nos quarteis de Deus : « O defensor da Igreja », abriu-me os braços acolhedoramente, estendendo-me as mãos espalmas. Em vez de aproveitar-me do gesto de bôa avença, rojei-me de bruços aos pés do santo e já me inclinava para beijá-los, quando, precipitadamente, elle os retirou esquivando-se á minha humildade, e, levantando-me, apertou-me n'encontro ao peito acobertado, dizendo-me em tom meigo, levemente sentido de reproche :

— Em que companhia vens ! Em que companhia ! . . .

— Eu ignorava, meu santo, murmurei corrida e com medo. Cheguei, ha pouco, da terra e lá não o conheci . . .

— Mau typo ! Foi o organisador da tal empresa de arrasamento do morro do Castello. Abomino-o, não por elle haver pensado em demolir a minha igreja, mas pelo plano, que tinha, de entulhar a Guanabara com toda a terra do morro, comprometendo, assim, uma das mais bellas inspirações do Senhor. Espirito reverso, José Gomide. Espirito reverso . . .

Ouvindo meu nome pronunciado pelo santo foi tal o meu espanto que teria cahido se elle me não amparasse com a força dos seus braços e, fremente de jubilo e surpresa, exclamei :

— Senhor, como sabeis o nome de um dos mais humildes devotos da Vossa Graça ? Quem sou eu, pobre de mim ! para merecer-vos tanto ? !

— José Gomide, eu tenho a minha estatistica e por ella sei o nome de todos os que vivem nessa cidade graciosa, que os primeiros povoadores, para perpetuarem a memoria infeliz do principe que morreu em Africa e que tinha o meu nome, puzeram sob o meu patrocínio. Conheço-lhe todos os sitios, que são lindos, e, quando me invocam, em tempos de calamidades, peste ou guerra, attendo immidia-

tamente, não tanto para dar allivio aos homens, restituindo-lhes a saúde e a paz, como para gosar as delicias da terra donosa, tão bem regada, e sempre verde, com o mar a espelhar o céu e os montes. Não ha reconcavo que eu não conheça, lar, ainda o mais humilde, que não tenha visitado. Em verdade te digo que não amei Narbona com mais estreme-cida ternura do que amo essa cidade que os estrangeiros, como eu, admiram, e os naturaes estragam com indifferença que chega a ser aggravo a Deus que tanto se esmerou em tal mimo.

Quando me invocaram para defendê-la, em hora de renhido combate naval, era ainda; em toda a sua vastidão, frondosa selva brava. Os animaes desciam, á noite, dos montes e vinham beber nos rios que desaguavam no mar. Que maravilha seria se os homens tivessem aproveitado a materia prima que receberam de Deus !

Tomei parte, ainda que só uma vez visivel, em todas as lutas travadas com o selvagem e com os que vinham de longe farejando a grande presa. Vi as tribus recuarem ; vi as naus fazerem-se ao mar, vencidas ; vi cahir a floresta no littoral e surgirem as primeiras habitações. E os novos povoadores iam estendendo as moradias.

Os animaes refugiam, abalsando-se e o selvagem, expulso das ocáras, repellido a ferro e fogo, apparecia, de quando em quando, no alto dos mor-

ros, para olhar saudosamente o mar azul, coalhado de ilhas e nas areias das praias os restos das suas ubás e igaras.

Correu sangue ás ribeiradas e, enquanto alve-neis e carpinteiros iam levantando muros e cumieiras; enquanto os lenhadores derrubavam troncos, a tropa, sempre em armas, vigiava a terra nova, defendendo-a: no mar, da ambição huguenote; em terra, da furia selvagem e o homem, que trabalhava na officina ou grangeava o alfobre, tinha sempre á mão o mosquete para repellir empresas.

E assim, por entre sobresaltos, nasceu a villa e o primeiro sino soou, rangeu a primeira moenda, flammejou a primeira forja, soltaram-se rebanhos, semearam-se lavouras, abriram-se estradas até que a noite negra encontrou accesa, pendente dum ferro, no cunhal de uma esquina, a primeira candeia de azeite illuminando um nicho. E a villa cresceu em cidade. Vi chegar o primeiro navio negreiro, assisti ao desembarque tumultuoso da côrte espavorida, fui testemunha do movimento que decidiu da independencia, tenho sempre acompanhado a vida da cidade, vida que deves conhecer melhor do que eu, porque lá nasceste.

Vexada confessei:

— Não, meu santo. Não conheço. De historia sei bem a da França, um pouco da Chronica da Inglaterra, estudei a fundo Grecia e Roma, tive umas

noções de coisas do Oriente e muita leitura de almanachs. E foi só. Falai vós, que tão bem sabeis a historia da minha cidade amada. Eu ouço.

O santo franziu o sobrolho e encarou-me severo :

— Pois que ! exclamou por fim, tu tambem, José Gomide ! ?

— Eu tambem; confessei. E como eu são todos. Historia do Brasil é coisa de que ninguem cogita lá em baixo. E não vos deveis admirar da minha ignorancia porque, afinal — que fui eu na vida ? um simples bacharel, como tantos outros, rico, com algumas viagens, negocios e muitas preocupações mundanas. O meu dia passava-o parte no escriptorio ou no Fôro destrinchando autos, revolvendo processos, arrolando testemunhas, ouvindo depoimentos, sempre enredado em complicações forenses.

Recolhia-me á casa, depois de uma palestra no Rezende e achava sempre um convite que me tomava a noite. Jantares, recepções, espectaculos, coisas da vida social, atravancada de compromissos. Deitava-me tarde, ás vezes ao amanhecer. Ás dez estava de pé barbeado, banhado. Mal tinha tempo de passar os olhos pelos jornaes, attender á minha correspondencia particular. Homem que assim viveu sobrecarregado de trabalhos e solicitado pelos salões não podia cuidar de miúças historicas. Mas interrogai os que foram representantes do povo, os que falaram nas Camaras, os res-

ponsaveis pela fortuna e pela gloria da Patria, esses que tiveram responsabilidades no governo da nação e tereis delles a mesma resposta que vos dei. Ha, não nego, certos exquisitões que passam os dias consultando alfarrabios e cartapacios nas bibliothecas e escrevem artigos e livros sobre assumptos serodios. Esses são mais conhecidos dos estrangeiros do que dos nacionaes e, se recebem diplomas e laureas de universidades europeas, quando passam nas ruas, mal enjorcados, cobertos de polilha livresca e com maços de revistas debaixo do braço, todos sorriem e citam aneddotas em que elles figuram sordidamente. Os homens, lá em baixo, com rarissimas excepções, ignoram que a cidade foi fundada por vós.

— Por mim, não, contestou o santo : por Estacio de Sá.

E, suspirando, ajuntou :

— Infelizmente é verdade o que dizes. A todas as almas que sobem da tua cidade faço a mesma pergunta e todas emperram em ignorancia crassa. Umas, como tu, allegam que nada sabem por lhes não haver sobrado tempo para taes estudos, aliás de mesquinho interesse ; outras desculpam-se com a pobreza das bibliothecas e a confusão atabalhoada dos archivros. As mais eruditas respondem, com indifferença escarninha, que não haviam de preterir por umas baboseiras de indios e reinóes, bande-

rantes e negros as grandes idéas que agitam o Pensamento no seculo.

Ha aqui almas tão displicentes que até negam historia ao paiz tão desconhecido na sua grandeza que ainda não conseguiu registrar o nome na lista das nações por não saber, ao certo, se o ha de graphar com s ou com z. Absurdo dos absurdos ! Crime de lesa patria !

Todos os seres, todas as coisas têm a sua historia. A mãe que perde o filho ao nascer faz, com o minuto dessa existencia ephemera, toda uma narrativa que encheria volumes. A flôr que desabrocha de madrugada e murcha com o calor do primeiro raio de sol tem a sua historia. Falasse a formiga e contaria maravilhas da sua vida breve. Só a terra das palmeiras não tem, para seus filhos ingratos, historia que mereça ser contada e ouvida. É doloroso ! É vergonhoso !

-- De accordo, meu santo. E vou mais longe. A historia, enfim, é longa e cheia de datas e de nomes, mas o hymno ? Todos os povos cantam os seus hymnos, todos . . .

-- Sim, todos. Havia aqui uma alma de inglês que nos aturdia com o *God save the queen*. Foi preciso apagar-lhe a memoria para que nos deixasse em paz.

-- Pois é isso. Nós . . . nem sabemos se temos hymno. O que lá se canta é a *Marselhesa*. Mas . . .

sem querer fazer carga sobre os que desbravaram a minha intelligencia, digo apenas que, nesse caso, de puro civismo, nessa ignorancia humilhante, os culpados são elles. Que me fizeram soletrar na escola primaria, ou *tico-tico*, como, então, lhe chamavam ? o *Simão de Nantua*. Deram-me depois um livro de fabulas cheio de bichos que falavam, logo em seguida a grammatica francesa com os verbos irregulares e outras difficuldades alienigenas. D'ahi por diante, quando eu já conhecia os modos, os tempos e as pessoas, puzeram-me nas mãos a historia de França, a geographia da França, a litteratura, os costumes, a bravura, a gloria da França e eu, enthusiasmada, comecei a amar a França e os seus heróes e o meu ideal, então, era ser um dos pares carolinos, guerreiro atrevido e invencivel e, com uma espada de lata e um cornetim, entrava no galinheiro atirando-me á criação com o mesmo furor com que os doze de Carlos Magno investiam com gigantes e monstros e desbaratavam algaras de sarracenos.

Que sabia eu dos heróes da minha Patria ? nada. Se me houvessem falado dos tamoyos, dos bandeirantes, dos garimpeiros de Minas, dos valentes que rechassaram a Hollanda, que se oppuzeram aos da Hespanha, que repelliram os franceses, certo, em vez de eu armar-me, nas minhas batalhas imaginarias, com a Durandal de Rolando, avançaria, como

Cunhambebe, de arco e frecha ou de arcabuz como Diogo Alvares, com o mesmo enthusiasmo épico e com mais nativismo. Mas que sabia eu, pobre de mim ! dos feitos memoraveis dos fundadores e defensores da nossa nacionalidade, dos que lhe alargaram as fronteiras, nellas erigiram o altar com a cruz e fizeram soar a lingua harmoniosa e forte que aqui mesmo no Paraíso é bella ? bem pouco, quasi nada. De indios, eu conhecia os de Alencar : Pery, Ubirajara, Iracema. De heróes citava de outiva Tiradentes, Frei Caneca e o General Osorio.

Certa vez, na aula, houve verdadeiro alvoroço e bolos porque ninguem soube dizer o nome do descobridor do Brasil. Eu, por mim, confesso que, então, julgava que o Brasil havia sido descoberto por um dos filhos de Noé, que o tirára do lodo do diluvio, de sorte que o nome de Cabral soou aos meus ouvidos como sendo o de um patriarcha e, nos meus sonhos infantis, eu via o navegador descendo do monte armenio, com a familia e o gado, para estabelecer-se em uma das ruas da cidade. Coisas de criança, meu santo ; mas era assim.

As sementes que primeiro lançaram em meu espirito foram de flora exotica. Eis porque, apezar do trabalho com que, mais tarde, quizeram implantar-me no coração a arvore genealogica da familia brasileira, a primitiva floresta de tradições, lendas e historias estrangeiras supplantou-a e o que devia

ser tronco mal chegou a tige de arbusto dessorado e péco.

Remontando a estas veigas da Eternidade, além da certeza venturosa, que se está desfazendo em duvida, de que vinha contemplar a Face de Deus e vêr-vos, a todos vós, santos da côrte celestial e aos anjos e virgens e mais bemaventurados, eu pensava encontrar aqui os bellacissimos pares que tão esforçadamente se bateram pela cruz e pela corôa de ferro do grande imperador franco: Rolando, Oliveiro, Guido, todos os guerreiros carolinos e os cruzados, os templarios que arrasaram as cidades muslins, substituindo pela cruz de Christo a lua de Mahomet. Nunca pensei em tupys.

Não me accuseis de indifferença patriotica, a culpa não foi minha, mas dos que me guiaram. Se, de pequeno, me fôsem inculcando os homens do meu paiz dignos de imitação e culto, eu os teria amado; mostravam-me, porém, estrangeiros com os quaes me fui habituando e tão intima me tornei de todos elles que, ainda hoje, os estimo e considero. Bem sei que isso depõe contra o meu patriotismo, mas quero crer, meu santo, que, de todos os sentimentos do coração do homem esse é o que devera ser apurado com mais amor na escola e em casa. pelo mestre e pelos pais.

Infelizmente, porém, meu mestre sabia apenas que Cabral encontrara indios e onças no Brasil e

meus pais accrescentavam que esses indios e essas onças comiam gente ; nada mais. Ganhei tal repugnancia aos primitivos seres da minha terra que, ao ouvir falar em Moema, a que morreu de amor nas aguas do mar, logo se me afigurou uma cannibal horrenda, desgrenhada e grifanha, estripando, á beira do fogo, soldados e missionarios. Educação, meu santo. Eu não podia nascer sabendo a historia do Brasil.

O santo não retorquiu e, baixando a cabeça pensativamente, foi passo a passo por entre as arvores, e eu com elle.

Almas revejavam-se nos ramos, umas subindo ágeis, marinhando, á maneira lépida dos esquilos, em disputa dos melhores lugares ; outras, descendo vagarosas, afastavam-se a contra gosto. Paravam a espaços regarando, anjos, porém, faziam-nas proseguir para que dessem lugar ás que chegavam ansiosas pelo dôce allivio de recordar nas arvores consoladoras.

Pareceu-me haver no santo o desejo humano de rever, dormindo, a sua Narbona, porque, parando em baixo de uma perséa, ali esteve largo tempo a olhar a fronde, ouvindo o murmurio que nella faziam as almas adormecidas. Por fim, encolhendo aborrecidamente os hombros, disse-me :

— Vamos.

Proseguindo sahimos em uma estrada, ou me -

lhor : admena de cedros altos que trescalavam resinoso arôma. Grandes lyras e harpas de ouro pendiam-lhes dos ramos e pelas sombras deambulavam grupos de virgens coroadas de rosas e açucenas e anjos, que tambem me pareceram femininos pela graça gentil do andar e pelos longos cabellos soltos, aureolados por uma vita que reluzia como de fogo.

Não deram por nós. De repente um som brando, harmonioso, musica de encantamento como eu jamais ouvira, prendeu-me em extase. Eram os instrumentos eolios que temblavam ao vento e anjos e virgens, ouvindo-os, deram-se as mãos e foi em toda a tempe uma choréa graciosa.

Logo adiante, porém, outros anjos, de porte altivo e armados, rondavam graves. Alguns, detendo-se, retorciam os braços, estiravam rijamente as azas em espreguiçamentos, batiam-nas com força, ameaçando vôo, logo, porém, colhiam-nas, recaindo em melancolia, calados e taciturnos.

Sahimos do arvoredó em larga e verde campina, tão lisa na relva que se me afigurou immenso tapete, aqui, ali tufado em ilhas de palmeiras, irradiadas de crystallinos filetes d'agua. Longe, azuladas montanhas lembraram-me, com saudade, as paizagens da terra.

Encantada com a amenidade do sitio, sorria de enlevo quando, lançando-se de um dos palmares, enorme leão, de juba hirsuta, investiu connosco.

Aterrada, agarrei-me com o santo e elle, para tranquillisar-me, acenou á féra, que logo se agachou vindo, de rasto, rebolidamente, lamber-lhe os pés.

— É o leão de Marcos, disse-me o santo, animal evangelico. Podes afagá-lo sem receio : é manso.

Atrevi-me a alisar a juba do felino, que se poz a rugir baixinho, esfregando-se-me nas pernas, mais dócil que um cão. E nisso estava quando dois corvos voaram ao nosso encontro, um delles pousou-me no hombro, o outro logo o imitou. E o santo explicou-me :

— São os corvos que alimentaram o propheta Elias e Paulo o primeiro ermitão.

Disse e enxotou com brandura as aves, que abalaram juntas em rumo ás montanhas. E, de novo, puzemo-nos em marcha atravéz da planicie.

Caminhando, foi-me dizendo o santo :

— Esta é a Chanaan promettida aos justos. Os que sahem do captivo terreno vêm, atravéz dos perigos, vendo tormentos, ouvindo clamores, anseiam por esta serenidade, onde a paz nunca é perturbada nem se conhece o soffrimento. Olha e verás cabanas cobertas de flores em bosques de eloeudro e murta, nos outeiros á sombra aromatica dos sandalos, ou nas montanhas longinquas, quasi escondidas pelos cedros, mais altos do que os que deram as vigas para o templo do monte Moriah : são moradas de santos. Alguns ha que habitam cavernas

fragosas e, de quando em quando, visitam-se para falar de Deus e exaltar a Misericordia celestial. Isto, porém, é bem pouco para bemaventurados.

— É muito, meu santo ! Tanta delicia ! Aguas tão copiosas, verdura tão fresca, arôma tão grato . . .

— É bem pouco, José Gomide, digo-te eu. É bem pouco e seria horrivel se não pudessemos gosar tudo que desejamos, se não pudessemos descer á alameda das arvores reminiscentes, se os anjos não nos trouxessem novas da terra e se nós mesmos, por uma graça particular de Deus, não pudessemos, de vez em vez, baixar ao mundo. Se assim não fôsse José, a bemaventurança seria horrivel ! Se não houvesse o Mal . . . ! Que seria dos archanjos ? Não os viste amollentados, passeiando á sombra das arvores com o vagar de enfermos, experimentando as azas como as aguias prisioneiras quando se lembram, com saudade, das montanhas altas ? Que seria dos archanjos se, de éras em éras, não tivessem de correr ao avocamento dos vigilantes para dar batalha ás legiões do Adversario ? Elles esperam com ansiedade os clangores das tubas, desejam ardentemente o combate e reclamam-no. O Mal é producto do tédio e o tédio gera-se na monotonia. E o santo, com profundo suspiro, repetiu : Que seria dos archanjos se não houvesse o Mal !

— Mas então não é absoluta a felicidade no Paraíso ?

— Absoluta ? ! Absoluto é Deus. Que pôde de-sejar um santo que não tenha ? Só ha gosos no Céu, emtanto, de todo o infinito chegam constantemente romarias d'almas e de santos á floresta das arvores reminiscentes.

Além daquellas montanhas ha sete regiões de delicias, sete regiões de esplendor; todavia, são em maior numero os que procuram as sombras das arvores que fazem sonhar do que os que descem a vertente das serras para as encantadoras paragens da graça perpetua e da perpetua harmonia. Os bem-aventurados podiam residir no Empyreo e preferem cavernas e cabanas nestes campos e bosques — que lhes recordam sitios da terra dolorosa. Felicidade . . . Felizes seriam as almas se, ao chegarem ao Paraíso, deixassem, á entrada, todas as lembranças da terra, como o peregrino, no termo da jornada, sacode a poeira das sandalias. Ha, por aqui, almas tão soffredoras como as que mais padecem nos circulos de tormentos. Uma has de encontrar, nem sei como ainda não nos appareceu : é a da syracusana. Por mais que anjos e virgens instem com ella para levá-la ao Empyreo não deixa estas paragens rondando-as para vêr as almas que chegam com esperança de descobrir, entre ellas, a do filho. Subiu da terra no mesmo

côro seraphico que acompanhou a ascensão triumphal do espirito de Jeronymo.

— No quarto seculo ?

S. Sebastião voltou-se vivamente, encarando-me com surpresa e, depois de meditado silencio, durante o qual me ferreteou com olhar profundo disse, em palavras pausadas, nas quaes senti acidez sarcastica :

— Sim, no quarto seculo, José Gomide. No quarto seculo da era christan.

Manteve o olhar duro, a fito e, meneando com a cabeça em gesto recriminatorio, foi com sorriso ironico que justificou o tom da sua morosa resposta :

— E tu não sabes patavina da historia do Brasil . . . Que vergonha, José !

Não achei que dizer, engasgada com o meu vexame. Intervindo no hiato incommodo o santo continuou o raconto interrompido :

— O primeiro cuidado da syracusana, antes mesmo de perguntar por Deus, como fazem todas as almas ao chegar, foi indagar do filho. Não conseguindo noticia alguma poz-se, desde logo, a procurá-lo, afflicta até que, na secção de informações, soube do seu paradeiro. E por ali anda, arveada, a buscar sahida para ajuntar-se ao seu amor no circulo purgatorio onde o lançou a sentença do Altissimo. Agora, pergunto eu : Achas que é feliz essa alma ?

-- Não, de certo, meu santo.

-- E porque, José Gomide? Tão só porque trouxe memoria da vida que viveu na terra. Se houvesse esquecido na morte...

-- Esquecer?! Mais facil seria limitar o infinito. O amor das mãis infiltra-se-lhes nas almas como o aroma das resinas no fumo dos incenso-rios.

Assim discreteando chegamos á vista de uma cabana toda vestida de flores, em cuja porta achava-se sentado um ancião, de habito monastico e longas barbas alvas, que afagava uma corça.

-- Aquelle quem é? perguntei.

E o padroeiro, desviando o olhar do gracioso grupo, resmungou casmurro :

-- É S. Gil. Não nos damos. Foi por sua influencia que se introduziu aqui o enxovalhador do meu nome, esse tal com quem te encontrei, que pretendeu por abaixo a minha igreja tradicional, uma das reliquias da tua cidade e o convento famoso em milagres e arrasar, por negocio, o morro do Castello.

-- O Resmungão?

-- Sim, o Resmungão.

-- Em verdade, meu santo, o que ouvi áquella alma tão cheia de si, fez-me estranhar que aqui houvesse sido aceita e que ande, como anda, com desabusada empáfia, tratando os anjos de igual

para igual e receba visitas de santos na cabana que construiu.

— Que queres? o espirito de rebellião é fermento do céu: os primeiros discolos sahiram da mais alta categoria dos archanjos, tendo á frente Lúifer, illuminador do Empyreo. Vencidos e expulsos, deixaram no Paraíso a eiva da rebeldia e ella ahi está medrando em conspirações e nesses conventiculos de santos e anjos, que se reúnem na cabana do insubmisso.

— E Deus, meu santo?

— Que tem Deus?

— Receberá, por acaso, na sua presença a uma alma como a do Resmungão...

— Deus...! A presença de Deus...?! Deus não apparece a ninguem, José Gonide. Deus é invisível como todo o mysterio.

— Invisível!?

— Como toda origem.

— Mesmo no Paraíso, ás almas bemaventuradas?

— Mesmo no Paraíso. Eu ainda O não vi. Ninguem O viu jámais.

— Entretanto o Livro dos livros affirma que Elle appareceu a Moysés, no Sinai, e a outros...

— Eu ainda O não vi, é só o que te digo. O motivo das nossas discussões, quando nos reunimos, é esse Ente invisível que rege sabiamente o Uni-

verso. Imaginamo-lo, e é só. Raphael, quando lhe perguntamos por Elle, acena um gesto vago com a espada radiante e ala-se, em vôo rapido, como a esquivar-se á nossa curiosidade. Tenho percorrido todos esses ceus conversando com Kerubs e Thronos, Seraphins e Esplendores, todos O louvam, exaltam-lhe a Magnanimidade, proclamam-lhe a Omnipotencia, nenhum, porem, O descreve, não por descrição porque, em taes theorias, ha espiritos feminines, mas porque ainda O não viram.

Ambrosio acha que Elle é um ser invisivel, impalpavel que se diffunde espiritualmente : é a luz, o ar ; é a noite e o dia ; é a vida e a morte. Assim também pensou Manés. Athanasio explica que Elle tem a fórma corporea do homem, mas em proporções desmedidas. Seus olhos dão luz aos astros, das suas barbas defluem as aguas dos rios, tributarios do mar e, respirando, Elle faz a Vida e a Morte. O halito que lhe sahe do peito é a vida e o que lhe torna em hausto é a Morte. Assim é a sua Essencia que regula o rythmo, o seu coração é o pendulo universal. Elle está presente em tudo que nos cerca. Elle é o Todo e a parte, multiplo e indiviso. A sua imagem é a claridade. Ha quem assegure que Elle não se manifesta para não matar a Esperança, Virtude que liga os dois amores : a Caridade, elo dos corações dos homens entre si, e a Fé, vinculo que prende a alma ao Criador. Parece-te, tal-

vez, absurdo. Não é. Pensa bem. Se O vissemos nada mais teríamos a desejar e o desejo é a maior ventura do espirito. Temos a promessa do Archanjo que, de era em era, percorre os espaços, entre os céus, annunciando a proxima manifestação de Deus. E essa esperança, sempre delongada, é o horisonte que temos na Eternidade.

A palavra « horizonte » levou-me a olhar para o alto e vi o espaço em fulgor, scintillando em faúlhas que o imbricavam como se por elle se fôsse desenrolando, estendendo de arrasto immensa rede de ouro.

Lembrei-me da Via Lactea ainda que o velario de então fôsse mais rutilo, naturalmente porque eu o via de mais perto. E dilatava-se, sempre avançando, fúlgido. O quer que era tomava a fórma de enorme peixe, e a côr de ouro que lhe dava brilho purpureava-se em sangueira, as scintillas tornavam-se maiores, já pareciam aves de fogo, em bando, como nas arribações.

O santo não me perturbou o enlevo, só quando a nuvem ficou acima das nossas cabeças, falou dizendo-me :

— Olha para traz, José Gomide.

Voltei-me. Outro enxame subia ao encontro do primeiro : pallido, esmaecido em rôxo, como de petalas de lilás. E todo o espaço refulgiu inundado de ascuas rubras e violaceas : de um lado offus-

cante como o oriente, quando nasce o sol, no lado opposto melancolico como o occaso ao cahir da luz.

— Que quer isto dizer, meu santo ? são estrelas errantes ou anjos que vôm alto ?

— São almas, José Gomide. As vermelhas são as que chegam ansiosas de rever a terra, para sonhar nas arvores remiiscentes ; as rôxas são as que foram despertadas e deixam, com saudade, o sonho.

— Mas então é mesmo verdade que naquellas arvores . . . ?

— Sim, José Gomide, é verdade. Ali sonha-se : sonham as almas, sonham os santos. Só aos anjos não permite Deus que subam ás arvores porque, segundo se diz, foi por haver nellas sonhado que Lúçifer conspirou contra Deus, enamorado da terra, ainda virgem. Banido do céu levou consigo uma semente dessas arvores e plantou-a no Eden, entre os quatro rios. O resto debes saber, se leste a Biblia.

— Sim, meu santo, li. Estudei no Caraça.

Calamo-nos. Eu olhava as duas torrentes d'almas que se confundiam e, invejando as rubras, que iam sonhar, manifestei ao santo o meu sentimento.

— E se eu tentasse, S. Sebastião, ainda que só por experiencia . . . ?

— E porque não tentas ?

— Receio que seja tarde. Dista tanto a floresta

e para lá s'guem, de vôo, tantas myriades d'almas que, no meu vagaroso andar, e ainda que corresse, quando eu lá chegasse encontraria todos os ramos occupados.

— Vagaroso andar . . . ! Correr . . . ! estranhou o santo. E porque não has de voar ?

— Voar ? ! Eu ! Como, se não tenho azas ?

— Azas . . ! O' José, parece-me que ainda não te convenceste de que és puro espirito. Espirito não precisa de azas para voar. Quer e voarás !

— E basta querer, S. Sebastião ?

— Sem duvida. Querer é poder.

Concentrei-me e quiz. Logo, como pluma soprada pelo vento, leve, agil, fluida levantei-me no espaço e, com a rapidez do pensamento, cheguei á floresta, baixei a uma das arvores mais densas e, procurando um galho commodo, pousei entre as folhas.

O passaro voava, revoava cantando e eu ouvia o refulho das almas que chegavam, baixando em enxames sobre toda a espessura, como gafanhotos em praga.

Tive a sensação de estar mergulhando em banho morno, fechei os olhos. O canto do passaro distanciava-se, perdia-se, rumorejava esmorecidamente o sussurro das almas . . .

XVII

ENTRE O CEU E A TERRA

O' maravilha ! O meu quarto ! O meu leito com o mosquitoeiro ! A janella aberta ao sol sobre a montanha dourada ! E moscas, que eu tanto detestara em vida, pela impertinencia e por serem immundas, como me alegrou vê-las voando, pousando-me nas mãos, nas cobertas . . . e andorinhas passando em vôo de frecha pelo ar azul.

Pregões de rua, rumor de carros, gritos. Um relógio a dar horas ; o tempo, medida da vida, que não existe na Eternidade.

A campainha do telephonio, uma voz na rua bradando : « Anda hoje ! » Loteria e o seu parasito ; o bicho.

Choro de criança, latidos de cão, uivo longinquo de sereia, no mar, de certo ; algum paquete. Viagens ! . . . Mas, positivamente, era a vida na terra, a terra adorada ! O' dôce sonho !

Voltei-me no galho. No galho, não : na minha cama, sobre os lençóis de linho. Mas uma dôr aguda nas costas fez-me pensar na arvore. Com certeza alguma rugosidade no galho. Ageitei-me.

Custodio ! Sim, era elle, o meu fiel Custodio que me contemplava enternecido. E Miss Camphora, o Dr. Casimiro, sempre de sobretudo, e um mocinho ruivo, sardento, de oculos redondos, de tartaruga. Decididamente era a vida.

— Então ?

Era o Dr. que me interrogava, debruçando-se sobre mim para auscultar-me. E Miss Camphora, sempre sisuda e hirta :

— Não será bom dar-lhe um caldo, senhor doutor ?

Estremeci em alvoroço alegre : « Caldo ! Caldo de gallinha ! Comer . . . ! » Seria possivel ? ! Aplaudi a lembrança da inglesa :

— Sim, Miss ! Um caldo bem apurado, com uma rosquinha migada . . .

— Ora louvado seja Deus ! exclamou Custodio triumphante. Disso é que o patrão precisa, e com um calice de Porto por cima !

O Dr. ponderou um conselho, que não ouvi, mas

negaram-me a rosca e o vinho. Tornando a mim com o thermometro, o Dr. applicou-mo na axilla e, de relógio em punho, quedou á espera. Retirando o instrumento levantou-o á altura dos olhos para examinar a columna.

— Febre nenhuma, disse. Vai muito bem.

Eu ouvia calado, estarecido, a pensar nos anjos e no tal passaro, receioso de que me succedesse — o que sempre succede em sonhos — ser despertado antes de tomar o caldo. E enchia-se-me a boca d'agua.

— Repouso e cuidado ! recommendou o medico. E qualquer coisa que haja, telephonem-me immediatamente. Até logo. Passarei por aqui á noite.

Apertou-me a mão, abotoou o sobretudo e foi-se com o mocinho ruivo. Miss Camphora acompanhou-o. Ficou apenas Custodio encostado ao espelho da cama, olhando-me a sorrir :

— Desta vez a coisa foi séria, hein, patrão ! ? Olhe que o senhor esteve . . .

E arregalando os olhos, abicando os beiços, poz-se a sacudir a cabeça. Um som longinquo, gemente, fez-me estremecer. Seriam harpas de serafins ?

— Que é isso, Custodio ?

— Isso quê, patrão ?

— Essa musica . . .

— É um realejo.

Realejo ! . . . Então eu continuava a sonhar,

porque não ha realejos no céu. É possível que no inferno . . . Nem realejo nem caldo, e Miss Camphora, sempre solemne e caprichosa, entrava em passo de parada com a bandejinha de prata no qual fumegava a malga do caldo, cujo aroma me foi mais grato do que lá em cima o das flores dos prados e balsas immarcessiveis.

Com que gosto guloso recebi a tigella e os olhos louros da enxundia lembraram-me as scintillações dos lagos paradisiacos. Como me soube aquelle caldo ! Como me confortou ! Que delicia !

Para experimentar pedi um cigarro. Miss recusou-mo dizendo que me podia provocar a tosse. Resignei-me. Custodio retirou-se e eu, consolado no goso daquelle saboroso caldo, que me espalhava por dentro uma sensação agradável de calor e energia, como se eu tivesse engulido sol, cerrei as palpebras em beatitude.

Miss baixou o mosquiteiro e o store da janella e ia sahindo em pontas de pés quando a chamei. Com ella sentia-me guardado, sempre era uma companhia.

— Pensei que queria dormir, disse. E seria bom que dormisse. O somno é um grande remedio. Veja se dorme.

— Não, Miss. Não tenho somno. Fique. Vamos conversar um pouco. Estou ansioso por noticias da Terra. Que houve depois da minha morte ? Leia-me os jornaes, os necrologios, as descripções

que fizeram do meu enterro, a lista das pessoas que me acompanharam.

D'olhos arregalados, busto a prumo, a inglesa fitava-me retorcendo as mãos. De repente deu volta, sahiu ; ouvi retinir a campainha, passos precipitados, um resmungo zumbido e Miss tornou para junto de mim, sentando-se, dura como uma estatua. A sua attenção irrequieta dividia-se entre mim e alguém ou alguma coisa que a chamava fóra e pensei no furto em que a havia surpreendido quando, abandonando o meu corpo na eça, entre cirios, subira aos meus aposentos e, entrando pelo buraco da fechadura, fôra encontrá-la a abotoar-se com as minhas joias de familia, moedas antigas e outras preciosidades que retirara do cofre.

E disse commigo : « Naturalmdnte a typa está providenciando para repor o que me surripiou. » Insisti na minha morte e ella, sarapantada, franzia a fronte, remordia nervosamente o labio livido, rolando airada os pequeninos olhos azues.

De quando em quando voltava-se para a porta ou levantava-se de manso, ia espiar impaciente e tornava desanimada ao seu posto de guarda, de onde me observava com agudeza.

Não conseguindo arrancar-lhe palavra enclavinei as mãos no peito e deixei-me estar quieto, ouvindo os rumores da vida. E assim adormeci docemente.

Despertei ás apalpadellas de alguem e, abrindo os olhos, dei com o Dr. Casimiro, que me examinava, preocupado e Miss Camphera junto delle :

— Então ? Que é isso ?

— Isso que, Dr. ?

— Está sentindo alguma coisa ?

— Nada, felizmente.

— É . . . Não tem febre, o pulso está bem.

E falando a Miss, risonho :

— Não tem nada . . .

— É . . . Pensei . . . Poz-se a falar na morte, no enterro, a pedir os nomes das pessoas que o acompanharam, os jornaes que deram noticia. Tive medo . . .

Comprehendendo a razão do arvoamento da inglesa, affirmei :

— É verdade, Dr. Eu falei.

— Da morte ! exclamou o medico. Que morte ?

— Da minha, Dr.

— Da sua ? Então o senhor morreu ?

— Se morri ? ! Que pergunta ! Morri, estou enterrado em S. João Baptista, tão certo como achar-me aqui, falando com o senhor e Miss.

— Ah ! isso sim . . . ! Mas se o senhor morreu como póde achar-se aqui comnosco, na sua casa, na sua cama . . . ?

— Eu não estou aqui, Dr. ; estou no galho.

— No galho !

— Sim, Dr.

Entreolharam-se os dois e Miss piscou um olho ao medico, que correspondeu com um aceno de cabeça ; e eu expliquei :

— Eu estou no galho de uma das arvores remi-niscentes.

— Não comprehendo. Que arvores são essas ?

Encarei-o, e, então para convencê-lo e a Miss, resolvi contar tudo, tudo ! desde a minha morte até aquelle instante feliz. E contei.

Os dois ouviram-me em silencio, sorrindo, por vezes, com verdadeiro encanto, em certos passos maravilhosos da minha excelsa peregrinação e, quando terminei, no ponto em que me achava que, para mim, era o galho da arvore, o medico levantou-se, foi ao meu escriptorio, tornando, em pouco, com um volume encadernado em couro. Sentou-se e, folheando o livro, cruzou a perna e disse-me :

— Na ultima noite que aqui passei li em um sermão do Padre Bernardes uma passagem interessante. Cá está ella. Ouçam-na :

« Estando os Religiosos de certo mosteiro rezando as horas canonicas, um delles, que mais attentamente acompanhava a oração vocal com a meditação interior, reparando no sobredito verso do psalmo 89, onde se diz, que mil annos diante de Deus, são como o dia de hontem, que passou : desejou penetrar o espirito desta admiravel sentença,

e acabado o côro, entrou para a cerca solitario, e pensativo sobre o ponto : quando de entre a espessura do arvoredor ouviu cantar um passarinho, cuja modulação era tão varia, tão seguida, tão suave, tão saudosa, que o religioso esquecido de tudo o mais, se assentou mui de proposito a ouvi-la. Depois de um espaço, a seu parecer mui curto, explicando o passarinho os breves remos de suas ligeiras penninhas, foi cortando esse golfo dos ares, e desapareceu, deixando ao seu ouvinte assaz maguado ; porque nada do que se possui com gosto, se perde sem desconolação : voltou pois os passos para a clausura com animo de continuar a seguinte hora, que para elle era a de terça. Porém (oh maravilha nunca assaz admirada !) o Convento era outro, outras as portas, outro o côro, outros os Monges, e o Abbade : tudo desconhecia como se fôra peregrino chegado então de remotos climas. Uma vez suspeitava se estaria sonhando, outras se padeceria alguma illusão do commum inimigo, e assi mesmo pedia experiencias, que o desenganassem : nem era menos a admiração nos outros Monges, que negavam conhecê-lo pelo rosto, e pelo nome : finalmente foi preciso recorrer á fé das Chronicas, e memorias antigas do mosteiro, nas quaes se achou declarado, que no tempo de tal Abbade (que era o mesmo que elle nomeava) desaparecera o Monge Fulano, e nunca d'elle houvera mais

noticia, e feito o computo dos tempos se achou serem passados trezentos annos. Neste passo se lembrou o monge do pensamento com que sahira do cõro : entendeu o mysterio do caso, e o declarou a todos : pediu logo a Communhão Sagrada, e compondo-se honestamente sobre o leito fechou os olhos e expirou ... ! »

Fechando, então, o livro, porque o que lera era exemplo bastante para o caso, disse o medico.

— Aqui tem o meu amigo successo identico ao que lhe aconteceu. Com o monge foi um passarinho que o fez viver em um instante trezentos annos ; com o senhor foi o calor da febre que, incendiando-lhe a imaginação, o fez remontar pela morte aos céus do Paraíso. Arrependo-me de o haver medicado com tanta energia porque, com os meus apyreticos, interrompi um lindo sonho. A sua febre subiu a quarenta graus e pico, com mais um pouco teria o meu amigo chegado á presença de Deus e dar-nos-ia agora a descripção do Ser Supremo. Emfim, mais feliz do que o monge, que se deitou para morrer, conto vê-lo, em breve, de pé. Subiu ao galho da arvore para rever a terra, pois está feita a sua vontade. Cá o temos e ficará connosco ainda muitos annos, se não commetter imprudencias á noite, como a em que arranjou a pneumonia que quasi o leva. E agora tratemos de refazer o perdido. Ama-

nhan poderá tomar a sua canja com um calice de Porto velho e café. O cigarro . . . mais tarde. D'agora em diante entrarei aqui como amigo, porque o medico já não é necessario. E olhe : escreva essa historia, escreva-a porque é, deveras, interessante.

— Que a escreva ! ?

— Pois não.

E Miss ajuntou :

— Pode fazer um poema como o de Milton.

— O de Milton é o *Paraíso perdido*, o seu será o *Paraíso achado*, commentou o Dr. a rir, apertando-me a mão.

E foi-se. Miss voltou á sua cadeira e pediu-me que lhe repetisse alguns dos episodios da minha celestial aventura : o encontro com a feiticeira, as scenas em volta da arvore Haïn. E eu repeti.

Na convalescença, que foi longa e regalada de acepipes e vinhos generosos, engordei abbaialmente.

No jardim, onde respirava o ar puro das manhans, debaixo da acacia em flôr, estremecia sempre ouvindo os bemtevis que me lembravam o tal passaro paradisiaco e, mais d'uma vez, assustei-me vendo surgir das moutas, com o alfange, o velho jardineiro que, com o seu ar ferrenho e as longas barbas grisalhas, se me afigurava como o Resmungão que tanto me compromettera lá em Cima. E, ainda hoje, não sei se vivo na terra, entre vivos,

ou se me acho em alguma das arvores, no *Vergel da saudade*, a sonhar.

Moro na mesma casa, com Miss Camphora, Custodio e os antigos famulos ; sigo o regimen de outrora á mesa e em tudo. Vou ao escriptorio e ao Fôro, tenho novos constituintes ; agito-me em negocios, palestro no Rezende, continúo a vestir-me no Rabello e a calçar-me no Cadete ; tomo o meu chá na Cavé ; tenho a minha assignatura no Municipal ; vou ao callista por causa do meu olho de perdiz ; tomo iodeto que me allivia o rheumatismo ; pago as contas de Elisinha, que anda agora a namorar um tenente ; vóto, discuto politica e, duas vezes por semana, vou passar alguns instantes amáveis com Margarida, no Cosme Velho.

Estou reintegrado na vida, entretanto duvido ainda e, volta e meia, ouço o passaro ou cuido vêr um anjo a acenar-me, para que eu desça da arvore.

Quando Custodio me apparece de manhan com o café e os jornaes sempre me sobressalto.

Emfim . . . seja lá como fôr : restituído á vida ou sonhando, o certo é que sinto a terra com os seus dias de sol e os seus dias de chuva, os seus gosos e os seus tormentos. Tenho horas alegres e instantes melancolicos, aborreço-me e divirto-me, vivo, em summa.

Para distrahir-me neste inverno humido resolvi escrever o delirio dos meus quarenta e meio graus

de febre. Elle aqui está, não para imprimir-se, mas para ser offerecido, no original, ao Dr. Casimiro no dia do seu anniversario.

Vivo ou morto, na minha casa, ou espirito desencarnado sonhando no galho da arvore reminiscente, de qualquer maneira sou feliz porque estou na terra e sinto-a ; a terra ingrata, o val de lagrimas, o tormentoso inferno que eu tanto amo.

Louvado seja Senhor !

José GOMIDE.

XVIII

FELIX QUI POTUIT ...

Feliciano Themistocles Sardinha, que esgotara tres horas pacientes e seis chavenas de chá frio na leitura da preciosa communicação, diante de tão insólito remate, ficou como alguém que, ao chegar á casa, encontrasse a porta da rua escancarada e sem vestigio algum de arrombamento.

Copioso suor inundou-lhe a fronte vasta, rorejou-lhe a calva eburnea e, remordendo os beiços, o mestre ficou longo tempo de olhos fitos nas largas paginas dactylographadas. Por fim, meneando com a cabeça erudita, que é um globo intellectual de philosophia, exclamou convicto :

— Não póde ser! Não póde ser! Aquí ha coisa!

Braz Perfirio avançou concordando :

— Também acho. Uma mulher núa voando des-
averganhadamente no espaço . . .

— Que mulher ! bramiu Sardinha indignado.

Braz relanceou pela assistencia um olhar des-
confiado. Eu quedei estarecido e gelido.

Guilhermina dormia de pernas estiradas, mãos cruzadas no collo ancho. Annunciação, que des-
abotoara o collete, executava um solo nasal, acom-
panhado, por vezes, de bufidos tão fortes que, sem
duvida, nem um só fio de teia de aranha ficaria
no tecto se alguma houvesse escapado ao vasculho
de Guilhermina.

O mestre, á vista de tanta inércia, lamentou :

— Qual, meu amigo, nunca seremos um povo
especulativo ; as altas investigações dão com os
mais fortes em terra. E mostrando Guilhermina :
Nem com fermento allemão. Dorme-se sobre as
coisas mais serias. Ella, emfim, tem razão : deve
estar estrompada — fez todo o jantar e cuidou da
casa, mas Annunciação . . . E, em assomo de fu-
ror, sacudiu o nédio consocio : Acorda, homem !
Que diabo !

Annunciação, estremunhado, mugindo, rolava
esgazeadamente os olhos somnolentos. Bocejou es-
trondosamente, espichou-se, esticando os braços,
retercendo as mãos acima da cabeça, e engrolou :

— Homem, querem vocês saber uma coisa ? ro-

manceos não me abalam. Creio lá nessas baboseiras ! Póde alguém tomar a serio essa historia de ir um cidadão pelos ares encontrando mulheres núas ? Fôsse commigo ! Isso é gaita. A vida é isto aqui, cá em baixo : a carne, o vinho, a mulher ; o mais : bobagem. Que me importa a mim saber o que se passa no sobrado ?

— Então não acreditas na Eternidade, Anunciação ?

— Qual Eternidade, qual historia ! Acredito que estou com um sonno de seiscentos diabos.

Feliciano fitou em mim os olhos terebrantes e, puxando-me para um canto, interrogou-me severo :

— Fala serio ! Tu foste mesmo inspirado quando escreveste aquillo ?

E eu, com desfaçada ousadia, e para não comprometter Guilhermina, sustentando-lhe o olhar rijô, affirmei :

— Fui, mestre. Mas por amor da verdade, devo dizer o que se passou commigo durante todo o periodo da possessão espirita.

— Dize ! E que não venha de ti senão a limpa verdade.

— Sómente a verdade e pura. Logo que me sentei á mesa, alheando-me do mundo em concentração cerrada, uma nuvem empanou a claridade ambiente e foi como se eu houvesse descido ás profundas de uma catacumba. Os rumores cessa-

ram de todo, o proprio ronco de Annunciação ensurdeceu para mim. Não sei quanto tempo fiquei immovel, insensivel até que senti um choque electrico na mão direita e a penna desandou a rabis-car célere, numa furia de corisco. Senti-me, a subitas, num bem estar delicioso e tão leve que não sei como não fui parar no tecto com os sopros de Annunciação. E assim estive até que outro choque me repoz na realidade, despertando-me entre os que dormiam. E diante de mim estavam espalhadas e garatujadas as folhas mysteriosas.

— E percebes o final ?

— Não, mestre. Não percebo.

— Nem eu, disse Braz Porfirio e Annunciação rugiu :

— Nem eu !

— Isso prova apenas que ha mysterio

— Sim, que ha mysterio, ha ; concordou o mestre. Mas não te parece que o final . . ? Quem sabe se o tachygrapho . . .

— Não ! Pelo tachygrapho ponho eu a mão no fogo. Elle interpretou o que havia. Para mim o caso tem uma explicação unica. O mestre sabe que os espiritos eleitos quando descem á terra são sempre seguidos de uma ou de varias almas adversas que procuram atrapalhar as communicações. Quem sabe se esse final estranho não é obra de algum espirito obsessor ? Certa noite, invocado

Socrates, depois de meia hora de dissertação erudita, veio uma coisa tão sordida que todos os socios do Gremio, e eram homens de muita experiencia ficaram atordoados e escandalizados. Dias depois, o mesmo philosopho, manifestando-se espontaneamente, denunciou o autor da mystificação, certo Labencio, que fôra histrião em Roma, no tempo de Caracalla, homem dado a vicios torpes. Quem sabe se não é do mesmo palhaço esse final disparatado ?

— E que havemos de fazer para elucidar o caso ? Vamos tentar outra sessão . . ?

— Pois tentemos . . .

— É possível que Simeão Carangolla appareça e ponha toda essa historia em pratos limpos.

— Tens razão. Pois tentemos. E que seja no proximo sabbado. Que dizem ? consultou Sardinha.

Os socios hesitaram, mas Guilhermina poz-se em communicação conimigo por baixo da mesa, e eu disse :

— Estou prompto. Para o transcendente podem sempre contar commigo. E os demais concordaram, solidarios :

— Sempre ás ordens.

— Haverá um pato de forno, concluiu o mestre e, com o dedo hirto, mostrando a padieira da porta da alcova, onde havia caracteres traça-

dos a negro sobre uma faixa branca, arengou solemne :

--- Senhores, façamos alguma coisa que leve os nossos nomes pelos seculos futuros. E declamou : « *Felix qui potuit rerum cognoscere causas . . . !* »

Os que não sabiam latim banzaram apalermados. Eu respirei desafogado. Estava, emfim, transposto o Cabo das Tormentas. O relógio tiniu cinco horas. A luz baça da manhan dava um tom fesco ás humidas vidraças. Despedimo-nos e, á porta, Annunciação, levantando a gola do sobretudo, declarou que ainda tinha pato com arroz na guela.

— E eu ! ajuntou Porfirio.

--- Então até sabbado ! despediu-se o mestre.

--- Até sabbado !

Guilhermina torturou-me os dedos. Grande mulher ! Em caminho Annunciação desabafou :

--- Já viram maior estopada ! Eu cá não volto. Dou lá para isso ! Ainda se fôsse para um voltarete-zinho, muito bem, mas para aturar malucos e almas do outro mundo . . .

--- *Felix qui potuit . . .*

--- Qual *Felix*, qual carapuça ! Olhem, querem vocês franqueza ? Eu venho á casa do Sardinha por causa da mulher, que é incomparavel ! E repetiu : Incomparavel !

E, enfeixando os dedos nos labios chuchurreou um beijo. Eu investi ciumento :

— Pois tu queres trahir o mestre, Annunciação ?

— Trahir, eu ? Qual trahir ! Pensas que me preocupe com a alleman ? Estás enganado. E escarninho : Não é o meu genero. O que nella adoro é a cozinheira e volto no sabbado para o pato. Como e ferro, arranjem-se vocês com os espiritos.

— Eu tambem, francamente . . . murmurou Porfirio.

— Vens pelo pato ? bradou Annunciação.

— Está visto.

— Pois eu, não.

— Ah ! já sei . . . vens por causa do Felix . . . cacarejou Porfirio.

— Ou da pata . . . amigo, maliciou Lamenha, sempre dicaz.

— Pois, meu amigo, eu cá sou franco, bufou Annunciação. Essas coisas d'almas em não havendo que comer e beber não me apanham. Defuntos, querem-se no cemiterio, com uma pedra em cima.

Eu, calado, pensava nos beijos de Guilhermina e na usurpação que fizera á gloria litteraria do Leocadio.

Apartamo-nos no Largo do Deposito. Era dia e as minhas pernas vergavam. Por felicidade appareceu um tilbury tresnoitado. Atirei-me á almofada e mandei tocar :

— Para a *Gloria*, cocheiro.

INDICE

	Pag.
O centro	5
A revelação psychica	29
A sessão magna.	53
Vida e morte	67
A ascensão.	87
A feiticeira.	97
Ouro !	111
O pantano	119
Haïn	125
O valle combusto	141
Oasis.	149
Ephemerides	159
Simão Pedro, o passador.	173
No limiar	195
O vergel da saudade	203
O resmungão	211
O padroeiro	227
Entre o ceu e a terra	249
Felix qui potuit	261



Obras de JOÃO GRAVE

Os Famintos.
A Eterna Mentira.
O Último Fauno.
O Passado.
Gente Pobre.
Jornada romântica.
Reflorir.
Reinado trágico.
A Inimiga.
O Mutilado.
A Morte Vence.
Vitória de Parsifal.
Paixão e morte da Infância.
Os Sacrificados.
Os que amam e os que sofrem.
Cruel Amor.
Fogueiras de Santo António.
Gleba.
Vida do Espírito (ensaamentos)
S. Frei Gil.
Almas inquietas.
O Amor e o Destino.
Os Vivos e os Mortos.
Memórias dos dias fin-
dos — no prelo



Obras de COELHO NETO

Sertão.

A Dico de Pena.

Água de Juventa.

Romanceiro.

Teatro, vol. I, (O Relicário, Os
Ratos X. O Diabo no corpo).

Teatro, vol. IV, (Quebranto, co-
média e o sainete Nuvem).

Teatro, vol. V (O dinheiro. Ho-
nança, e o Intruso).

Fabulario.

Jardim das Offeiras.

Inverno em Flôr.

Apologos, contos para crianças.

Miragem.

Mysterio do Natal.

O Morio.

Rei Negro.

Capital Federal.

A Conquista.

A Tormenta.

Treca.

Banzo.

Turbilhão.

O meu dia.

As Sete Dóras de Nossa Senhora.

Duladilhas.

Pastoral.

Vida Mundana.

Patinho torto.

As quintas.

Scenas e Perfis.

Peira Livre — no preço.